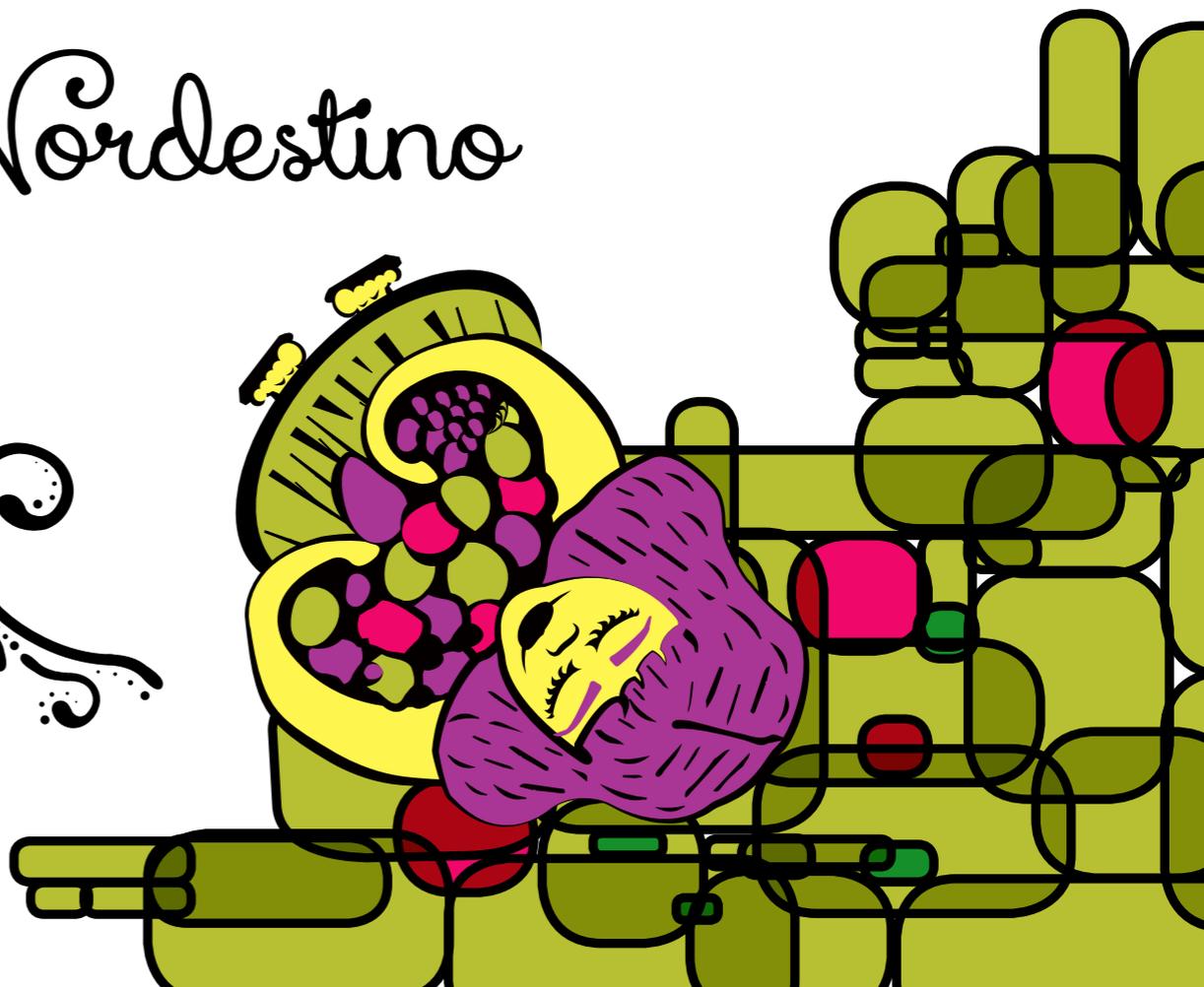
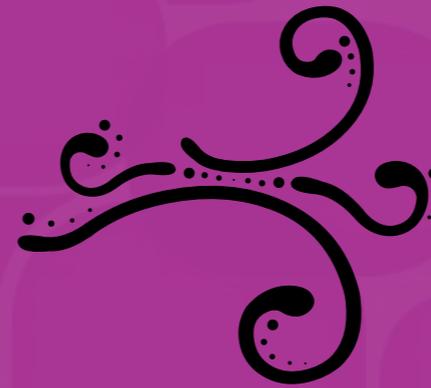


Mulheres que florescem o Semiárido Nordeste

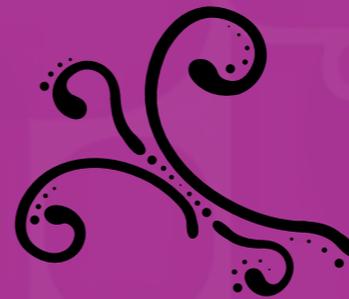
HISTÓRIAS DE
PRODUTORAS
APOIADAS PELOS
PROJETOS FIDA
NO BRASIL





Mulheres que florescem o Semiárido Nordeste

HISTÓRIAS DE
PRODUTORAS
APOIADAS PELOS
PROJETOS FIDA
NO BRASIL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F981m Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).
Mulheres que florescem o semiárido nordestino : histórias de
produtoras apoiadas pelos projetos FIDA no Brasil – [Salvador] : Fundo
Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2019.
96 p. : il. color.

Todas as histórias contadas nesta cartilha são apoiadas pelos
projetos financiados pelo FIDA no semiárido brasileiro, com o apoio do
Semear Internacional e do IICA.
ISBN 978-92-9072-903-7

1. Gênero. 2. Mulheres. 3. Produtoras rurais. I. Título.

CDU 396.5:631

REALIZAÇÃO



Ficha Técnica

SEMEAR INTERNACIONAL

COORDENAÇÃO:

Fabiana Viterbo

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO:

Ana Luiza Santos

GERÊNCIA DE GESTÃO DE CONHECIMENTO:

Aline Martins da Silva

GERÊNCIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL:

Ruth Pucheta
Esther Martins

GERÊNCIA DE M&A E COMUNICAÇÃO:

Diovanne Filho

ASSESSOR DE M&A:

Adalto Rafael

PUBLICAÇÃO

TEXTOS:

Ana Paula Debastiani
Sarah Luiza De Souza Moreira
Capítulo 9: Ednilson Barbosa
(Jornalista do Projeto Dom Távora)

REVISÃO DOS TEXTOS:

Aline Martins da Silva

EDIÇÃO FINAL DOS TEXTOS:

Emilia Chaves Mazzei

FOTOGRAFIA:

Arquivo FIDA
Capítulo 9: Manuzela Cavadas

PLANEJAMENTO VISUAL:

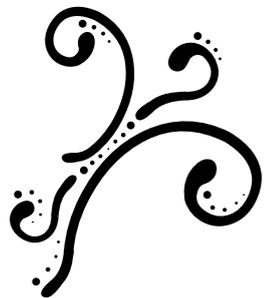
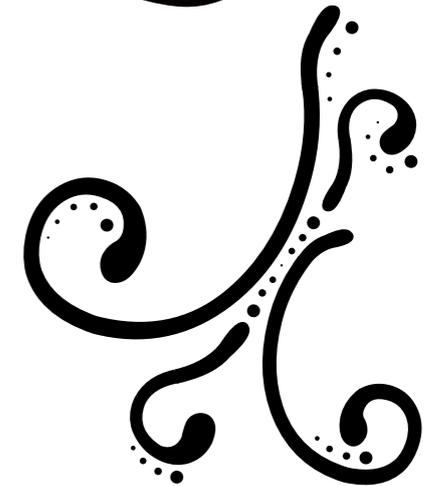
Mandalla Comunicação

Projeto Gráfico, Diagramação e
Ilustração:

Sâmila Braga Chaves

Tratamento de Imagem:

Adriano da Silva Gomes





Índice

1 • ATUAÇÃO DO FIDA NO BRASIL JUNTO COM O PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL

6

2 • COMEÇANDO A CAMINHADA SEIS HISTÓRIAS DE AGRICULTORAS BENEFICIADAS PELAS AÇÕES DOS PROJETOS FIDA NO BRASIL PARA INSPIRAR OUTRAS MULHERES PELO MUNDO

10

3 • HISTÓRIA 1: MULHERES DO PAJEÚ II: MULTIPLICANDO SOLIDARIEDADE AÇÕES DO PROJETO DOM HELDER CAMARA (PDHC) - PERNAMBUCO

15

4 • HISTÓRIA 2: ASSOCIAÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DE ITAINÓPOLIS: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA E PERSEVERANÇA AÇÕES DO PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO (PVSA) - PIAUÍ

30

5 • HISTÓRIA 3: DA HORTA PARA AS RUAS: A BATALHA DIÁRIA DE FRANCIMÁRIA POR DIAS MELHORES AÇÕES DO PROJETO PAULO FREIRE (PPF) - CEARÁ

40

6 • HISTÓRIA 4: MULHERES QUILOMBOLAS DO TALHADO: A (RE)EXISTÊNCIA DA TRADIÇÃO LOUCEIRA NA PARAÍBA AÇÕES DO PROJETO PROCASE - PARAÍBA

50

7 • HISTÓRIA 5: AS MARGARIDAS DE REMÍGIO: DO ACESSO A TERRA À CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL NA PARAÍBA AÇÕES DO PROJETO PROCASE - PARAÍBA

63

8 • HISTÓRIA 6: O COMPARTILHAMENTO DE SABERES NA REDE DE MULHERES DO SERTÃO DE SÃO FRANCISCO AÇÕES DO PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO (PSA) - BAHIA

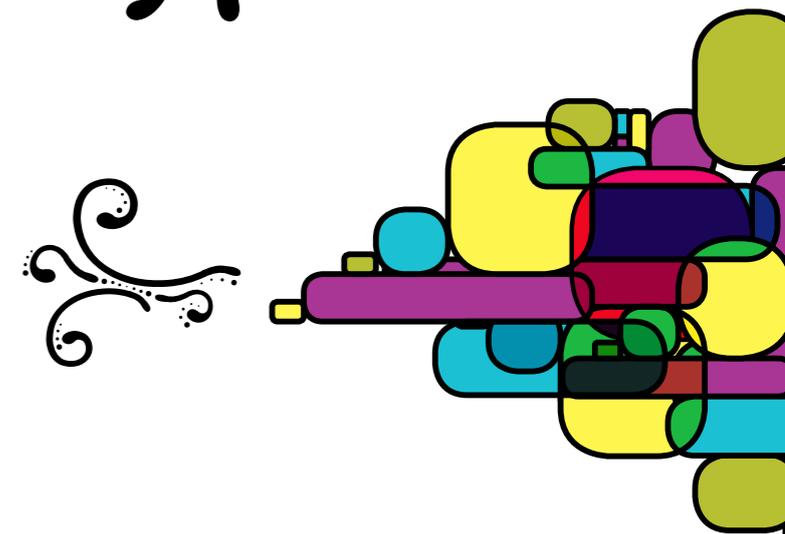
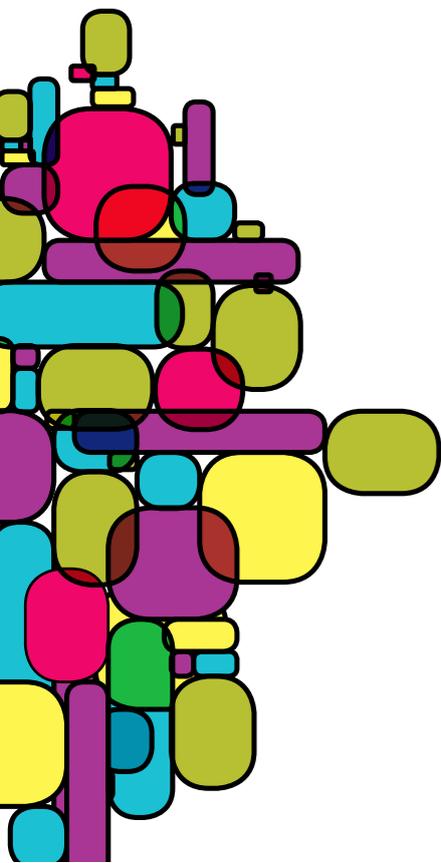
72

9 • HISTÓRIA 7: A FORÇA DA BUSCA DAS FORMIGUINHAS MULHERES DO BAIXO SÃO FRANCISCO SUPERAM A POBREZA PRODUZINDO ARTESANATO, POR MEIO DE AÇÕES DO PROJETO DOM TÁVORA - SERGIPE

84

10 • AGRADECIMENTOS

94



Atuação do FIDA no Brasil junto com o Programa Semear Internacional

O **Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA)**, uma agência de investimentos ligada às Nações Unidas (ONU), que em parceria com governos estaduais do Nordeste e com o Governo Federal, possui uma carteira de projetos de desenvolvimento rural que hoje conta com um quadro de seis projetos de financiamento em execução, que focam no desenvolvimento de projetos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados.

Com uma meta de aumentar a renda, promover a segurança alimentar e diminuir a pobreza do público beneficiário em vários estados da região Nordeste, o FIDA incentiva ações direcionadas, que tem como prioridade o envolvimento de mulheres, jovens e comunidades tradicionais.

Paralelo a este trabalho, o FIDA ainda busca realizar ações que vão além do desenvolvimento produtivo nas comunidades atendidas, estimulando o acesso à informação através de ações direcionadas e focadas no conhecimento, visando facilitar o acesso a saberes, inovações e boas práticas contextualizadas para a convivência com o Semiárido.

Assim foi criado o Programa Semear, que por seis anos atuou junto aos projetos apoiados pelo FIDA na promoção do desenvolvimento sustentável e equitativo da região.

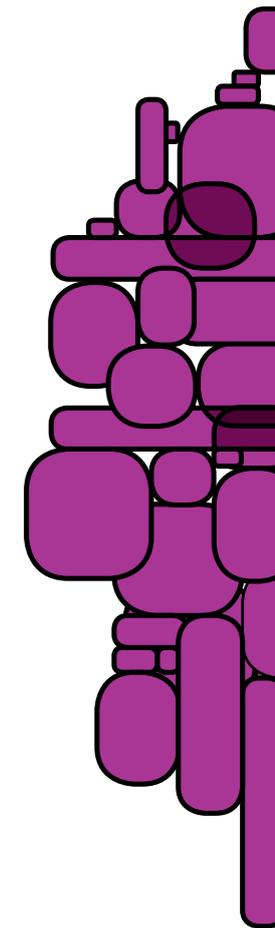
Com o sucesso do Programa Semear, uma segunda fase deste projeto foi implementada, nascendo assim o Semear Internacional, com foco no Monitoramento & Avaliação, Comunicação, Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul, apoiando sua gestão no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).

Em sua atuação, o Programa vem contribuindo de forma expressiva para a sistematização e disseminação das boas práticas dos projetos do FIDA no âmbito nacional e internacional.

Por meio de seus intercâmbios com técnicos e beneficiários dos Projetos, além de publicações em formato impresso e digital, o Semear Internacional contribui potencializando e visibilizando as boas práticas dos seis projetos do FIDA.

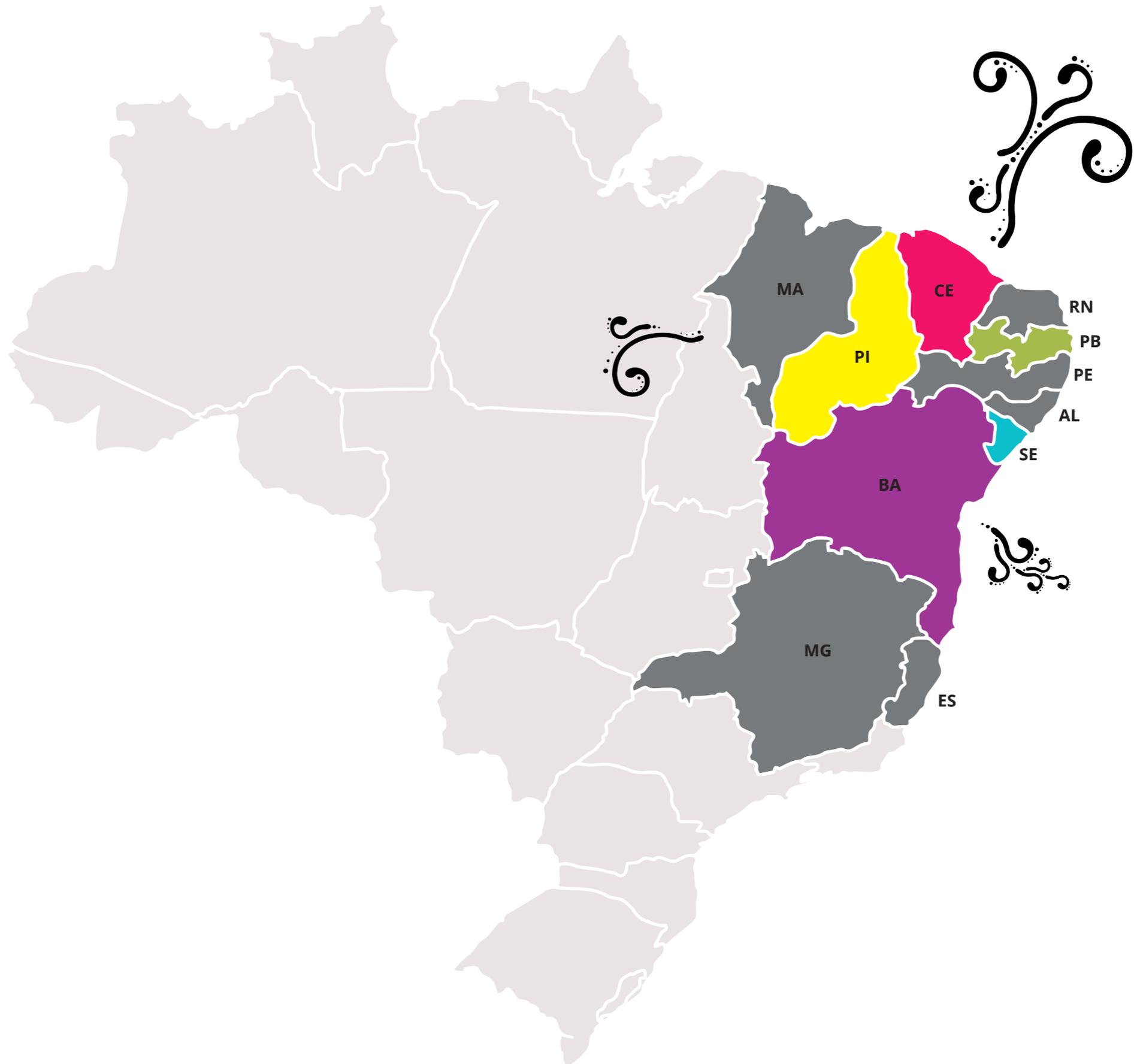


O FIDA INCENTIVA AÇÕES DIRECIONADAS, QUE TEM COMO PRIORIDADE O ENVOLVIMENTO DE MULHERES, JOVENS E COMUNIDADES TRADICIONAIS.



Todas as histórias contadas nesta cartilha são apoiadas pelos projetos financiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) no semiárido brasileiro, com o apoio do Semear Internacional e do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), que têm trabalhado para fortalecer iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, onde as mulheres são públicos prioritários. Atualmente, o FIDA é parceiro estratégico na realização de cinco projetos dos seguintes governos dos estados, por meio de acordos bilaterais: Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú - Procase), Bahia (Projeto Pró-Semiárido), Sergipe (Projeto Dom Távora), Piauí (Projeto Viva o Semiárido), Ceará (Projeto Paulo Freire); além do Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC) com o governo federal, executado pela executado pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAFC) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com abrangência em onze Estados (Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Sergipe, Maranhão e norte de Minas Gerais e Espírito Santo).







BAHIA

70 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
45.000.000

+

US\$
50.000.000

RECURSOS
DO GOVERNO
ESTADUAL



CEARÁ

60 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
32.200.000

+

US\$
39.820.000

RECURSOS
DO GOVERNO
ESTADUAL



PARAÍBA

18,5 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
25.000.000

+

US\$
15.500.000

RECURSOS
DO GOVERNO
ESTADUAL



PIAUI

22 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
20.000.000

+

US\$
12.700.000

RECURSOS
DO GOVERNO
ESTADUAL



SERGIPE

12 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
16.000.000

+

US\$
12.600.000

RECURSOS
DO GOVERNO
ESTADUAL



NE + MG + ES

74 MIL
FAMÍLIAS
BENEFICIADAS

RECURSOS
DO FIDA PARA
O PROJETO

US\$
3.000.000

+

US\$
82.000.000

RECURSOS
DO GOVERNO
FEDERAL

2 • Começando a caminhada



2. Começando a caminhada

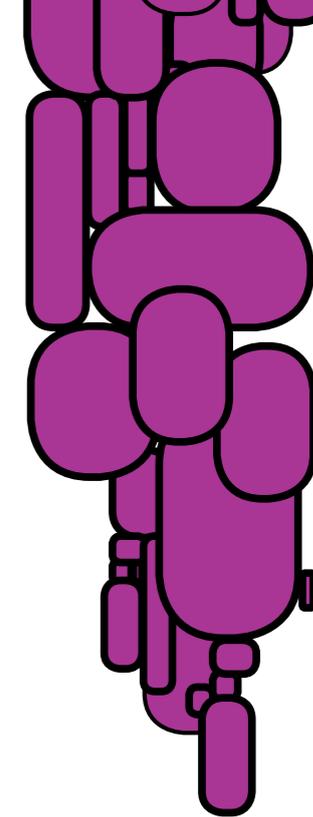
Historicamente o trabalho realizado pelas mulheres é considerado inferior, invisível e desvalorizado. O trabalho doméstico e de cuidados com a família foi atribuído como uma responsabilidade delas, enquanto que, os trabalhos vistos como produtivos, aqueles realizados no mundo público, que trazem dinheiro para casa, são vistos como masculinos. A isso chamamos de divisão sexual do trabalho. No entanto, a vida real não é assim: as mulheres estão em todos os setores da sociedade e acumulam diversas atividades, mas ainda convivem com a invisibilidade e desvalorização, além do acúmulo de trabalho. No meio rural há uma peculiaridade, pois a mulher está como trabalhadora da roça para autoconsumo familiar e para o sustento da dinâmica econômica familiar, além de ser a principal responsável, na maioria das vezes, pelos trabalhos doméstico e de cuidados com a família.

Essa cartilha vem apresentar experiências de mulheres (individuais e coletivas) que têm lutado para terem seus trabalhos reconhecidos e valorizados, enfrentando o patriarcado e o machismo cotidiano, e mostrando: podem fazer qualquer atividade, podem gerar renda, podem mudar suas realidades e de suas respectivas comunidades. Mulheres que lutaram, se reinventaram e encorajaram outras na construção de um mundo com liberdade, justiça, autonomia e equidade entre homens e mulheres. Estas são experiências de boas práticas

de mulheres rurais na busca de geração de renda, sustentabilidade e conservação da natureza, participação político-social e de enfrentamento à desigualdade de gênero e todas as formas de violência contra as mulheres.

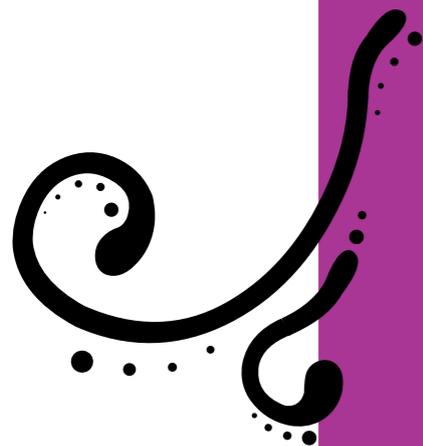
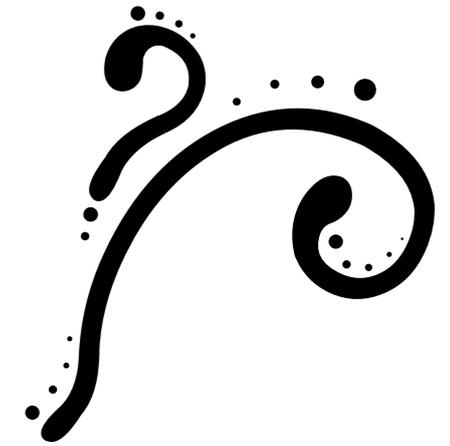
Olhar para a realidade das mulheres rurais que vivem no semiárido nordestino é ainda mais desafiador, mas não menos encantador. Frente aos desafios, elas apresentam respostas concretas e inovadoras. Contra a monocultura e as visões limitadas, mostram diversidade e riqueza de culturas e de modos de vida. Na luta contra as discriminações, opressões e desigualdades, elas revelam força, resistência, resiliência e perseverança. Em suas lidas diárias constroem a agroecologia, o feminismo, a soberania e a segurança alimentar e a convivência com o semiárido, valorizando a riqueza da vida, da biodiversidade local, das pessoas e acreditando que um mundo melhor já está acontecendo.

Nestas distintas experiências há muitas histórias, localidades, mulheres negras, quilombolas, brancas, jovens, da terceira idade, em suas casas, quintais, roçados, associações, sindicatos, feiras, redes e muita coisa em comum, a luta e a garra. Convidamos vocês a conhecer as experiências aqui sistematizadas apoiadas pelo FIDA e que já são exemplos e podem ser multiplicadas como boas práticas de mulheres no mundo rural (veja ao lado).



EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS

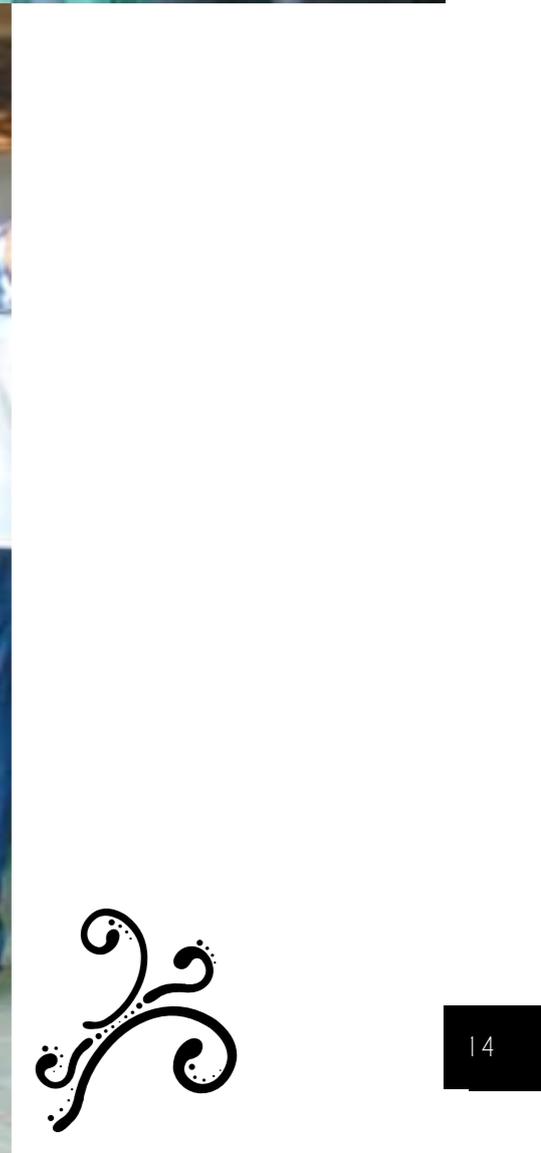
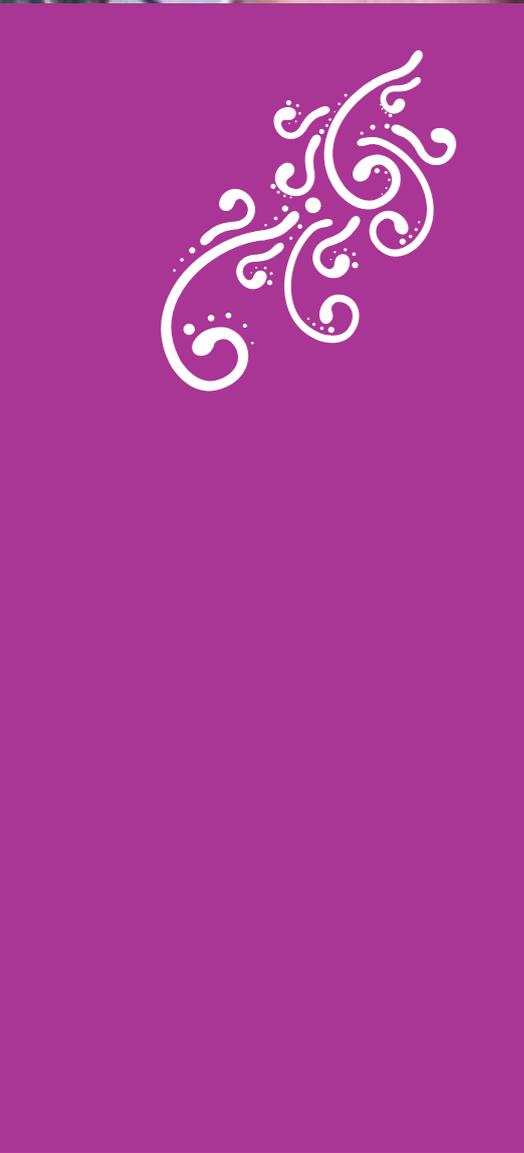
- Mulheres louceiras da Comunidade Remanescente de Quilombo Urbana da Serra do Talhado em Santa Luzia - PB
- Cozinha Comunitária “As Margaridas” em Remígio - PB
- Rede De Mulheres do Território Sertão de São Francisco – BA
- Grupo de Mulheres Guerreiras do Pajeú de Poço Redondo/Tabira – PE
- Associação de Mulheres Agricultoras de Itainópolis (AMAI) de Itainópolis/PI
- Experiência da agricultora Francimara Oliveira na produção de horticultura em seus quintal produtivo na Comunidade de Oiticica/Tauá - CE.





Sistematização
de Boas Práticas
com Foco em
Mulheres e
Equidade de
Gênero no Meio
Rural e Urbano



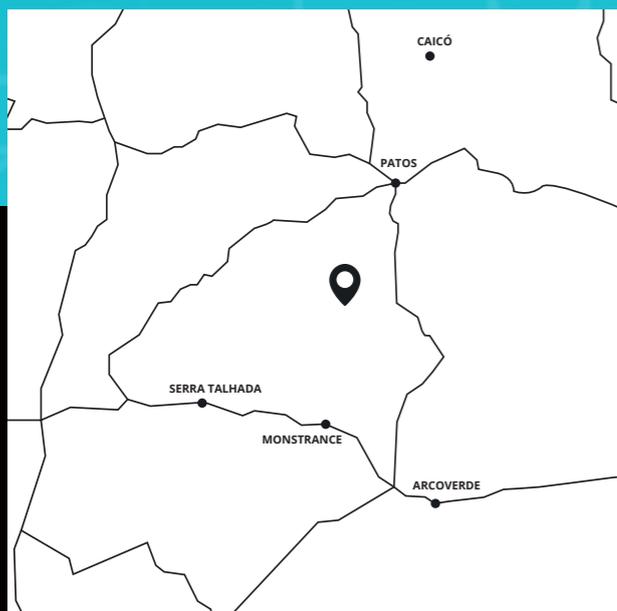




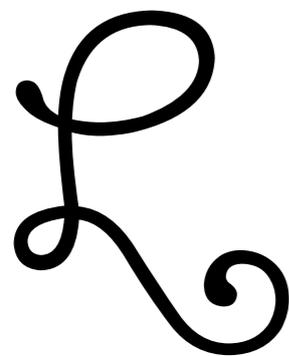
3.

Mulheres Guerreiras do Pajeú II: Multiplicando Solidariedade

LOCALIZADA NA
COMUNIDADE POÇO
REDONDO - MUNICÍPIO
DE TABIRA/PE, QUE É
BENEFICIADO PELAS AÇÕES
DIRETAS DO PROJETO DOM
HELDER CAMARA
(PDHC)



COMUNIDADE DE POÇO
REDONDO, EM TABIRA, A 395
QUILÔMETROS DE RECIFE



CONHECENDO AS MULHERES GUERREIRAS DO PAJEÚ

á na comunidade de Poço Redondo, em Tabira, a 395 quilômetros de Recife, tem um grupo chamado Guerreiras do Pajeú II, e esse nome não é por acaso. Ele é composto por 20 mulheres valentes, do sertão de Pernambuco.

Há 13 anos começaram a se organizar coletivamente, com o apoio da Associação de Mulheres Urbanas e Rurais de Tabira (Amurt), mas foi em 2007, com a chegada do Projeto Dom Helder Camara (PDHC), que realmente o grupo se fortaleceu, com o apoio e a assessoria técnica da Casa da Mulher do Nordeste (CMN).



QUEM CAMINHA SOZINHO PODE ATÉ CHEGAR MAIS RÁPIDO, MAS AQUELE QUE VAI ACOMPANHADO COM CERTEZA VAI MAIS LONGE”.

CLARICE LISPECTOR



Começaram as atividades identificando as famílias que seriam beneficiadas. Mas a lembrança de um momento muito importante para as mulheres de Poço Redondo foi a escolha coletiva do nome. Nesse mesmo encontro elas definiram os objetivos, qual seria a forma de funcionamento e, com o apoio da CMN, elaboraram um regimento, usado como referência até hoje. Esse processo de escolha do nome, da reflexão sobre qual seria esse nome que as representasse, foi definitivo para se perceberem como verdadeiras guerreiras, porque trabalharam muito para alcançar cada conquista, então o nome falava muito sobre sua trajetória.

SÁBIAS E GUERREIRAS

As guerreiras são agricultoras familiares, trabalham no roçado junto com a família produzindo milho, feijão, fava, jerimum, melancia, maxixe, aipim; mas, ao redor das casas, elas plantam suas hortas, principalmente para autoconsumo. Nessas hortas pode-se encontrar coentro, pimenta, tomate-cereja, cebolinha, pimentões, laranja, graviola, mamão, manga, pinha, goiaba, banana, acerola, seriguela e maracujá. Algumas delas criam galinhas, e até gansos, para comercializar os ovos, e vendem leite e manteiga de garrafa, de produção própria. Esses quintais produtivos contribuem para o aumento da renda da família e para garantir uma alimentação saudável na mesa, e as mulheres sabem e valorizam isso.

GRUPO GUERREIRAS DO PAJEÚ II - FOTO: RAQUEL MOURA



ATIVIDADES EM POÇO REDONDO

Muitas das diversas atividades que as mulheres tiveram acesso chegaram à comunidade Poço Redondo por meio do PDHC e serviram para fortalecer a comunidade e a organização das mulheres.

- 1 •** O Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), levou um acervo de aproximadamente duzentos livros de temas técnicos, didáticos e literários em um móvel-estante para a comunidade.
- 2 •** Foram construídas 30 cisternas de placa para captação de água para consumo humano, beneficiando 32 famílias.
- 3 •** Plantação de palma forrageira e silagem para armazenar alimentação para os animais no período da estiagem.
- 4 •** Instalação de ecofogões.

A CHEGADA DO PROJETO DOM HELDER CAMARA

O Projeto Dom Helder Camara (PDHC) trabalha os processos produtivos e organizativos de forma articulada, compreendendo como fundamental a formação sobre temas como associativismo, cooperativismo, organização coletiva, gestão participativa, acesso às políticas públicas, agroecologia, segurança alimentar, juventude, gênero, raça e etnia. O valor disso pode ser percebido após o término do projeto, pela solidez com que o grupo de mulheres continua se desenvolvendo.

Em 2018, depois de mais de dez anos, elas continuam se reunindo todos os meses para conversar sobre as necessidades do grupo – momento em que aproveitam para compartilhar anseios e desafios e se buscar maneiras de se ajudarem. Desses encontros elas organizam festas, rifas e bingos para arrecadar fundos, agendam participação em reuniões, atos públicos e definem cursos e atividades do sindicato ou da Amurt em que estarão presentes.

08 03

No dia 8 de março, por exemplo, comemorando o Dia Internacional da Mulher, na sede do município, elas marcam presença participando das ações e de palestras sobre violência contra as mulheres, saúde e organização produtiva.





PERFIL DO GRUPO

FILHOS

85%

DAS MULHERES DO GRUPO TEM ENTRE 1 E 3 FILHOS; 9% NÃO TEM FILHOS; 6% TEM MAIS DE 3 FILHOS

ESCOLARIDADE

43%

POSSUEM ENSINO MÉDIO; 26% ATÉ O 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL; 20% TERMINANDO O ENSINO FUNDAMENTAL; 10% CURSARAM/ ESTÃO CURSANDO ENSINO SUPERIOR

COR

48%

DAS MULHERES DO GRUPO SE CONSIDERAM PRETAS; 42% SE CONSIDERAM PARDAS; E 9% SE CONSIDERAM BRANCAS

IDADE

37,5%

O PERCENTUAL ABAIXO É DE MULHERES ENTRE 19 E 28 ANOS; 28% ENTRE 29 E 42 ANOS E 31% ENTRE 43 E 60 ANOS

SINDICALIZAÇÃO

75%

O PERCENTUAL ABAIXO É O DE MULHERES QUE SÃO SINDICALIZADAS

ESTADO CIVIL

81%

O PERCENTUAL ABAIXO É O DE MULHERES CASADAS; 19% SÃO SOLTEIRAS



PARCERIAS ESTRATÉGICAS

Para o fortalecimento do grupo, algumas parcerias foram consideradas por elas como estratégicas, a exemplo do Projeto Dom Hélder Câmara, fruto de um acordo de empréstimo do Governo Federal com o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida) que, segundo elas, foi fundamental para que outros tantos apoios e ações chegassem até elas. Em seguida – e tão especial quanto – foi a presença da Casa da Mulher do Nordeste na comunidade, por ser uma organização feminista que passou a realizar a assessoria do grupo, permanecendo até os dias de hoje. Foram citadas por elas outras entidades que contribuíram para o sucesso da organização, como o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Tabira, a Diaconia, que também acompanha a comunidade, e a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

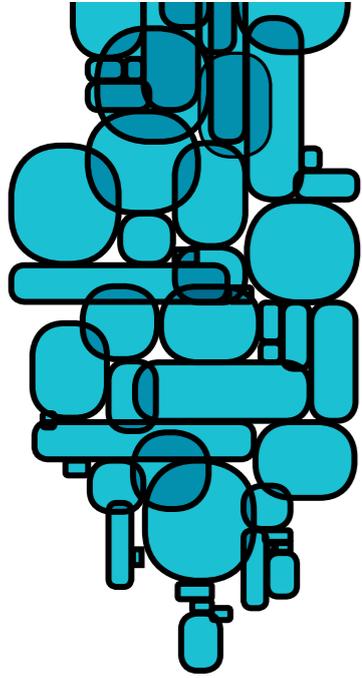
INICIATIVA QUE MULTIPLICA

Do grupo, 21 mulheres acessaram o Fundo de Investimento Social e Produtivo – Fisp Mulher, fomento, a fundo perdido, no valor de R\$ 1.050,00, para aquisição de dez aves e construção de um aviário com tela, para separar a área de criação das galinhas do restante do quintal. Esse recurso foi adquirido por família, por meio da associação, que realizou as compras e pagou a mão de obra para as construções.

Elas avaliaram positivamente esse projeto, visto que este contribuiu muito para o aumento da renda da família, na medida em que possibilitou a ampliação do número de animais nos quintais. E, complementando o trabalho, a assessoria técnica realizou oficinas para melhorar o manejo alimentar e sanitário da criação, implicando na diminuição dos custos com a produção e na qualidade da alimentação familiar.

Além disso, o grupo decidiu ampliar o número de mulheres beneficiadas da comunidade com os recursos e bens recebidos por meio do Fundo de Investimentos, reproduzindo os seus animais e distribuindo a mesma quantidade recebida para outras que não haviam sido beneficiadas, ou mesmo para aquelas que tiveram perdas no processo.





“ESSE FUNDO AJUDA MUITO. TEM HORA QUE VOCÊ ESTÁ NECESSITANDO E AQUELAS OUTRAS JÁ VÃO PAGANDO, PARA A OUTRA JÁ RECEBER.”



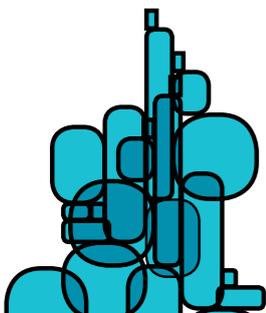
FUNDO ROTATIVO SOLIDÁRIO

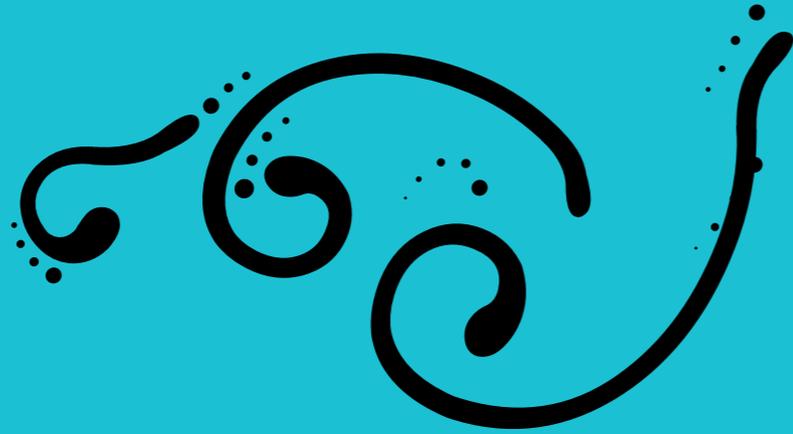
O grupo de mulheres de Poço Redondo desenvolveu na comunidade o Fundo Rotativo Solidário, uma poupança comunitária gerida coletivamente para fortalecer a agricultura familiar. A partir da perspectiva da economia feminista e solidária, as mulheres do grupo iniciaram esse fundo com a sobra de recursos do Fisp Mulher, que na época foi de R\$ 200,00.

Com o Fundo Rotativo, elas puderam investir em atividades como compra de máquina de costura, de produtos da linha de cosméticos para revenda, de linhas

e agulhas para produção de artesanato, além de ração para porco, galinha, cabras e ovelhas, especialmente em período longo de estiagem, e, quando alguma delas precisa, o Fundo cobre alguma necessidade pessoal.

Ao longo desses anos o Fundo Rotativo foi acessado por dezenas de mulheres da comunidade e, gerando renda e trabalho, sempre reservando um pequeno percentual para a reserva do fundo rotativo, e hoje, tem seu recurso triplicado, chegando a R\$ 600,00. Com orgulho, elas ressaltam que todas as decisões do grupo são tomadas no coletivo.





A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO DOM HELDER

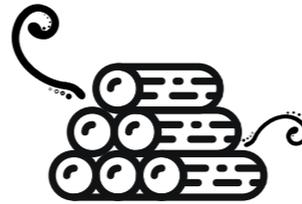
As guerreiras do Pajeú avaliaram a contribuição do PDHC para as suas vidas após uma série de mudanças nos âmbitos ambientais, econômicos, sociopolíticos e nas relações de gênero, resultados dos recursos aplicados em diversos projetos específicos, mas também da assessoria técnica contínua, fundamental para o acompanhamento das ações.



O AUMENTO DO REFLORESTAMENTO NA REGIÃO POR MEIO DO PLANTIO DE MUDAS RECEBIDAS



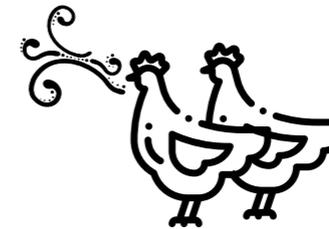
A DIMINUIÇÃO DO USO DE MADEIRA, COM OS ECOFOGÕES



MAIOR ACESSO À ÁGUA COM A CONSTRUÇÃO DE CISTERNAS PARA O CONSUMO HUMANO E PARA A PRODUÇÃO E MELHORIA DA QUALIDADE DAS ÁGUAS DOS RIOS, QUE PASSARAM A SER PRESERVADOS DEIXANDO DE SER RECEPTORES DE DEJETOS, APÓS OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO



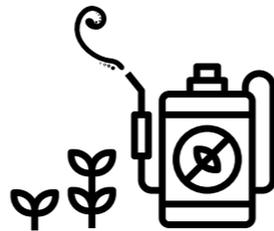
AMPLIOU-SE A QUANTIDADE DE ANIMAIS COM O PROJETO DE CRIAÇÃO DE GALINHAS



IMPACTOS AMBIENTAIS



A UTILIZAÇÃO DE ADUBO ORGÂNICO, OBTENDO MELHORIA NO REAPROVEITAMENTO DE INSUMOS, COMO AS FEZES DOS ANIMAIS, EM SUAS PLANTAÇÕES



AS NOVAS PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS DE MANEJO E INSETICIDAS NATURAIS, COMO O USO DA CALDA DO NIM PARA DIMINUIR TANTO AS DOENÇAS DOS ANIMAIS QUANTO O ATAQUE DE INSETOS ÀS PLANTAÇÕES



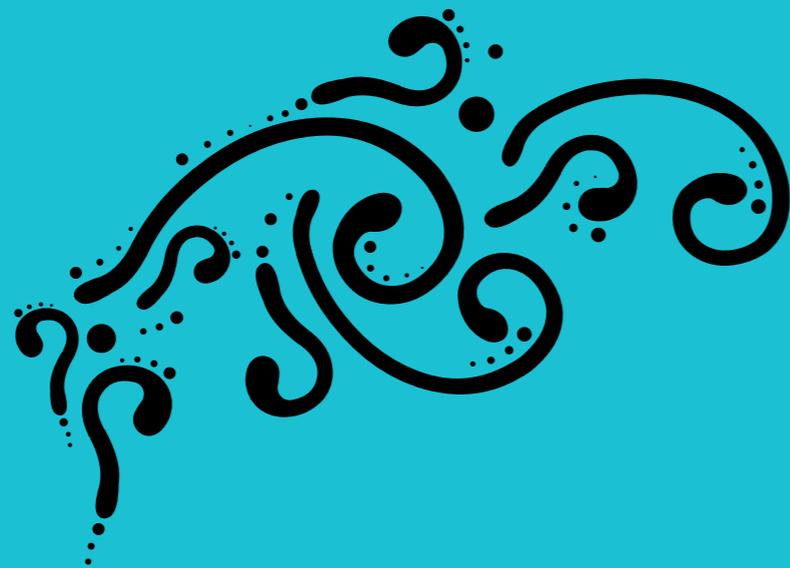
DIMINUIÇÃO DA EROSÃO DO SOLO, MINIMIZADA COM O USO DE COBERTURA MORTA E BARREIRAS NATURAIS



FERTILIDADE DO SOLO, FORTALECIDA COM O FIM DO USO DOS VENENOS E DAS QUEIMADAS



Boa parte das mudanças se deram em consequência da perspectiva agroecológica, com prioridade para a segurança alimentar dada tanto pelo PDHC quanto pela assessoria técnica da Casa da Mulher do Nordeste. O conhecimento sobre agroecologia possibilitou significativas mudanças na forma de produzir, de se relacionar com o meio ambiente, de fazer a gestão dos bens naturais, mas também de transformar as relações sociais e de gênero.

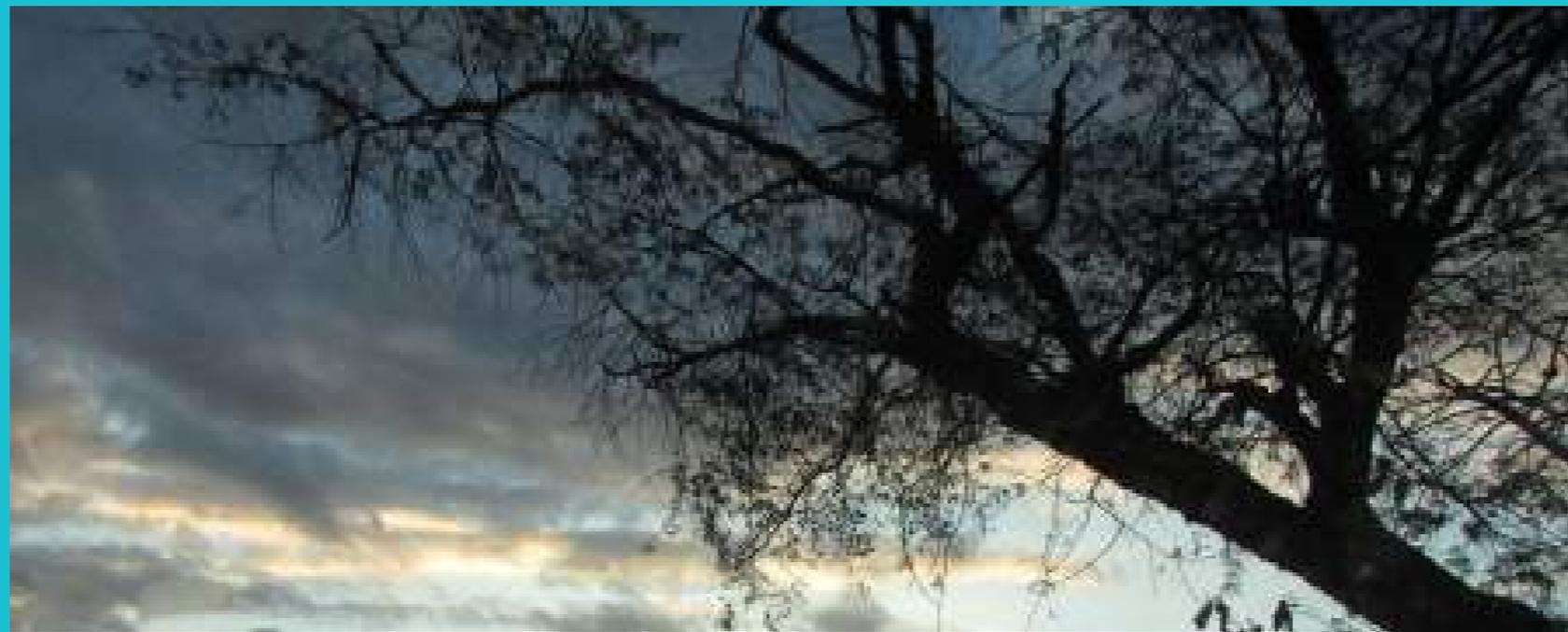


AS MUDANÇAS SOCIOPOLÍTICAS

- O projeto possibilitou o aumento da renda das mulheres, constatado pelo aumento do poder de compra, como novos equipamentos domésticos como máquina de lavar, batedeira, televisão e celular.
- Com a assessoria técnica e o aumento da produção de alimentos nos quintais, as famílias conseguiram ter alimentação mais saudável em suas mesas, e o processo de participação das mulheres da comunidade foi fortalecido com a participação em reuniões, dentro e fora da comunidade, em cursos, festividades e confraternizações.
- Ao olhar para as relações de gênero, as mulheres consideram que houve diminuição da violência contra elas, graças ao processo formativo e à sua organização, mas apontam para o desafio da divisão justa do trabalho doméstico e cuidados, mesmo que elas já tenham conseguido iniciar algumas mudanças em casa.

AS MUDANÇAS ECONÔMICAS

- Com o aumento no número de galinhas caipiras na criação e a multiplicação do investimento com a reprodução dessas aves e seu repasse para outras mulheres da comunidade, além do desenvolvimento do Fundo Rotativo Solidário.
- Outro aspecto importante foi a diversificação de produtos beneficiados, como queijo, doces, manteiga e sua comercialização local.
- E, com o aumento da produção própria, houve diminuição significativa nos custos das famílias com alimentação, percebida especialmente com os quintais produtivos, que afetam diretamente a diversidade e a qualidade da alimentação das famílias, com o consumo do leite, das verduras, ovos e carnes das propriedades. Mesmo com o aumento do trabalho – já que este é diretamente proporcional à produção – a aquisição de equipamentos como forrageiras, bomba d'água e foice elétrica tem reduzido a mão de obra mais pesada.



SEGUINDO CAMINHOS DE TRANSFORMAÇÃO

Além da parceria com o Projeto Dom Hélder Câmara, outros projetos se somaram à comunidade, a partir de ações como: a construção de três biodigestores e o projeto de ovelhas para doze famílias, pela Diaconia; dois projetos para reuso de água, pela Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú; o projeto de Quintal Produtivo e as Mulheres da Caatinga, com a Casa da Mulher do Nordeste (CMN); as ações de educação ambiental com as crianças, pela CMN em parceria com a ActionAid, além da perfuração de dois poços profundos para famílias que ainda estavam sem água para consumo.

Associado aos investimentos, ao longo desses anos, o grupo participou de uma série de cursos, entre eles: o de costura e fitas e o de produção de licores, organizados pela Prefeitura; cursos de doces e salgados e de biscoit, promovidos pela Diaconia; de produção de sabão, pela CMN, e de pães, pela Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú.

Com todas essas mudanças, ao olhar para suas histórias, conquistas e desafios, elas consideram que suas vidas servem de exemplos, já que o grupo organizado por elas realiza ações de fortalecimento coletivo das mulheres e da comunidade, o que tem gerado aprendizados individuais e coletivos, a partir das reuniões sistemáticas e do sentimento de união e apoio que tomou conta desses encontros.

“Tem muita conquista. Só de a gente estar reunida todo mês, discutir os assuntos do grupo... Às vezes tem uma companheira passando por momentos difíceis, a gente conversa, explica, ajuda com uma palavra, porque às vezes uma palavra ajuda muito mais do que o financeiro”, afirma uma das participantes. Isso para elas é o ponto forte do grupo. Sem dúvida, a solidariedade é a palavra que define essas guerreiras do Sertão do Pajeú.

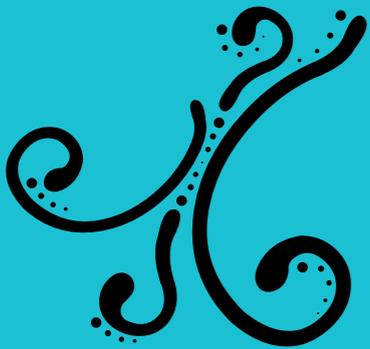


“
QUERER-SE
LIVRE É TAMBÉM
QUERER LIVRES
OS OUTROS.”

SIMONE DE BEAUVOIR



VAMOS CONHECER A VIDA DE UMA DESSAS GUERREIRAS



Rita Fortunato se apresenta, orgulhosamente, como mulher, agricultora, mãe de família, avó e representante do Grupo de Mulheres, como coordenadora, mas não só isso. Rita é também a vice-presidenta da Associação e atua no Conselho de Desenvolvimento Rural (CDR) do município de Tabira.

Ela conta que sempre gostou de participar das organizações e movimentos sociais. Desde cedo começou a frequentar o grupo de jovens e hoje faz parte de diferentes atividades, que incluem o sindicato, o Fórum de Mulheres e a Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú. Em casa, Rita produz milho, feijão, macaxeira, cultiva temperos e verduras no quintal e cria pequenos animais para o consumo da família, além de manter a casa em ordem.

Para Rita, o Projeto Dom Hélder teve papel fundamental na sua formação e na das demais companheiras da comunidade, com o aprendizado adquirido nos intercâmbios, nas oficinas, capacitações e reuniões. “Antes eu era mais aquela mulher dona de casa, da cozinha, pra luta, caseira, criando meus filhos.

E, depois do projeto, eu tive que aprender a conciliar as duas atividades: de ser dona de casa e também trabalhar pelos movimentos sociais. Eu considero que minha vida mudou muito, a partir disso aí”, conta.

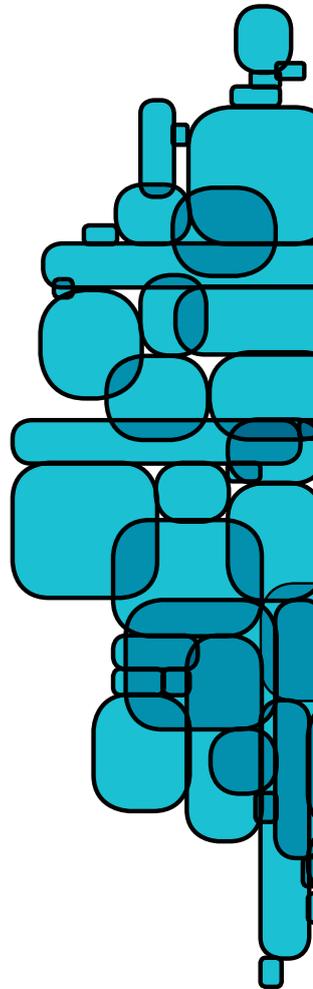
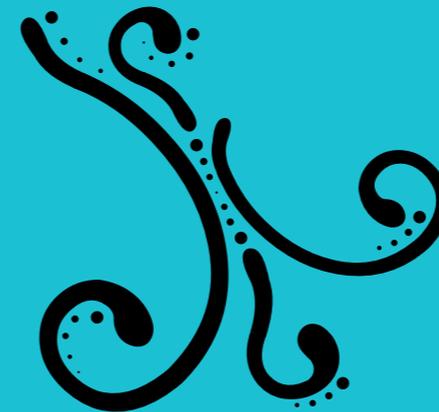
Com todas essas ações, pelos diversos projetos que acessaram, Rita diz que sua renda aumentou,





assim como de todas que participaram. Ela considera que hoje todas têm mais autonomia: “A gente ficou mais dona do nosso nariz, mais empoderada das coisas, com mais conhecimento, e ajudou a gente a ser reconhecida como mulheres trabalhadoras”. E a assessoria técnica contínua ensinou muito sobre como preservar o meio ambiente, saber o lugar certo para descartar o lixo, a não cortar madeira de lei, não fazer queimada, não usar veneno, usar somente defensivos naturais.

Rita conta que, em casa, depois de várias reuniões – inclusive uma em que o marido participou – a divisão dos trabalhos domésticos ficou mais justa, já que ela também trabalha no roçado. Passaram a trabalhar juntos nos dois ambientes.



“
EU NÃO SEREI
LIVRE ENQUANTO
ALGUMA MULHER
FOR PRISIONEIRA,
MESMO QUE AS
CORRENTES DELA
SEJAM DIFERENTES
DAS MINHAS.”

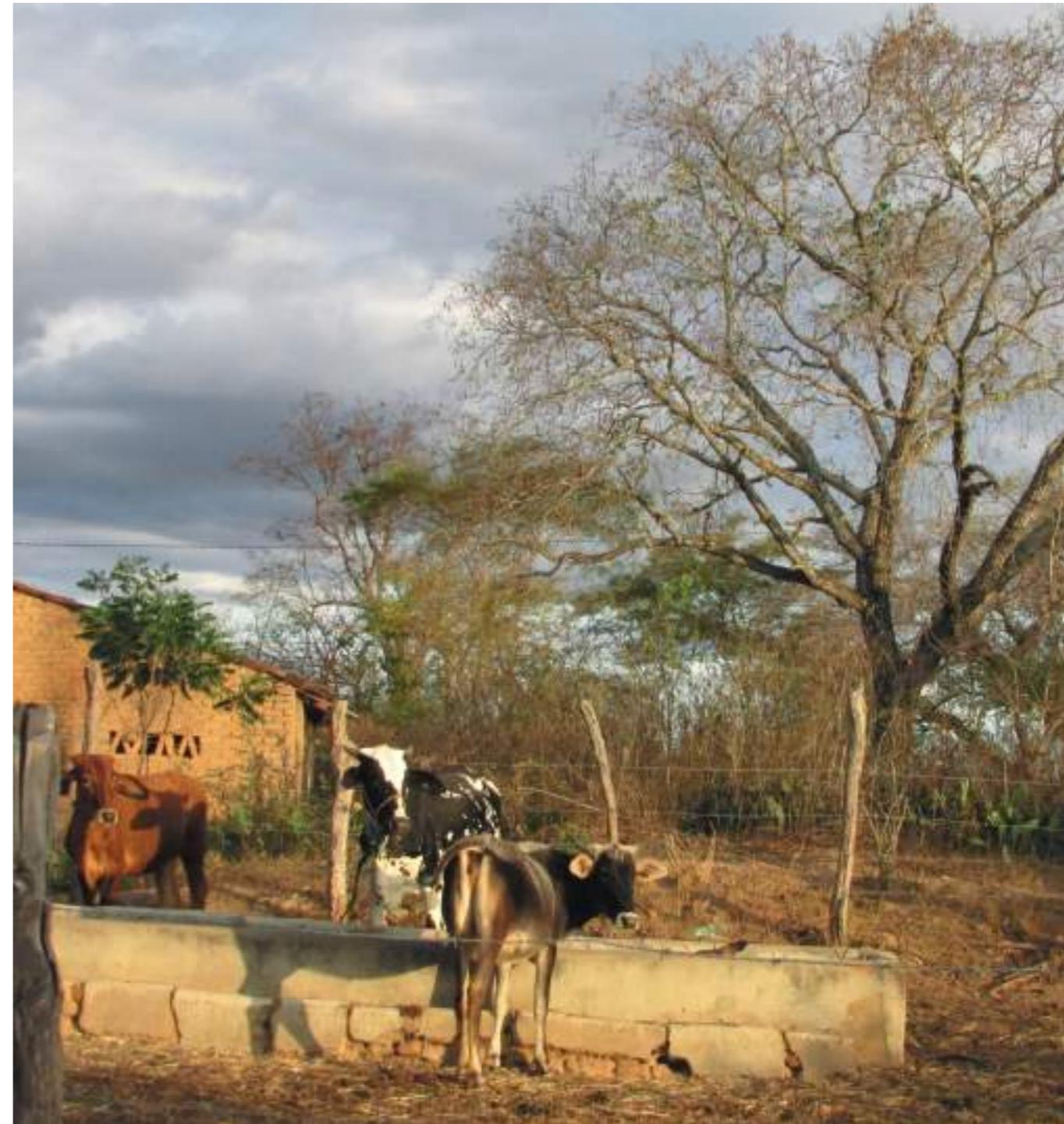
AUDRE LORDE



CASA DA MULHER DO NORDESTE (CMN)

A Casa da Mulher do Nordeste é uma organização não governamental feminista, fundada em 1980, com sede em Recife, capital de Pernambuco, com escritório em Afogados da Ingazeira, município de Pajeú. Sua missão é fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, com base na agroecologia, no feminismo e na igualdade racial.

Foi a primeira organização referencial de gênero a ser contratada pelo PDHC (fase 1), por dez anos, de 2003 a 2013, passando a ser parceira executora de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) no ano de 2004. É a principal articuladora da Rede de Mulheres Produtoras do Pajeú, na região e, no âmbito estadual e nacional, a CMN se articula com o Fórum de Mulheres de Pernambuco, as Articulações de Mulheres Brasileiras (AMB), a do Semiárido (ASA), a Nacional de Agroecologia (ANA), a Rede de Mulheres Negras, o Fórum de Economia Popular e Solidária, a Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste, a Rede Economia e Feminismo, Rede Nordeste Feminismo e Agroecologia, entre outros.



PROJETO DOM HÉLDER CÂMARA (PDHC)

Executado entre os anos de 2001 e 2010, e depois renovado na segunda fase com execução de 2014 a 2020, o Projeto de Desenvolvimento Sustentável dos Assentamentos de Reforma Agrária do Semiárido Nordeste – Projeto Dom Helder Camara (PDHC) – é inovador, financiado pelo Fida no Brasil. Em parceria com o governo federal, por meio da SAFC/MAPA, tem como objetivo contribuir com a redução da pobreza rural, possibilitando vida digna para 15 mil famílias, na sua primeira fase, em comunidades do semiárido nos estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe e Piauí, e na segunda fase, com mais 74 mil famílias, também na Bahia, Maranhão, e o norte de Minas Gerais e Espírito Santo, por meio do desenvolvimento rural sustentável. Pela perspectiva da convivência com o semiárido e do desenvolvimento territorial, o PDHC elaborou, por meio de ativa participação da sociedade civil na gestão e execução do projeto, ações que buscaram fortalecer a organização do desenvolvimento social; da produção e comercialização; dos serviços financeiros; ensino e formação; e de preservação ambiental.

Um dos destaques do projeto é a gestão participativa, por intermédio dos comitês territoriais, com atuação de beneficiárias/os e suas organizações, mobilizadores sociais, sindicatos rurais e prestadores de assistência técnica – geralmente organizações não governamentais (ONG) em todas as etapas de sua realização. Na segunda fase, a colaboração com agências pública de extensão rural foi fortalecida por meio da Agência Nacional de Assistência

Técnica e Extensão Rural (ANATER) de modo a buscar a sustentabilidade das ações, e o tema do monitoramento e avaliação foi fortalecido pela parceria com a Universidade de Brasília (UnB).

O Projeto Dom Hélder Câmara foi pioneiro ao tratar as questões de gênero, geração, raça e etnia como transversais com ações, recursos e equipes específicas. Para as questões de gênero, contrataram-se equipes referenciais, que atuavam tanto na formação das equipes técnicas e das/os mobilizadoras/es sociais quanto na organização de grupos de mulheres nas comunidades e assentamentos. Ao mesmo tempo, reconheceu e fortaleceu organizações feministas ou com perspectiva feminista nas ações de assistência técnica, como foi o caso da Casa da Mulher do Nordeste, do Centro Feminista 8 de Março, do Cunchã Coletivo Feminista (CM8) e do Centro de Pesquisa e Assessoria Esplar. Após ótima avaliação do Projeto pelo Fida, foi firmado novo convênio com o governo brasileiro para realizar sua segunda fase, que está em processo de contratação de equipes e retomada dos trabalhos.

AGRADECIMENTOS

Graciete Gonçalves dos Santos, Coordenadora Geral da Casa da Mulher do Nordeste; Raquel Moura, Educadora da Casa da Mulher do Nordeste; Wagda França, Secretária da Casa da Mulher do Nordeste e Geraldo Firmino da Silva, consultor do PDHC II.

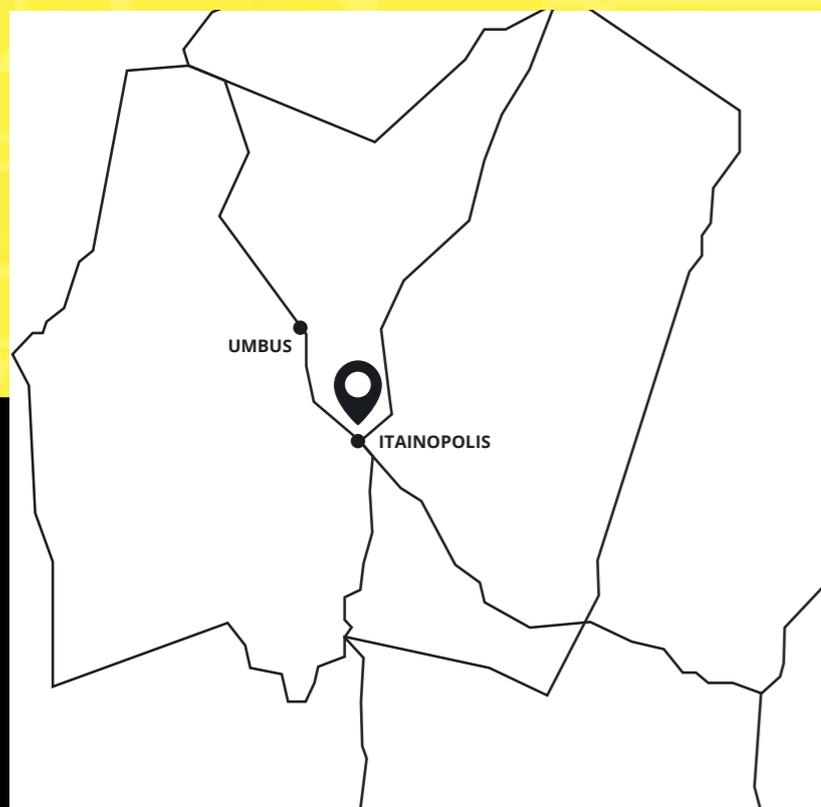




4.

Associação de Mulheres Agricultoras de Itainópolis

UMA HISTÓRIA
DE RESISTÊNCIA E
PERSEVERANÇA.
A ASSOCIAÇÃO É
BENEFICIADA PELAS
AÇÕES DO PROJETO
VIVA O SEMIÁRIDO
(PVSA)



ITAINÓPOLIS, FICA
LOCALIZADA A
APROXIMADAMENTE 390 KM
DE DISTÂNCIA DE TERESINA,
CAPITAL DO PIAUÍ.

NADANDO PELO RIO DA VIDA DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES AGRICULTORAS DE ITAINÓPOLIS

A

bela e longa história da Associação de Mulheres Agricultoras de Itainópolis (Amai) começou na década de 1980, com o processo de organização do período da constituição das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Mas foi na década de 1990 que as mulheres rurais de Itainópolis decidem formar uma organização específica e fundar a Associação. No início não foi nada fácil. Elas tiveram dificuldade de conseguir dinheiro para formalizar o grupo e precisaram convencer os homens de que a organização não era um movimento contra eles, mas uma força a mais na luta coletiva. Hoje essa realidade mudou – os homens reconhecem a importância desse espaço.

Mas, naquele período, após a Constituição de 1988, o tema direito das mulheres, que começava a permear os espaços, em especial sobre as trabalhadoras rurais, que ali passaram a ser reconhecidas e a ter acesso à aposentadoria rural e ao salário maternidade, cada conquista era uma vitória. O problema era tirar os documentos civis, já que muitas não os possuíam, e eram obrigatórios para acessar as políticas públicas, mas os registros existentes as consideraram como “do lar” ou dona de casa. Então, a primeira batalha foi por documentação. As mulheres rurais se juntaram e formaram

“NÃO ACEITO
MAIS AS COISAS
QUE NÃO POSSO
MUDAR, ESTOU
MUDANDO AS
COISAS QUE NÃO
POSSO ACEITAR”.

ANGELA DAVIS

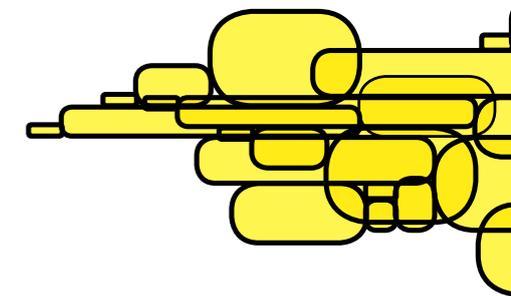


mutirões. “A gente não tinha carro, fazia o serviço de bicicleta”, “O movimento foi feito pela partilha”, recordam.

Foi nessa época que elas iniciaram, também, ações referentes à saúde coletiva, à saúde da mulher, promovendo debates e formações sobre alimentação alternativa, remédios caseiros e nutrição, com a multimistura.

Com a fundação da Amai as mulheres começaram a ocupar espaços de poder: duas associadas foram eleitas – a primeira mulher presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais, dona Francisca, e a primeira mulher agricultora como vereadora no município, dona Teresa. Para elas, isso fortaleceu o grupo e mostrou o reconhecimento do trabalho que elas vinham realizando. Depois de muita luta, o movimento sindical, na ocasião, estabeleceu cotas de, pelo menos, 30% de mulheres nas diretorias dos sindicatos, chegando hoje à paridade de gênero.

Uma importante conquista foi em 2010, quando elas conseguiram um Ponto de Cultura para o município. Lá elas faziam cursos de artesanato, de crochê, de barro, locução de rádio, comunicação, e a participação da juventude era fundamental. Agora elas tinham seu próprio espaço!



AMAI E O PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO

Foi em 2015 que o Projeto Viva o Semiárido (PVSA) chegou até a associação. As mulheres ficaram sabendo do projeto pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS).

E mulheres de diferentes comunidades do município foram contempladas com a assessoria técnica. “Somos 62 mulheres nesta associação. Destas, 35 fazem parte do Projeto. Foi aí que surgiram os núcleos, que resolvia a questão da distância entre nós”, contou uma delas. Para resolver a questão da distância entre as comunidades de Itainópolis, elas se agruparam em quatro núcleos. Estavam organizadas da forma ao lado para que a empresa Emplanta pudesse trabalhar com todas elas na elaboração do projeto. Isso foi em 2016, e o início do projeto se deu no ano seguinte.

O Projeto Viva o Semiárido é fruto da parceria entre o Governo do Piauí com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), para investir no desenvolvimento produtivo e social de comunidades rurais. Em Itainópolis, o Plano de Investimento Produtivo contemplou 35 associadas, com R\$ 263.400,00, para estruturação das unidades de produção em ovinocaprino cultura. Atualmente, após dois anos, o projeto está executando a terceira parcela desse convênio, com repasse chegando a 98% do seu valor total.

NÚCLEO 1

MULHERES DO CENTRO, COM OITO BENEFICIÁRIAS: DE BARROCAS, BARRIGUDA, BOA VISTA E FAVA

NÚCLEO 2

OITO MULHERES DA LAGOA DOS CAVALOS, DO JUNCO, DA LADEIRA E DA TABUA

NÚCLEO 3

TRAPIÁ E BAIXAS TINHAM OITO MULHERES

NÚCLEO 4

ONZE INTEGRANTES ERAM DAS COMUNIDADES DE MORRO DO MILHO, DO CAMPESTRE, DE RIACHÃO E SÍTIO





DESISTIR... EU JÁ PENSEI SERIAMENTE NISSO, MAS NUNCA ME LEVEI REALMENTE A SÉRIO; É QUE TEM MAIS CHÃO NOS MEUS OLHOS DO QUE CANSAÇO NAS MINHAS PERNAS, MAIS ESPERANÇA NOS MEUS PASSOS DO QUE TRISTEZA NOS MEUS OMBROS, MAIS ESTRADA NO MEU CORAÇÃO DO QUE MEDO NA MINHA CABEÇA”.

CORA CORALINA



IDEIAS QUE NÃO PARAM DE NASCER

As primeiras formações oferecidas pela assessoria continuada do Projeto Viva o Semiárido foram de silagem, concedida pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), e o de bolos e salgados, dada pela Secretaria do Trabalho e Empreendedorismo (Setre) do estado, por meio do Fundação de Proteção ao Meio Ambiente e Ecoturismo (Funpapi).

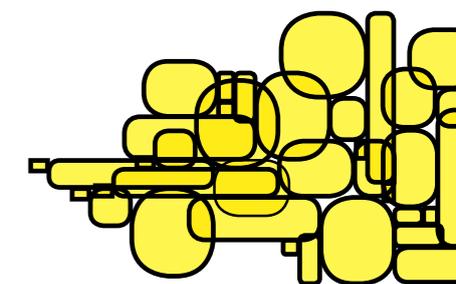
SALGADOS FEITOS COM CARNE DE BODE

O curso de bolos e salgados foi marcante para o grupo. As mulheres sabiam que com esse conhecimento poderiam aumentar a renda da família e fortalecer o grupo. E, durante as aulas, que continham muitas receitas à base de frango, elas sugeriram uma adaptação e passaram, então, a produzir coxinha, pastel, croquete, rissole, “bolinha nordestina” – tudo com a carne de bode.

Em seguida, uma das mulheres teve a oportunidade de participar do intercâmbio e do curso sobre ecogastronomia, organizado pelo Programa Semear Internacional, com o objetivo de valorizar o resgate de comidas tradicionais. Em parceria com o movimento Slow Food Brasil, a viagem foi para o estado de Sergipe, no mês de julho de 2018, e, lá, puderam receber dicas sobre como preparar pratos sem carne, substituindo por legumes, e como diminuir a farinha de trigo das receitas, acrescentando macaxeira à massa. Era mais conhecimento para o grupo de mulheres aplicarem em seus quitutes.

GERAÇÃO DE RENDA 20 MIL SALGADOS

NO ANO DE 2018, CHEGARAM A VENDER ESSA QUANTIDADE DE SALGADOS, O QUE GEROU RETORNO DE R\$ 3.400,00 EM SETE MESES.





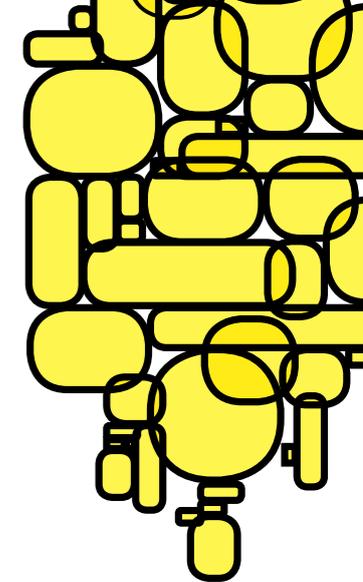
Todas as participantes da formação em bolos e salgados deram continuidade à produção aprendida, preparando a alimentação das famílias, mas dez delas comercializam salgados para festas, reuniões, cerimônias e eventos na região.

Mas o aprendizado não parou por aí. As mulheres da Amaí participaram da 1ª Exposição de Ovinocaprinocultura de Itainópolis, e tiveram contato com diversos temas sobre o assunto: um Intercâmbio no município de Pintadas, na Bahia, no qual puderam conhecer as experiências exitosas dessa cadeia produtiva; e o Curso de Gestão Participativa e Financeira de projetos, importante para saberem tocar a associação de forma efetiva. A oportunidade de irem para a Feira da Agricultura Familiar do Território, em Picos, proporcionou a venda dos doces feitos com as frutas dos quintais produtivos; e o Encontro de Jovens, em Jacobina, uma atividade realizada entre o Projeto Viva o Semiárido e a Prefeitura Municipal de Jacobina. Todas essas participações geram conhecimentos e experiência para as mulheres do grupo e fortalecem o seu processo organizativo e produtivo.

As parcerias estabelecidas com a associação das mulheres,

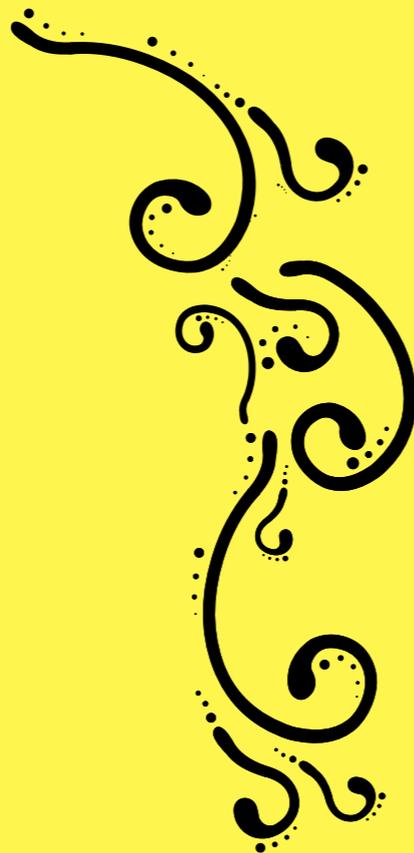
por meio do Projeto Viva o Semiárido, ao longo desses anos, contribuíram para a garantia da resistência e da luta por melhores condições de vida no semiárido piauiense. Organizações como o Fida, o Governo do Estado do Piauí e a Secretaria de Desenvolvimento Rural, assim como a Unidade Regional de Gestão do Projeto (URGP), a Unidade Gestora do Projeto (UGP), a Emplanta – são todas responsáveis pela execução do Projeto Viva o Semiárido e pela melhoria na produção das propriedades familiares. Os órgãos municipais, como o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Itainópolis, por ter dado o suporte para as mulheres, e a Prefeitura e a Secretaria de Agricultura; o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), através do qual conseguiram ter acesso ao PVSA; a Emater, que possibilitou o acesso a diversas políticas públicas, como o Garantia Safra, por exemplo, além do Programa Semear Internacional, com os intercâmbios.

Toda essa rede de apoiadores fez que o grupo pudesse percorrer essa estrada com segurança, trilhando um caminho de conquistas e autonomia, se tornando exemplo de boas práticas por toda demonstração de perseverança, capacidade de organização, participação, união, força de vontade e envolvimento político na luta pelo direito das mulheres.

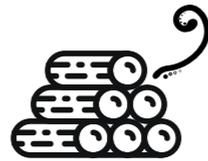


PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO MUDANDO A REALIDADE

Com a chegada do Projeto, a história do grupo e a vida das beneficiárias tomou um novo rumo. Ocorreu uma série de mudanças diretamente relacionadas às ações da assessoria técnica e à estruturação da atividade produtiva, como a relação das famílias com o meio ambiente. “O curso qualificou o que já fazíamos (no caso dos salgados), mas não mudou o mercado” declararam. Com essa realidade posta, decidiram, então, que havia necessidade de ampliar os canais e as formas de comercialização, deixando de vender a granel, individualmente. E vislumbram a possibilidade da venda para o Programa de Aquisição de Alimentos, do Governo Federal, e para a merenda nas escolas municipais da sede do município, baseada na experiência vista em Sergipe, e da Cooperativa de Pintadas, na Bahia.



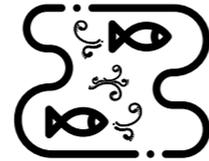
ELAS CONTAM QUE PASSARAM A NÃO DESMATAR MAIS E A UTILIZAR MENOS MADEIRA PARA A QUEIMA, APÓS AS FORMAÇÕES, O QUE TAMBÉM IMPACTOU NA DIMINUIÇÃO NA EROÇÃO DOS SOLOS



O ACESSO À ÁGUA AUMENTOU, PORQUE O PLANTIO DE PALMA POSSIBILITOU A INSTALAÇÃO DE UM SISTEMA DE IRRIGAÇÃO POR NÚCLEO E, EVENTUALMENTE, A ÁGUA DOS TANQUES DE CRIAÇÃO DE PEIXES É REUTILIZADA NA ADUBAÇÃO DE PLANTIOS, NAS PROPRIEDADES DAS BENEFICIÁRIAS



QUANTO À QUALIDADE DA ÁGUA DO RIO, AS MULHERES CONSIDERAM QUE HOVE DIMINUIÇÃO DA POLUIÇÃO



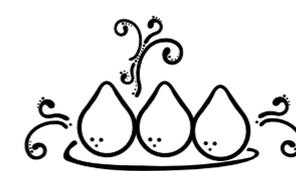
AS PRAGAS E DOENÇAS DAS PLANTAS REDUZIRAM COM O CONTROLE NO USO DOS AGROTÓXICOS



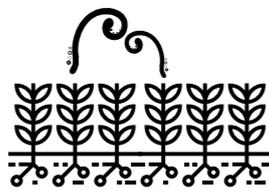
A MELHORIA DA RENDA FAMILIAR, APÓS A DIVERSIFICAÇÃO E O AUMENTO DA QUALIDADE DOS PRODUTOS PROCESSADOS, DEPOIS DA PARTICIPAÇÃO NO CURSO DE BOLOS E SALGADOS, FOI FACILMENTE SENTIDA, ASSIM COMO A SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL, COM O AUTOCONSUMO DESSA PRODUÇÃO, ALÉM DE DEIXAREM DE GASTAR COM A COMPRA DESSES ALIMENTOS



MESMO QUE AS HORAS DE TRABALHO POR DIA TENHAM AUMENTADO - EM ESPECIAL PARA AQUELAS QUE PRODUZEM E COMERCIALIZAM OS SALGADOS -, ISSO É COMPENSADO, PROPORCIONALMENTE, PELA RENDA ALCANÇADA. A AUTONOMIA E SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO DESSES QUITUTES SEGUEM COMO UM DESAFIO, VISTO QUE MUITAS DAS MATÉRIAS-PRIMAS AINDA SÃO COMPRADAS NA CIDADE



RESULTADOS DO PROJETO



A FERTILIDADE DOS SOLOS AUMENTOU APÓS O USO DE ADUBOS ORGÂNICOS NATURAIS. O USO DA PALHA DE CARNAÚBA NOS PLANTIOS E DE INSUMOS NATURAIS, COMO ESTERCO ANIMAL, TAMBÉM CONTRIBUIU PARA A PRESERVAÇÃO DOS SOLOS



AS MULHERES PERCEBERAM QUE MUITOS DOS AVANÇOS NOS ÚLTIMOS ANOS FORAM DECORRENTES DE GOVERNOS MUNICIPAIS, ESTADUAIS E FEDERAIS PROGRESSISTAS, QUE IMPLEMENTARAM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AGRICULTURA FAMILIAR E PARA AS MULHERES RURAIS



E RECONHECERAM QUE AUMENTARAM SEUS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO, COM MAIS REUNIÕES E ENCONTROS FORA DA COMUNIDADE E DO MUNICÍPIO, MAS OS MOMENTOS DE LAZER DIMINUIRAM POR CONTA DO AUMENTO NO TEMPO DEDICADO ÀS AÇÕES DO PROJETO



O PESO DO TRABALHO TAMBÉM DIMINUIU, COM A AQUISIÇÃO DA MÁQUINA FORRAGEIRA, VISTO QUE, NAS PALAVRAS DE UMA DELAS: "A GENTE NÃO PRECISA MAIS PENAR CORTANDO O CAPIM"



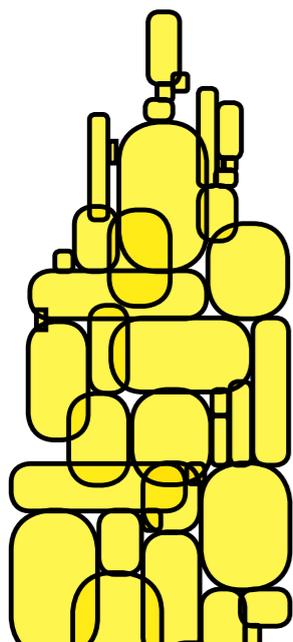
OS AVANÇOS NAS QUESTÕES DE GÊNERO FORAM MAIS TÍMIDOS. HÁ DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE A DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO, PORQUE ALGUMAS DELAS ACREBITAM QUE SEUS COMPANHEIROS PASSARAM A FAZER MAIS ATIVIDADES EM CASA, POR CONTA DO TRABALHO QUE ELAS ASSUMIRAM FORA DE CASA. OUTRAS AINDA PRECISAM DEIXAR OS AFAZERES DOMÉSTICOS PRONTOS, LOGO CEDO, PARA QUE MARIDOS E FILHOS/AS ENCONTREM A CASA ARRUMADA E A MESA DO CAFÉ DA MANHÃ POSTA, AO ACORDAREM



MAS, SE O ASSUNTO É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR, AS MULHERES SENTEM QUE HOVE DIMINUIÇÃO, DEVIDO A ELAS ESTAREM MAIS INFORMADAS E CONSCIENTES DE SEUS DIREITOS

“NUNCA SE ESQUEÇA DE QUE BASTA UMA CRISE POLÍTICA, ECONÔMICA OU RELIGIOSA PARA QUE OS DIREITOS DAS MULHERES SEJAM QUESTIONADOS. ESSES DIREITOS NÃO SÃO PERMANENTES. VOCÊ TERÁ QUE MANTER-SE VIGILANTE DURANTE TODA A SUA VIDA.”

SIMONE DE BEAUVOIR



ENTENDA O PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO

O Projeto Viva o Semiárido (PVSA) é uma ação do Governo do Estado do Piauí, em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) que, desde 2013, iniciou sua cooperação, visando reduzir a pobreza, o aumento da produção e a melhoria do padrão de vida das populações rurais com maior nível de carência social e econômica, no semiárido piauiense. As ações se dão por meio do fortalecimento de suas principais atividades produtivas, potencializando a geração de renda e o fortalecimento da organização social dessas famílias.

O Projeto atua em 89 municípios de cinco territórios do Piauí: no Vale do Sambito, em 15 municípios; no Vale do Rio Guaribas, em 39; no Vale do Rio Canindé, em 17; na Serra da Capivara, com 18 municípios; e na Chapada Vale do Rio Itaim, com 16. O trabalho é executado por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) no apoio às cadeias produtivas da apicultura, ovinocaprinocultura, cajucultura, piscicultura, avicultura, quintais produtivos, suinocultura, mandiocultura, irrigação e artesanato. E o acompanhamento das ações é garantido com a assistência técnica, a todos os beneficiários, priorizando mulheres, jovens e comunidades quilombolas.

No Componente de Desenvolvimento Humano e Social, o Projeto realiza ações de fortalecimento da educação contextualizada, por intermédio da Secretaria de Educação (Seduc) e a qualificação profissional para jovens, pela Secretaria de Trabalho e Empreendedorismo (Setre). Essas ações já envolveram cerca de 1.700 mulheres em seus projetos, e contemplaram grupos específicos de mulheres.



EMPLANTA

A Empresa de Planejamento e Assessoria Técnica Agropecuária (Emplanta) é a responsável pela assistência técnica sistemática (ATS), contratada pelo PVSA, e é quem atende a Amai. Criada em maio de 1997, constitui-se como uma empresa privada, com sede na cidade de Oeiras, no estado do Piauí.

Com a missão de gerar e adaptar tecnologias, prestar assistência técnica e extensão rural prioritariamente a agricultoras/es de base familiar, elaborar projetos de estruturação produtiva, de infraestrutura hídrica e disponibilizar bens e serviços para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar e do agronegócio, a empresa atua em 49,10% dos municípios do Piauí (109 municípios). Possui escritórios regionais, além da sede na Cidade de Oeiras, nos municípios de Picos, Paulistana e Teresina, mas iniciou suas ações nos municípios do centro-sul do estado.



VAMOS CONHECER MAIS SOBRE HELENA E O NÚCLEO DO MORRO DO MILHO

Na propriedade de dona Helena, presidenta da Amai, que fica na comunidade do Morro do Milho, ela mostra como seu quintal está produtivo e exhibe a bela plantação de palma forrageira (elefante) e a estrutura do aprisco (chiqueiro) para ovinos e caprinos, originados pelas ações do PVSA.

A área das palmas é coletiva, mas cada uma das onze mulheres que compõem o núcleo recebeu recursos para construir apriscos individuais. Elas ainda estão aguardando a compra dos animais, mas a maioria já aproveita a estrutura e a alimentação das palmas para as outras criações.

Helena considera que sua casa é dentro da roça, e sua roça é o quintal. Ela passa a maior parte do seu tempo dedicada a esse espaço. E impressiona a diversidade de verduras, frutas, plantas medicinais e comestíveis existente, tendo desde maracujá, mamão, manga, seriguela, banana, amora, goiaba, cana-caiana, erva-cidreira, boldo, capim elefante, até uva.

E é nesse mesmo quintal que está o aprisco para ovinos e caprinos, e a criação dos porcos e galinhas, todos voltados para o consumo da família, mas nada impede que ela faça trocas com a vizinhança e venda o excedente. Ao lado pode-se ver a plantação de palmas que dona Helena usa para alimentar os animais, e o tanque da piscicultura, onde o marido de Helena, seu Emi, desenvolve a criação de tambaqui. Além de tudo isso, a família desenvolve a apicultura com quinze caixas de abelhas localizadas em uma mata próxima à casa.

Toda essa diversidade de produção de Helena e seu Emi melhorou a vida da família, que pôde ser vista com a reforma que o casal está fazendo na casa e mostram, com orgulho, por exemplo, o guarda-roupa de alvenaria e porcelanato que estão colocando no quarto do casal. A experiência de Helena destaca a contribuição econômica das mulheres para as famílias e para o desenvolvimento da comunidade.



AGRADECIMENTOS

Projeto Viva o Semiárido (PVSA): Lucia Araújo, Diretora Técnica PVSA/SDR-UGP (mobilização); Júlia Aires, Consultora de Quintais Produtivos/SDR-UGP (relatoria, fotografia); Francisca Medianeira, Eberson e Domerval (Setre e Emater)/Equipe URGP Vale do Guaribas (mobilização, logística, organização); João Batista de Oliveira, vereador e presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (mobilização e logística); João Luís de Lima (presidente)/Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (local do evento); Ailton Pimentel Benice, locutor da Rádio Vale do Itaim e fotógrafo (sonoplastia e fotografia); Gildevan de Souza, Engenheiro Agrônomo da ATC/Emplanta (mobilização e informações sobre o grupo); Maria de Jesus Rocha e Souza, técnica da Emater (acompanhamento na visita de campo).

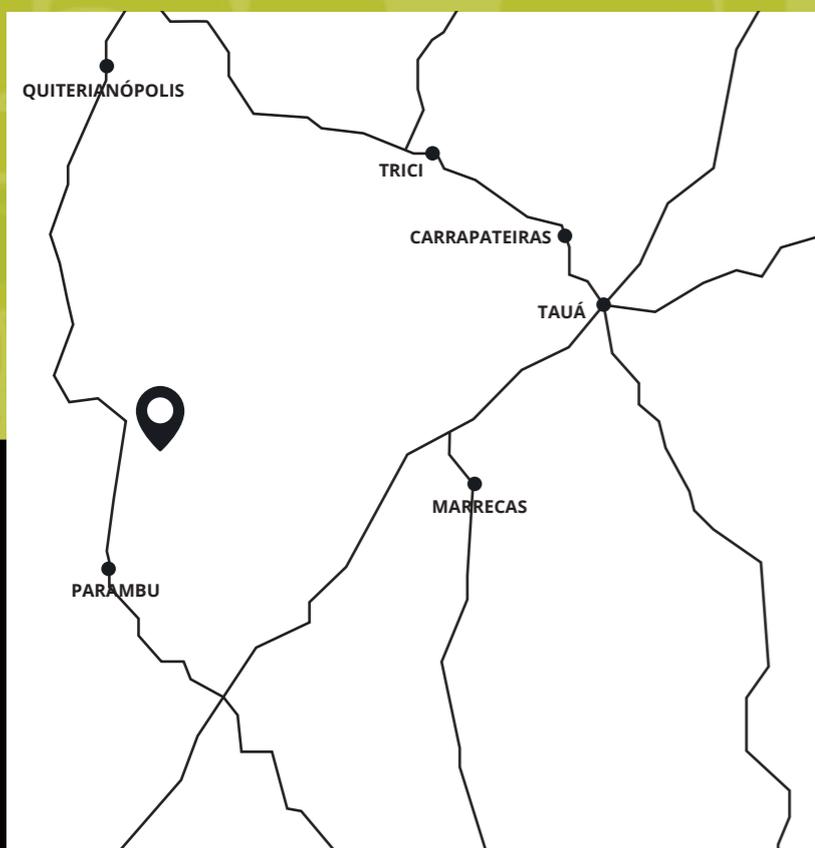




5.

Da horta para as ruas!

A BATALHA DIÁRIA DE FRANCIMÁRIA POR DIAS MELHORES. O CASO DE UMA PRODUTORA RURAL BENEFICIADA COM AÇÕES E APOIO DO PROJETO PAULO FREIRE (PPF)



OITICICA, EM TAUÁ, A 331 KM DE FORTALEZA, CAPITAL DO CEARÁ

FORÇA EM FORMA DE MULHER

Francimária Gomes de Oliveira tem 45 anos. Mais conhecida como Cimara, nasceu e cresceu na comunidade de Oiticica, em Tauá, a 331 km de Fortaleza, capital do Ceará. Ela trabalhou desde os doze anos na roça, com o pai, mas, ao se casar, aos quinze anos, passou a trabalhar com o esposo. Nessa época eles viviam em uma casa de taipa, mantida até hoje, ao lado da casa de alvenaria onde vivem, em que criaram seus filhos. “Pra poder conseguir uma de alvenaria deu trabalho”, conta.

“
É PELO TRABALHO
QUE A MULHER
VEM DIMINUINDO
A DISTÂNCIA
QUE A SEPARAVA
DO HOMEM,
SOMENTE O
TRABALHO PODERÁ
GARANTIR-LHE UMA
INDEPENDÊNCIA
CONCRETA.”

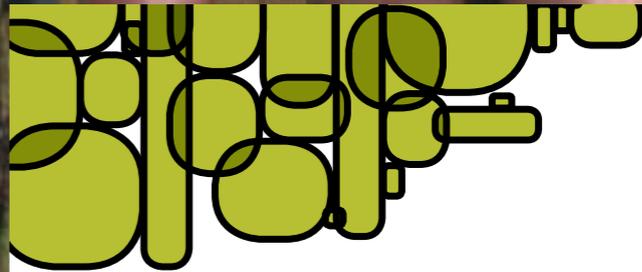
SIMONE DE BEAUVOIR

“ Cimara mora com seus dois filhos, um jovem de 28 e uma de 25 anos, o esposo e dois netos. Se fossem depender do trabalho da roça, apenas, eles passariam muita necessidade: “Nós passava precisão, tinha dia que não tinha nem um pão pra comer, tinha que comprar fiado, não dava pra ir todo dia na ‘bodega’, não tinha mistura (carne, ovos ou outra proteína) na nossa mesa todo dia”, afirma. Por isso, ela decidiu vender pastel, coxinha, enroladinho e cocada, que fazia e saía todas as tardes para vender de porta em porta. Assim, Cimara viu que tinha jeito para o comércio.

O PASSO A PASSO DE UMA GUERREIRA

Preparou cinco canteiros e desenvolveu uma horta para vender a produção na localidade vizinha, chamada de Vila de Vera Cruz. “A vida começou a melhorar depois dos canteiros, porque só a roça não estava dando conta”, diz Cimara. Com a nova atividade e o aumento da produção, ela acessou o Programa de Aquisição de Alimentos (PPA) e, em 2004, se tornou a primeira agricultora da comunidade a comercializar seus produtos para o mercado institucional, o que foi um primeiro grande marco na mudança da sua vida. Com a nova atuação, toda a família passou a se envolver no plantio.







CASA E VIDA: FRUTOS DA LUTA DE CIMARA

Hoje, Cimara fornece para o Programa alface, cheiro verde, mamão, bolo e doce e recebe o pagamento a cada três meses. Ela conta que chegou a receber R\$ 4.500,00, mas hoje, com a diminuição do aporte financeiro por meio do governo federal, o valor diminuiu e passou a ser de R\$ 2.500,00, por entrega.

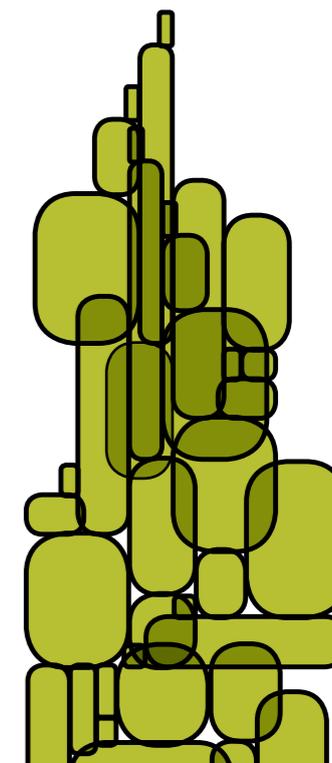
Foi com o trabalho para fornecimento ao PAA que ela juntou dinheiro para investir na propriedade: cavou um poço e instalou irrigação na horta. Essa atitude foi fundamental para dar mais estabilidade à sua produção e diminuir o peso do trabalho. E construiu a tão sonhada casa nova, de alvenaria, em 2005.

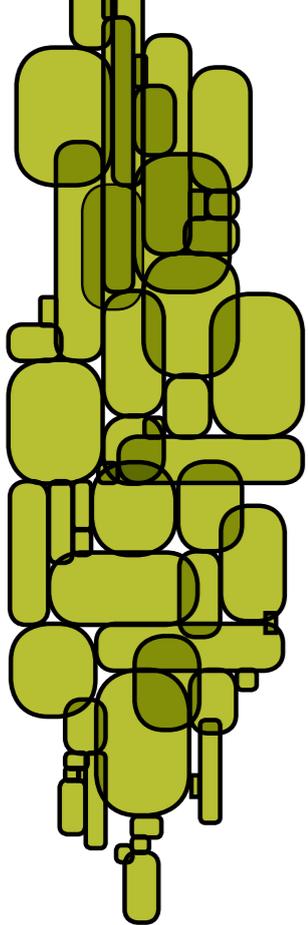


Foi com esse trabalho voltado para o PAA que ela se tornou uma referência para as mulheres da comunidade. “Aqui, só quem tinha canteiro, horta, era eu. Eu fiz foi ativar, e hoje essa mulherada toda está tudo com um quintalzinho. E o meu, a cada dia, fez foi crescer mais. Meu trabalho ajudou, porque agora as mulheres, tudo, têm seu quintal, tudo vai vender, a maioria está no PAA. Da comunidade atinge umas vinte pessoas, todas são mulheres. Tinha marido que dizia: ‘você foi na cabeça dela e não vai receber dinheiro não’. Três meses e esse dinheiro não saía. Quando deu quatro meses, lá vai: R\$ 4.500,00 caindo, todinho. O marido ficou satisfeito demais”.

E Cimara, não satisfeita, decidiu inovar, e fez cartões para divulgar seus produtos. Com isso, ampliou suas vendas, passando a vender na localidade de Tauá, recebendo pedidos até por aplicativo de mensagens. “Não sei ler, não, mas eu sou meio ativa pra isso aí. Fui tendo freguesia, fui trabalhando, trabalhando, até que o cacimbão secou, mas não baixei minha cabeça”, conta.

No dia a dia ela e o marido trabalham na horta, que fica nos arredores de casa. Dia sim, dia não, ela vai para Tauá vender a produção. Além da venda para o PAA, ela entrega sozinha nas quitandas, nos mercados, e vende nas portas das casas cheiro-verde, pimentinha e mamão. À noite ela trabalha fazendo os doces e bolos, embalando, colocando os rótulos. A rotina é muito intensa, mas ela acredita que é com o resultado do seu trabalho que poderá garantir uma vida melhor para os seus/suas filhos/as.





O sustento da família de Cimara sai do quintal produtivo, onde ela também cria cinquenta galinhas: “A galinha eu vendo a 30 reais, ela em pé, mas depenada é 35 reais. Eu instalei meu poço com dinheiro de galinha também”.

É ela quem faz toda a comercialização da produção, em casa, nos mercados nas vilas próximas e na sede do município, tanto nos mercados maiores quanto de porta em porta. “Eu é que boto mais dinheiro aqui [...]. Na comercialização, tudo é feito por mim. O povo vem comprar aqui. As vendas pelo WhatsApp é pras fruteiras, dos mercados, tudo é pelo WhatsApp, minha clientela todinha. O povo sabe que eu não sei ler e manda áudio. Eu digo: ‘manda áudio’. Atualmente, uma ida para Tauá faz mais ou menos R\$ 200,00 por dia.

A experiência de Francimara envolve todo o processo de diversificação e fortalecimento das suas atividades produtivas, especialmente de horticultura, no quintal produtivo que, a partir do acesso à água e irrigação em uma região semiárida, tem colhido de forma continuada e com qualidade, o que garante, a partir de diferentes formas de comercialização. A agricultora passou a ser referência para as outras mulheres da comunidade por sua dedicação e luta. Cimara conseguiu melhorar a qualidade de vida de toda a família e envolver a todos/as em uma atividade produtiva que era considerada apenas como trabalho de mulher, mas era invisibilizada e desvalorizada.

CONHEÇA O PROJETO PAULO FREIRE

Presente em 31 municípios cearenses, o Projeto Paulo Freire (PPF) atua para reduzir a pobreza e para o desenvolvimento de seiscentas comunidades rurais com os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado. Suas ações buscam favorecer, desde 2015, o capital social e humano, incluindo produção sustentável das famílias, buscando o aumento da renda a partir de atividades agrícolas e não agrícolas

Com foco prioritário nas/os jovens, nas mulheres e nos povos e comunidades tradicionais, sua atuação abrange seis territórios do Ceará: Cariri, Sertão dos Inhamuns, Sertão dos Crateús, Sertão de Sobral, Serra da Ibiapaba e Litoral Oeste/Vales do Curu e Aracatiaçu.

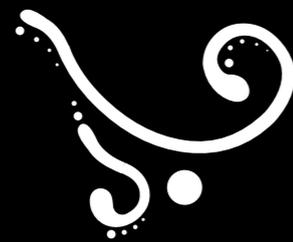
O trabalho tem sido desenvolvido a partir de dois componentes: o Desenvolvimento de Capacidades e o Desenvolvimento Produtivo e Sustentabilidade Ambiental. Para desenvolver capacidades são realizadas atividades de formação para acesso às políticas públicas, assessoria técnica, capacitação, mobilização e controle social, formação de jovens para atividades econômicas e acesso a terra, e qualificação dos assessores técnicos. Quanto ao desenvolvimento produtivo e à sustentabilidade ambiental, busca-se financiar os investimentos produtivos como estratégia de apoio à agricultura familiar, com base nos princípios da convivência com o semiárido e agroecologia.

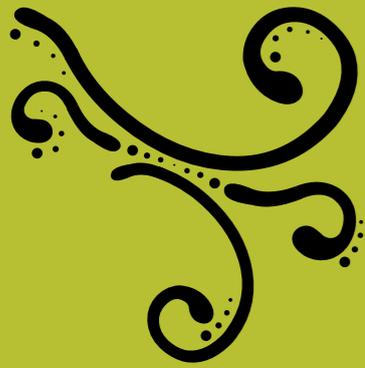


CÁRITAS DIOCESANA DE CRATEÚS

Responsável pela Assistência Técnica Contínua (ATC), a Cáritas Diocesana de Crateús é a organização contratada pelo Projeto Paulo Freire para acompanhar Francimara e sua família, garantindo resultados exitosos nas experiências desenvolvidas na propriedade.

É uma organização que, junto com a Cáritas Brasileira, realiza ações de formação e organização comunitária, defesa e conquista de direitos básicos, controle social das políticas públicas, além de articulação e mobilização social. Prioriza o incentivo à produção agroecológica, comercialização justa e solidária, educação contextualizada de convivência com o semiárido e educação ambiental (resíduos sólidos). Sua experiência de desenvolvimento e atuação em projetos de convivência com o semiárido – muitos deles vinculados à Articulação do Semiárido (ASA), tratando problemáticas da região – garante a busca efetiva por uma vida mais justa e harmônica nas comunidades rurais.





PROJETO PAULO FREIRE E A GARANTIA DE ASSESSORIA TÉCNICA MUDARAM A VIDA DE FRANCIMARA

Em 2016, o Projeto Paulo Freire, executado pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Governo do Ceará, a

partir da parceria com o FIDA, chega à comunidade de Oiticica e à vida de Cimara. Por meio da Associação dos Moradores de Milagres, implementa o seguinte Plano de Investimento: beneficia 95 pessoas, sendo que 39 são mulheres e, entre elas, está Cimara. As ações previstas para o investimento na produção das hortaliças estão descritas a seguir.



“

Ele [técnico] chega, fica ajudando a gente a fazer composto, a gente não tinha costume de fazer composto. Antes eu botava o estrume aí, eu só aguava pra tirar o ‘mijo’, e já jogava no canteiro. E agora não. Com o composto, os coentros são sadios, não adoecem de jeito nenhum e eles, num instante, crescem. Depois do Paulo Freire eu mudei os canteiros, o jeito de fazer. Antes eu fazia rente com o chão, agora é altão, os canteiros, pra água ficar naquelas valetas pra segurar molhado. O produto que eu uso na horta é o detergente, que nós faz com a pimenta, o fumo, que eles ensinaram e eu sei que mata tudo as ‘pressigas’ [insetos/pragas].”

A PARTIR DA ASSESSORIA POSSIBILITADA PELO PPF, CIMARA CONSEGUIU IDENTIFICAR QUE HOUVE MUDANÇAS AMBIENTAIS SIGNIFICATIVAS, COMO O AUMENTO DA ÁREA DE MATA, DEPOIS QUE PASSARAM A NÃO DESMATAR E A PLANTAR ÁRVORES FRUTÍFERAS, PARA TER MAIS SOMBRA E MAIS PRODUÇÃO



E A PLANTAÇÃO DE PIMENTA MALAGUETA FOI UMA INOVAÇÃO QUE HOJE É USADA COMO DEFENSIVO NATURAL NA HORTA



FOI COM A CHEGADA DO PROJETO QUE ELA CONSEGUIU DIMINUIR AS PRAGAS E DOENÇAS DA HORTA, A PARTIR DO APRENDIZADO DE NOVAS TÉCNICAS COMO A HORTA SUSPensa E O CULTIVO DE PLANTAS QUE AJUDAM NO CONTROLE DOS INSETOS, ALÉM DO USO DE DEFENSIVOS NATURAIS, SEMPRE EM BUSCA DE MAIOR EQUILÍBRIO BIOLÓGICO NA PRODUÇÃO



EM RELAÇÃO AO/ ACESSO À ÁGUA NA UNIDADE PRODUTIVA, MESMO QUE CIMARA JÁ TIVESSE DUAS CISTERNAS DE PLACA, UMA CISTERNA ENXURRADA E UM CACIMBÃO, QUANDO HOUVE O AUMENTO DA RENDA GERADO PELA HORTA, A PARTIR DO PPF, ELA PÔDE INVESTIR EM MÉDIA R\$ 17 MIL NO ESCAVAMENTO DE UM POÇO E NA INSTALAÇÃO DE UM SISTEMA DE IRRIGAÇÃO. ATUALMENTE, ESTÁ SENDO CAVADO MAIS UM POÇO, PREVISTO NO PROJETO DE INVESTIMENTO, PARA TODA A COMUNIDADE



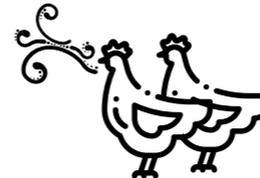
RESULTADOS DO PROJETO



AS MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE VIDA DA FAMÍLIA DE CIMARA FORAM MUITAS. COM O AUMENTO NAS VENDAS, PASSARAM A ADQUIRIR NOVOS EQUIPAMENTOS DOMÉSTICOS . COMPRARAM UMA MÁQUINA FORRAGEIRA, UM TANQUINHO PARA LAVAR ROUPA E INSTALARAM SINAL DE INTERNET



OS RESULTADOS ECONÔMICOS PODEM SER REGISTRADOS COM O AUMENTO DO AUTOCONSUMO DOS ALIMENTOS PRODUZIDOS NO QUINTAL, COMO COCO, MAMÃO, HORTALIÇAS, LIMÃO, COUVE, ALFACE, ENTRE OUTROS, ANTES COMPRADOS NO MERCADO. COM ISSO, NOTA-SE QUE O AUMENTO NAS HORAS DEDICADAS AO TRABALHO É COMPENSADO PELA AMPLIAÇÃO DA RENDA FAMILIAR



AS MULHERES DA COMUNIDADE CONSEQUIRAM, A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES, AUMENTAR A QUANTIDADE E A QUALIDADE DA CRIAÇÃO DE ANIMAIS DO QUINTAL, COMO DAS GALINHAS E PÓRCOS, ATRAVÉS DA MELHORIA DO MANEJO ALIMENTAR E SANITÁRIO, ENTRE ELAS A VACINAÇÃO DE PINTOS, O USO DE LIMÃO NA ÁGUA DAS GALINHAS CONTRA O GOGO E A LIMPEZA PERIÓDICA DOS BEBEDOUROS FEITA COM REUTILIZAÇÃO DE GARRAFAS PET



HOUE MELHORIA NA FERTILIDADE DO SOLO, COM A DIMINUIÇÃO DAS EROSÕES E CONTAMINAÇÕES, COM O USO DA COBERTURA MORTA E DIVERSIFICAÇÃO DOS PLANTIOS NO QUINTAL, SEMPRE UTILIZANDO COMPOSTO ORGÂNICO, NO QUAL SE REAPROVEITA TUDO E ECONOMIZA NA COMPRA DE SEMENTES. MESMO DIMINUINDO A PRODUÇÃO DE LIXO, A DESTINAÇÃO CORRETA SEGUE COMO UM DESAFIO, PRINCIPALMENTE PARA PLÁSTICOS

“**TODOS OS DIAS ELA DEIXA OS SONHOS NA CAMA, ACORDA E PÕE SUA ROUPA DE VIVER.**”

SIMONE DE BEAUVOIR



Com a renda dos quintais, hoje, ela consegue manter o filho na escola, que funciona em sistema de alternância, pagando as taxas necessárias e a gasolina para o deslocamento quinzenal até o município de Independência, que fica a mais de 100 km de Tauá. Para que o filho de Cimara pudesse pesquisar os assuntos do curso de Técnico Agrícola, na Escola Família Agrícola de Independência, o acesso à internet se tornou uma necessidade. E a possibilidade de proporcionar essa facilidade ao filho foi, para ela, uma grande conquista. “Eu tenho tanto diploma de cursos, tenho de bolo, que nós já tivemos, do Paulo Freire, de pão caseiro, de sequilho. Já tivemos reunião da associação pra falar dos direitos das mulheres, só com mulheres. Nós ‘tava’ imaginando nós montar uma padaria”, lembra Cimara.

A agricultora conta que se sente feliz por seu trabalho estar sendo reconhecido. E isso se expressa com as visitas de intercâmbios em sua unidade produtiva, com a vinda de pessoas de outras comunidades e também de outros estados. Para ela, um momento marcante foi o recebimento, pelas mãos do prefeito de Tauá, da premiação “Mulheres Empreendedoras”, dado pela Associação Comercial do município. Com o investimento

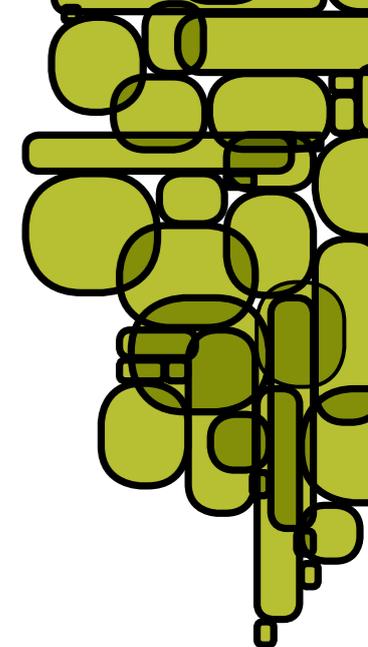
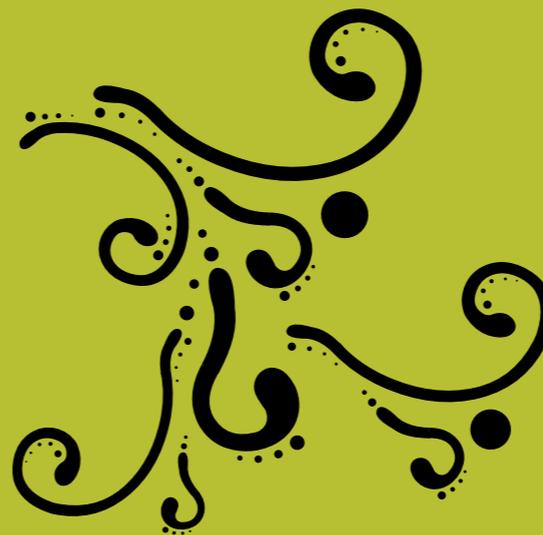
do Projeto Paulo Freire e a assessoria técnica contínua, as possibilidades de comercialização se ampliaram: Cimara tinha apenas dez canteiros, e hoje ampliou para quarenta, com perspectivas de ampliar para cinquenta.

O aumento nas contas, recorrentes do contexto político e econômico do país, com o consumo de energia, internet, gasolina e passagem, é notável, mas a agricultora tem conseguido otimizar seu tempo de trabalho com o uso da máquina forrageira e com a instalação do sistema de irrigação. E tende a melhorar com a aquisição de novos equipamentos, prevista no Plano de Investimento do projeto.

O resultado do trabalho é extremamente positivo, tanto para Cimara e sua família quanto para as demais beneficiárias da comunidade, não apenas por ter se tornado um exemplo, mas pela possibilidade de pagar diárias a agricultores locais, duas ou até três vezes por semana, para trabalharem na horta. Mas Cimara não deixa de sonhar com mais mudanças. Ela gostaria de ter, ainda, uma casinha para as galinhas, aumentar a produção da horta e, quem sabe, vender seus produtos para a merenda escolar, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

AUTONOMIA

Sobre a questão da violência contra as mulheres, Cimara diz que percebe diminuição dos casos, porque, segundo ela, “hoje as mulheres já não são dependentes do marido” – uma afirmação que expressa a compreensão de que a autonomia econômica é um caminho para o enfrentamento à violência contra as mulheres.



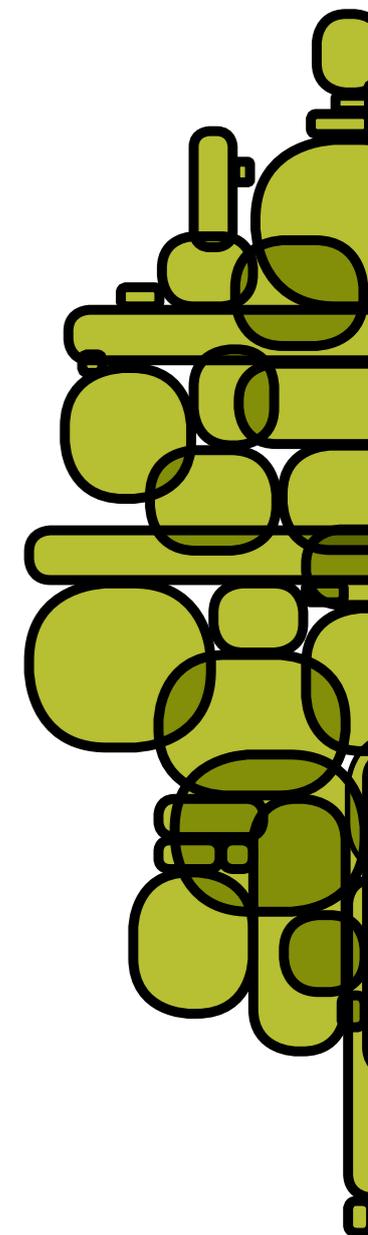
DEPOIMENTO GERAÇÃO DE RENDA

“O acompanhamento do Paulo Freire me ajudou a ter renda, porque aqui tudo que é recebido é dos canteiros. Não tem outro dinheiro que entra de outro canto. Tem gente que não acredita, já me disseram: ‘Mulher, ninguém vive de canteiro, não!’. E eu respondo: ‘Mulher, pois eu vivo é da horta lá de casa’. Não entra dinheiro de outro canto. Eu não tenho pensão, eu não tenho nada de salário. Tudo é da horta’. Antes do projeto a gente conseguia um salário mínimo da época, e agora, depois do projeto, chega a mais de dois mil por mês.”



AGRADECIMENTOS

Francisca Maria Rodrigues Sena (especialista em gênero, raça e etnia do PPF, apoio na identificação da experiência, na busca por estrutura para a realização da visita, acompanhamento em campo e fotografia); Rocicleide Silva (coordenadora técnica do PPF, informações gerais sobre o projeto, apoio para ida a campo); Iris Tavares (coordenadora do PPF, apoio para realização do trabalho); Maria Odalea de Sousa Severo (supervisora de Desenvolvimento de Capacidades do PPF); Francisca Lúcia Ferreira de Sousa (gerente de monitoramento e avaliação, acompanhamento da visita de campo); Luiz Vicente de Oliveira – Luisté) (especialista de desenvolvimento de capacidades do Projeto Paulo Freire); Daniela as Silva Cavalcante (coordenadora do PPF na Cáritas Diocesana de Crateús, identificação e indicação da experiência e mobilização da beneficiária); e Aparecido (técnico de campo da Cáritas Diocesana de Crateús, mobilizou a beneficiária e acompanhou a visita).



6.

Mulheres quilombolas do Talhado: a (Re) Existência da tradição louceira na Paraíba

QUILOMBO BENEFICIADO
PELAS AÇÕES DO PROJETO
DE DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DO CARIRI,
SERIDÓ E CURIMATAÚ
(PROCASE)



CIDADE DE SANTA LUZIA,
PARAÍBA, LOCALIZADA A
320 KM DE JOÃO PESSOA,
CAPITAL DO ESTADO



As mulheres quilombolas louceiras – ou “loiceiras”, como são chamadas popularmente – da comunidade do Talhado, congregam a tradição de uma atividade produtiva que nasceu numa paisagem árida do sertão paraibano. Como alternativa para garantir a sobrevivência de famílias e junto com a tradição, a constante reinvenção e inovação de peças artesanais feitas de barro marcam a história desse lugar.

Localizada no município de Santa Luzia, na mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó ocidental do estado da Paraíba, Nordeste do Brasil, a experiência dessas mulheres produtoras de louças remonta a bravura das remanescentes de quilombos e a conexão entre o mundo rural e urbano.

“

Ó, MANA, DEIXA EU IR
 Ó, MANA, EU VOU SÓ
 Ó, MANA, DEIXA EU IR
 PARA O SERTÃO DO
 CAICÓ
 EU VOU CANTANDO
 COM UMA ALIANÇA NO
 DEDO
 EU AQUI SÓ TENHO MEDO
 DO MESTRE ZÉ MARIANO
 MARIAZINHA BOTOU
 FLORES NA JANELA
 PENSANDO EM VESTIDO
 BRANCO
 VÉU E FLORES NA CAPELA”

MÚSICA DE VILLA-LOBOS E LETRA DE TECA CALAZANS. ESTA MÚSICA É TEMA DO DOCUMENTÁRIO ARUANDA. ELA RETRATA A SITUAÇÃO DE MUITOS NEGROS QUE FORMARAM OS QUILOMBOS, SAÍDOS DE UM CONTEXTO DE ESCRAVIDÃO EM BUSCA DE LIBERDADE

Devido à sua importância histórica, um documentário foi produzido em 1960 pelo Paraibano Linduarte Noronha, intitulado Aruanda, em que relata como é feito o transporte das panelas, potes, cuscuzeiras e demais utensílios domésticos expostos e comercializados na calçada da feira do município de Santa Luzia.

Percorriam-se 26 km a pé e as louças eram transportadas no lombo de animais. Para falar dessa história é preciso relatar o espaço onde ela teve suas primeiras expressões, chamado Serra do Talhado Rural. “Para continuar no talhado rural, é preciso ter sangue no olho”, desabafa Lúcia, moradora da Comunidade do Talhado Rural, sobre enfrentar as dificuldades de vida no clima semiárido do espaço rural.



NAS FOTOS, TALHADO RURAL.

PASSO A PASSO



O barro é batido com cacete, com esforço aplicado pelas mulheres



O barro é peneirado e molhado para então ser amassado e guardado debaixo de plásticos para conservar



Com a massa preparada, começa a modelar o barro do centro para as bordas



Alisa-se a peça com uma navalha ou material parecido



Então, é feito o alisamento com um instrumento de madeira, depois com um "caco" e com um pequeno pedaço de couro



Usando-se uma faquinha as bordas são niveladas e coloca-se a peça para secar



Depois da secagem, alisa-se com uma pedra



A peça então é levada ao forno de alvenaria e coberta de cacos de outras louças que quebraram



Depois desse processo, as peças são retiradas do forno para esfriarem e serem comercializadas



RITA PRETA, PRIMEIRA LÍDER DAS LOUCEIRAS DO QUILOMBO DO TALHADO.

Os bisavós de Rita Maria da Conceição Ferreira – mais conhecida como Rita Preta–, José Carneiro Bento, o Zé Bento, ex-escravo alforriado, e Cecília Maria da Purificação, foram os primeiros moradores da comunidade do Talhado Rural, em meados do século XIX.

Rita Maria da Conceição Ferreira, bisneta de Zé Bento e Cecília Maria da Purificação, nasceu em 25 de abril de 1931. Rita Preta foi louceira e se tornou a primeira líder das louceiras do quilombo do Talhado.

Foi com a produção das louças de barro que as mulheres sustentaram suas famílias, no período de estiagem dos anos 1990, porque a produção de alimentos ficou escassa.

Nesse período, a corajosa Rita Preta, admirada por suas companheiras, decidiu se mudar para a periferia da cidade de Santa Luzia, na Paraíba, para formar a Comunidade Urbana do Talhado. Com ela, migraram em torno de trinta mulheres e suas famílias, e foi ali que organizaram a venda das suas louças.

Construíram suas casas ao redor do galpão das louceiras e formaram uma comunidade que mantém laços típicos do espaço rural e, além disso, com grau de parentesco entre elas.

Mas foi somente em 2011 que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) reconheceu esse grupo como uma Comunidade Remanescente de Quilombo Urbano da Serra do Talhado, o que originou a criação da Associação Comunitária Louceiras Negras do Quilombo Talhado. Maria do Céu, uma das netas de Rita Preta, era a representante e, tal como

“

A vó pegava a caminhonete do filho e saía para vender a produção. Se não vendia, trocava por comida. Ela ajudou muita gente. Trouxe muita gente para comer dentro de casa. Sempre foi assim, compartilhou com todo mundo aquilo que conseguia ganhar. Nunca deixou ninguém passar fome.

GISELE, NETA DE RITA PRETA,
COM ORGULHO



sua avó, servia de inspiração de luta e coragem para as mulheres louceiras, mas foi tragicamente morta por seu ex-companheiro, tornando-se vítima de feminicídio, em outubro de 2013.

A notícia da morte de Maria do Céu deixou a experiência amarga de uma perda irreparável, mas também a memória de uma mulher negra que lutou por sua comunidade. Gileide, sua irmã, hoje presidente da associação, diz ter na história de Maria do Céu uma inspiração para as decisões tomadas enquanto representante desse grupo.

PROCASE: UMA PARCERIA DE APOIO SOCIOECONÔMICO

É na história de luta dessas bravas mulheres que enfrentaram, criaram, resistiram e se reinventaram que nasceu e se mantém a tradição louceira. E é daqui que o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase) desenvolveu uma parceria de apoio a essa por vezes dura, mas bela história de organização de mulheres.

O grupo se constituiu em uma importante rede de apoio aos trabalhos reprodutivos exercidos pelas mulheres, que partilham as atividades domésticas e a criação dos filhos e filhas entre elas. Normalmente, as crianças acompanham as mães no espaço produtivo e elas realizam um compartilhamento do cuidado das filhas e filhos do grupo.

É com a renda obtida com a venda dessas louças que as mulheres sustentam suas casas, o que torna a produção e comercialização de louças essencial para manter essas famílias.

CAPELA DE SÃO JOSÉ



Hoje são produzidos catorze modelos de peças, como: panela, pote, cuscuzeira, tigela, prato, moringa, panela para café, jarro, travessa, frigideira, fruteira, fogareiro, copos e peças decorativas, em diferentes tamanhos.

As mulheres louceiras do Talhado participaram de cursos e capacitações em produção e comercialização, promovidos pelas parceiras Ação Social da Diocese de Patos e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), por meio do Procase. Essas organizações prestam assistência técnica às mulheres para que sejam desenvolvidas competências profissionais e sociais dos agricultores e agricultoras.

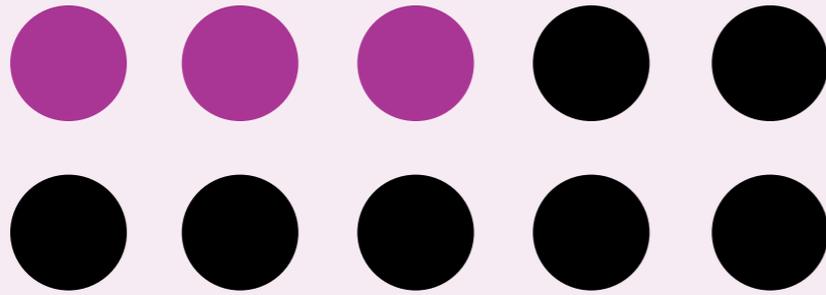
O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase) é fruto de um acordo bilateral firmado entre o Fida e o estado da Paraíba, com abrangência de 56 municípios no semiárido paraibano. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento rural sustentável, reduzindo os atuais níveis de pobreza rural e fortalecendo as ações de prevenção e mitigação da desertificação nessa área. Suas ações permeiam desde a promoção de eventos e cursos de capacitação e formação, até o fortalecimento de atividades produtivas, por meio do apoio financeiro a novos, ou já consolidados, empreendimentos rurais, que podem ser agrícolas ou não agrícolas.

Fazem parte dos investimentos do Procase atividades como: caprinovinocultura, fruticultura, agroindústrias, artesanato, empreendimentos associativos e cooperativos. Além disso, são incentivadas atividades relacionadas às novas ruralidades, firmadas a partir das dinâmicas locais, voltadas ao fortalecimento da economia rural. Todas as ações priorizam o envolvimento de grupos de mulheres, jovens e comunidades remanescentes de quilombos.

O apoio à Associação Comunitária Louceiras Negras do Quilombo Talhado foi iniciado em 2015, com financiamento de R\$ 152 mil, beneficiando dez famílias, diretamente, e mais trinta pessoas, indiretamente. Esse montante será destinado para reforma do galpão e do forno produtivo, perfuração de um poço completo com bombeamento, aquisição de máquinas e equipamento para escritório, produção e capacitações em comercialização e marketing. Até o momento da realização desta sistematização já haviam sido investidos R\$ 34.200,00.

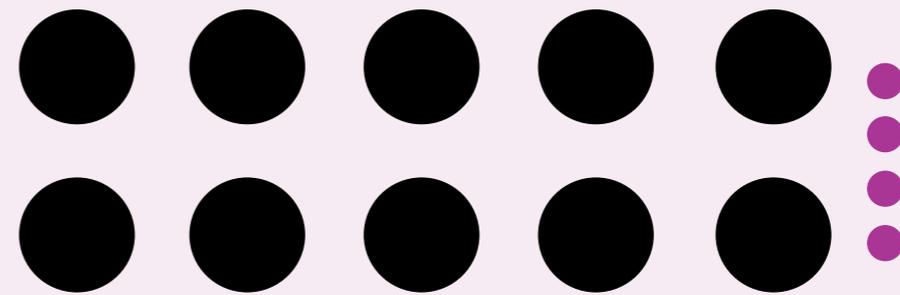


7 MULHERES SÃO CASADAS;
3 MULHERES SÃO SOLTEIRAS



ESTADO CIVIL

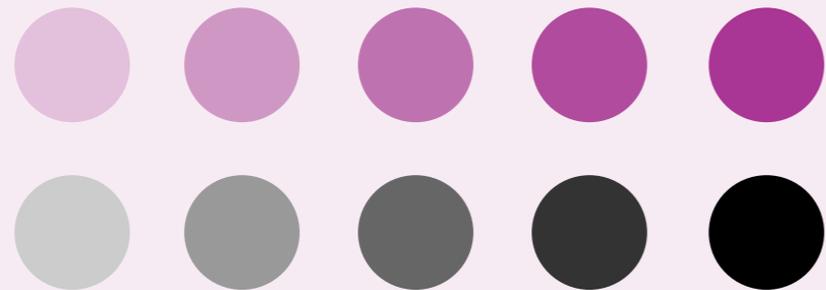
ELAS TEM EM MÉDIA
4 FILHOS CADA UMA



FILHOS(AS)

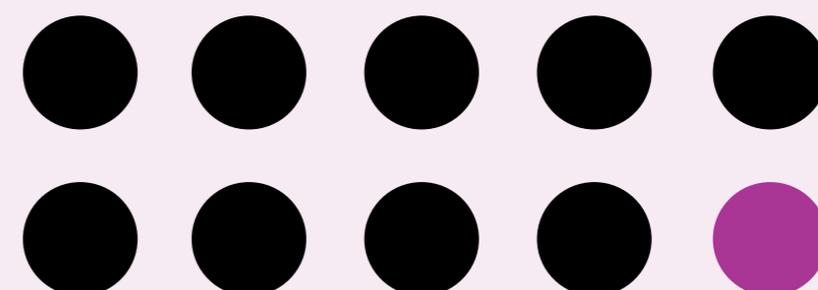
EXPERIÊNCIA FORMADA POR 10 MULHERES

IDADE



A MÉDIA DE IDADE É 46 ANOS, SENDO QUE A MAIS NOVA 31 ANOS E A MAIS VELHA 61

COR



DAS 10 MULHERES QUE COMPÕEM A EXPERIÊNCIA, 9 SE DECLARAM PRETAS E 1 SE DECLARA BRANCA



CAPACITAÇÕES PROMOVIDAS PELO PROCASE

- Curso para profissionalização em Cabelo e Identidade Afro, realizado em 2017, destinado à juventude, com objetivo de proporcionar o aprendizado sobre os cuidados com o cabelo afro e o fortalecimento da identidade cultural negra.

- Associativismo, Gênero e Empoderamento, e Gestão de Negócios e Empreendedorismo, ambos realizados em 2018.

- Intercâmbio no Salão do Artesanato de Campina Grande, em 2017.

- Três intercâmbios (em 2015, 2016 e 2017) entre comunidades quilombolas, sendo o primeiro deles realizado na Comunidade Urbana do Talhado.

- Participação de duas jovens da comunidade no Encontro de Jovens do Semiárido realizado em 2016 no município de Campina Grande.

- Presença das mulheres na plenária do Orçamento Democrático Estadual, em 2017.

Lançamento das ações do Procace para 2018 e participação na feira do município de Monteiro; Feira das Mulheres Rurais, realizados em Picuí, no ano de 2017.

- Intercâmbio de Mulheres feito em Remígio, em 2017; Campina Grande, em 2016; e Sumé, em 2015; além do Encontro Estadual de Mulheres Negras realizado em João Pessoa, em 2015.



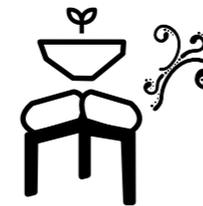
A PARTICIPAÇÃO NOS INTERCÂMBIOS E CAPACITAÇÕES FOI ESTRATÉGICA PARA O AUMENTO DA AUTOESTIMA DAS MULHERES, ASSIM COMO A TROCA DE EXPERIÊNCIA E SABERES, COM A OPORTUNIDADE DE VIVENCIAR OUTRAS REALIDADES, PARA O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DE GRUPO.



A REFORMA DO GALPÃO EM QUE ELAS REALIZAM O TRABALHO PRODUTIVO POSSIBILITOU UMA ESTRUTURA MAIS ADEQUADA E SEGURA PARA A PRODUÇÃO, ALÉM DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DESTINADO ÀS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS, COMO A GESTÃO DAS VENDAS, POR EXEMPLO.



COMO MELHORIA NAS CONDIÇÕES DE VIDA, FICOU EVIDENCIADO, COMO RESULTADO, PRINCIPALMENTE, O AUMENTO DA POSSIBILIDADE DE ACESSO A PROGRAMAS SOCIAIS, COMO O BOLSA FAMÍLIA, ASSIM COMO A MELHORIA NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO COM OS NOVOS EQUIPAMENTOS.



IMPACTOS DO PROJETO



O ACESSO À ÁGUA, COM A PERFURAÇÃO DE UM POÇO ARTESIANO COMPLETO PARA BOMBEAMENTO. ANTES O GRUPO DE MULHERES ABASTECIA A ÁGUA PARA SUA PRODUÇÃO NA CASA DE UMA MORADORA VIZINHA AO GALPÃO. E O GASTO COM O CONSUMO ERA DIVIDIDO ENTRE ELAS. HOJE, COMO EXPRESSOU UMA DAS MULHERES DO GRUPO, "DEPOIS DO POÇO, É SÓ OURO" (FÁTIMA, 50 ANOS), REFERINDO-SE À FACILIDADE DO ACESSO À ÁGUA NECESSÁRIA PARA REALIZAR A PRODUÇÃO.



O AUMENTO NA RENDA FAMILIAR FOI UMA DAS MELHORIAS MENCIONADAS PELO GRUPO, PORQUE A PRODUÇÃO CRESCEU NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS, DESDE QUE O PROCASE COMEÇOU A SE APROXIMAR DO GRUPO DE MULHERES. ESTE PRODUZIA EM TORNO DE 700 PEÇAS POR MÊS, HOJE A PRODUÇÃO É, EM MÉDIA, DE MIL PEÇAS AO MÊS. A MELHORIA ECONÔMICA É NOTADA DEVIDO AO AUMENTO DO NÚMERO DE ELETRODOMÉSTICOS E A MOBILIDADE, JÁ QUE, HOJE, TODAS ELAS TÊM MEIO DE TRANSPORTE PRÓPRIO.



PERSPECTIVAS FUTURAS DA PARCERIA COM O PROCASE

Os benefícios dos investimentos que estão sendo feitos para as mulheres louceiras, pelo Procase, já podem ser sentidos. E a expectativa é de que as próximas ações alcancem resultados ainda melhores, como:

- aumento de 30% na produção de peças artesanais, com a aquisição dos equipamentos previstos;
- previsão de capacitação em comercialização e marketing, que contribuirá para que as mulheres possam traçar estratégias e aumentar o número de pontos de comercialização, na busca por maior autonomia;
- aquisição da maromba a vácuo, que auxiliará na produção da massa da cerâmica e na sua reciclagem;
- além disso, a aquisição de triturador de entulhos sólidos fará o trabalho de triturar o barro, com previsão de diminuição do tempo em 50%, gerando maior segurança e saúde no trabalho, permitindo melhoria na qualidade de vida dessas mulheres.

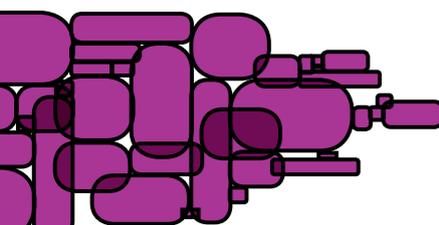
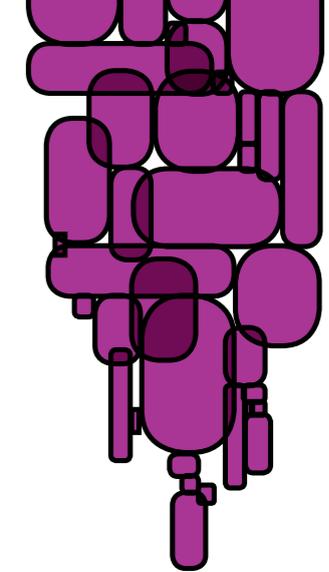
Essa foi a história desse grupo de mulheres que resistiu, enfrentou e criou alternativas que permitiu o fortalecimento da tradição louceira.

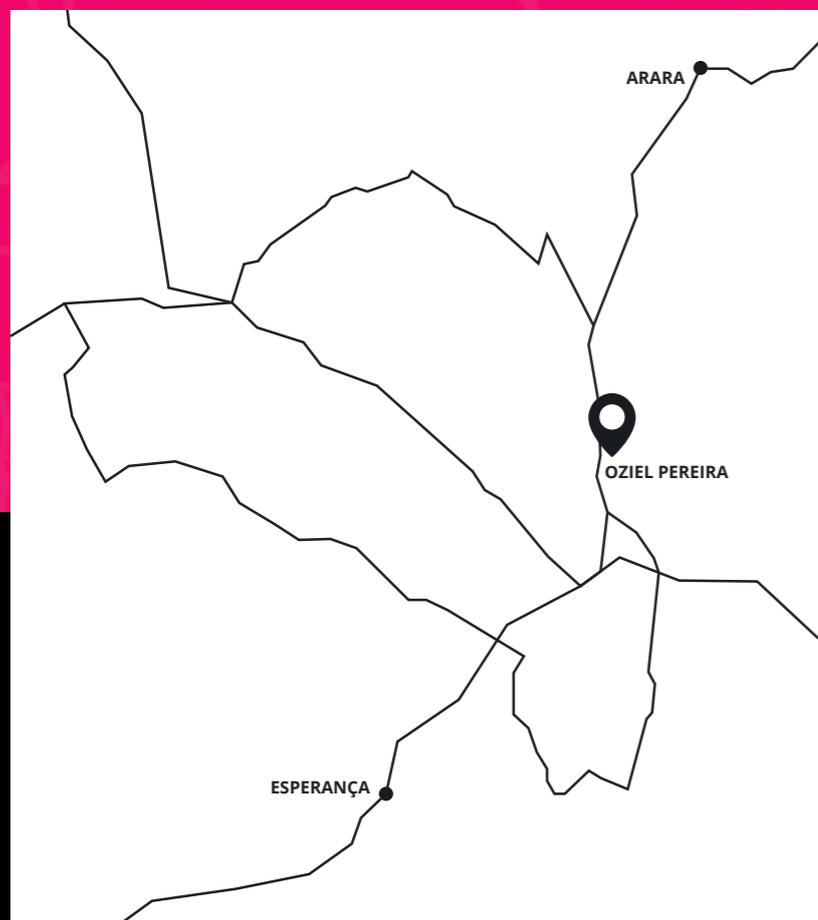




AGRADECIMENTOS

Maria d'Oliveira (assessora de Gênero do Procace); Maria Aparecida Henriques (gerente de Desenvolvimento Humano do Procace); Samantha Pimentel (assessora em Comunicação do Procace); Sheila Nascimento (mobilizadora social na URGP do Médio Sertão do Procace); Orlando (coordenador na URGP do Médio Sertão do Procace); André Luiz Azevedo da Silva (técnico do Senar); todas as louceiras do Talhado, especialmente Gileide, e à comunidade do Talhado Rural.





ASSENTAMENTO OZIEL PEREIRA, DISTANTE 4 KM DO MUNICÍPIO DE REMÍGIO, QUE FICA A 170 KM DE JOÃO PESSOA, CAPITAL DA PARAÍBA



7.

As Margaridas de Remigio: do acesso a terra à criação de alternativas de desenvolvimento local

GRUPO APOIADO
PELO PROJETO DE
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DO CARIRI,
SERIDÓ E CURIMATAÚ
(PROCASE)



A história das Margaridas do Assentamento Oziel Pereira, distante quatro quilômetros do município de Remígio, nos conta sobre a luta e a organização social e política que promoveu autonomia de um grupo de mulheres, que teve a persistência e a inovação como parte da descoberta dos seus próprios jardins, conforme o poema de Carlos Drummond de Andrade, citado na introdução deste texto.

A terra ocupada pelas Margaridas e suas famílias está localizada no estado da Paraíba, no Nordeste brasileiro. Foi fruto de reforma agrária, em 1999, depois que passou pelo município a Marcha Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), quando foi regularizada e tornada assentamento. Mas somente em 2003 as mulheres puderam acessar benefícios para a construção das suas casas. Foram quatro anos morando em barracos, “debaixo de lona”.

“

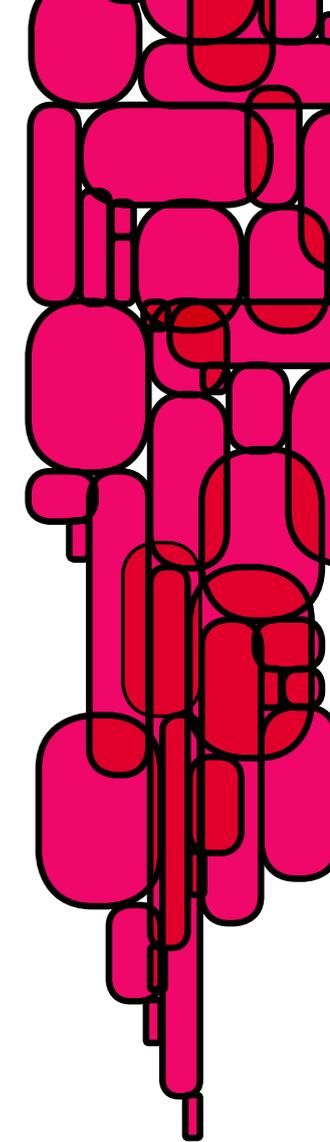
ENFEITE-SE COM
MARGARIDAS E TERNURA
E ESCOVE A ALMA
COM LEVES FRICÇÕES
DE ESPERANÇA.
DE ALMA ESCOVADA
E CORAÇÃO
ESTOUVADO,
SAIA DO QUINTAL DE SI
MESMA
E DESCUBRA O
PRÓPRIO JARDIM”.

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



Três anos depois, as mulheres do assentamento passaram a se reunir, em busca de alternativas produtivas além da agricultura já praticada nas suas propriedades. Começaram com o artesanato e confeccionaram bolsas, panos de prato, pinturas e crochês. Animadas, tentaram acessar o crédito do Governo Federal destinado a mulheres assentadas, chamado Apoio Mulher, mas não obtiveram êxito.

Foi daí que veio a ideia de construir uma cozinha coletiva, para produzirem alimentos para venda na vizinhança, nos eventos e também como possibilidade de entrega no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que utiliza os produtos adquiridos nas merendas das escolas municipais, para serem consumidos pelas crianças.



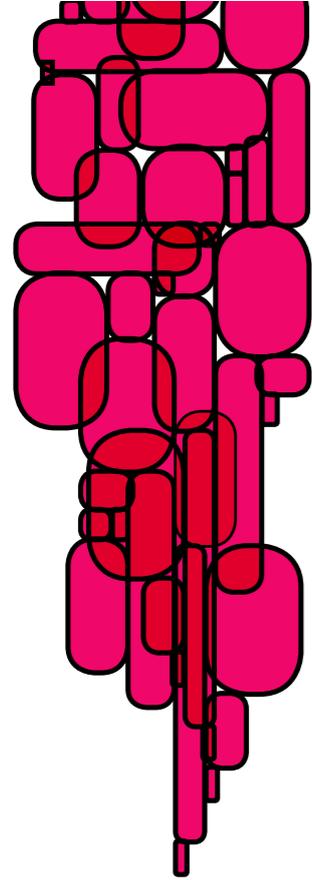
Com essa expectativa, criaram, então, o grupo As Margaridas, em homenagem a Margarida Maria Alves, ex-presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, ícone da luta pela garantia dos direitos básicos dos trabalhadores do campo, assassinada em agosto de 1983, depois de receber várias ameaças de morte.

O grupo encontrou diversas dificuldades no início. Segundo as mulheres, a falta de um espaço adequado para a produção foi um dos maiores desafios, pois tinham que viabilizar a produção nas suas casas, utilizando seus fornos domésticos. Somando-se a isso, havia também grande dificuldade na comercialização para a merenda escolar, pois houve preconceito com a produção orgânica das assentadas do Movimento dos Sem Terra.

As mulheres relataram que, por não utilizarem agrotóxicos, a alimentação se tornava mais precíval do que aquela advinda da produção convencional, e algumas escolas começaram a resistir à aquisição da produção das mulheres, tendo, inclusive, corrido o risco da Prefeitura de Remígio cancelar o contrato com o grupo. Por isso, criaram a estratégia de desenvolver uma rede de relações com as escolas rurais, as quais foram mais acessíveis na aquisição de produtos orgânicos.



ACIMA, JESSICA, UMA DAS MARGARIDAS, REPRESENTANDO O GRUPO E FALANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA . ABAIXO, FEIRA AGROECOLÓGICA E CULTURAL DA JUVENTUDE DO POLO DE BORBOREMA.



PROCESSO PRODUTIVO
PARA ENTREGA NO
PROGRAMA NACIONAL
DE ALIMENTAÇÃO
ESCOLAR (PNAE)

Porém, um apoio importante foi o acesso a recursos do Fundo Rotativo da Comunidade, de R\$ 1.500,00, e um empréstimo de R\$ 600,00 feito por algumas pessoas da comunidade. Esses recursos foram acessados em 2013 e pontuados como fundamentais para elas conseguirem comprar os primeiros equipamentos para a produção na cozinha comunitária.

Desde 2010, o grupo participa da Marcha Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia, com a bandeira da

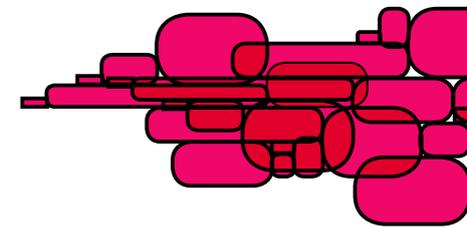
agroecologia e igualdade de gênero, promovida pelo Polo Sindical de Borborema, e isso vem fortalecendo o sentimento de grupo.

A história das Margaridas é de muita luta e persistência diante das adversidades que enfrentaram, desde o direito ao acesso a terra até a criação de um espaço produtivo que permitisse que elas construíssem suas próprias histórias. Essa trajetória mantém viva a luta e a coragem de Margarida Alves. E foi nesse contexto que o Procase, com cofinanciamento do Fida, começou a apoiar esta experiência.

As Margaridas costumam trabalhar na cozinha comunitária em torno de 15 horas por semana, alternando momentos em que todas trabalham e outros que apenas algumas estão na ativa. E os ingredientes necessários para a produção dos quitutes, como a mandioca, os ovos e frutas em geral provêm das propriedades delas mesmas.

O grupo desenvolveu parcerias com o Polo Sindical de Borborema, a Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) e a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos de Reforma Agrária da Paraíba (Cooptera), esta, parceira do Procase, responsável pela assessoria técnica junto às Margaridas.

O grupo também desenvolveu parceria com o Projeto Cozinha Verde, que tem como eixo a alimentação segura e nutritiva, emancipação econômica de mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, e a agroecologia de base familiar. Realiza capacitação para a produção de alimentos voltados às pessoas com intolerância a glúten, lactose e para o público adepto à dieta vegana, sem ingredientes de origem animal, cuja base dos alimentos é composta de farinhas que não contêm glúten, sementes, cascas de frutas e verduras.

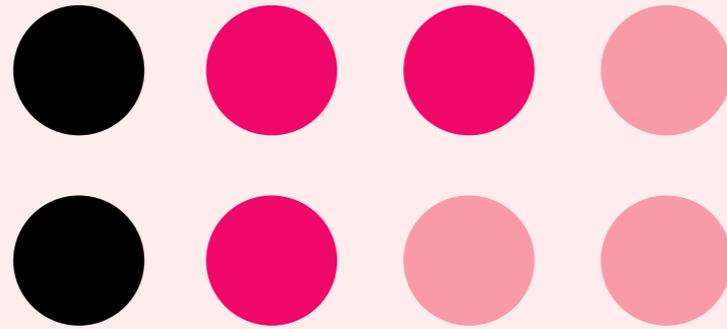


“
É MELHOR MORRER
NA LUTA DO QUE
MORRER DE FOME.
DA LUTA EU NÃO
FUJO.”

FRASE DE MARGARIDA ALVES, MULHER
QUE INSPIROU O NOME DO GRUPO DE
MULHERES DA COZINHA COMUNITÁRIA

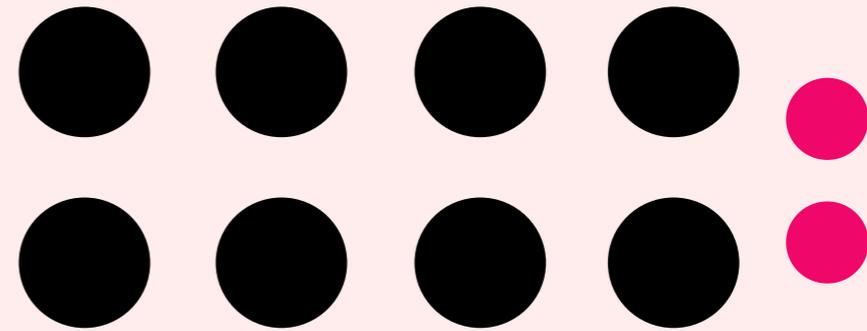


3 MULHERES SÃO CASADAS; 3 MULHERES SÃO SOLTEIRAS E 2 MULHERES SÃO VIÚVAS



ESTADO CIVIL

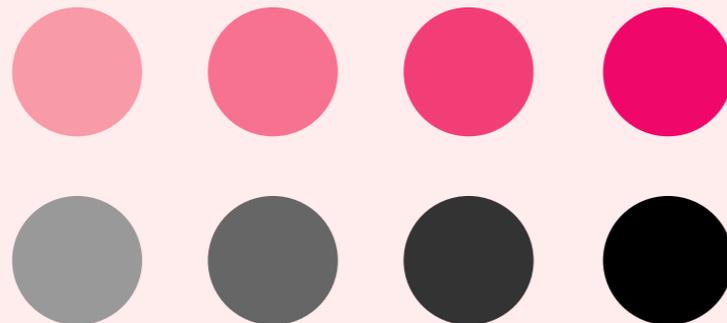
AS MULHERES TÊM UMA MÉDIA DE DOIS FILHOS CADA UMA



FILHOS(AS)

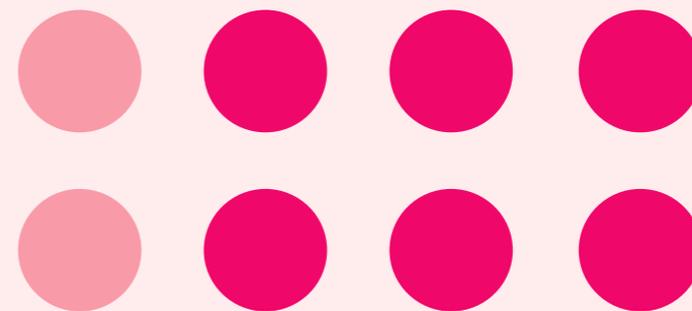
EXPERIÊNCIA FORMADA POR 8 MULHERES

IDADE



A IDADE MÉDIA DAS MULHERES É DE 41 ANOS, SENDO QUE A MAIS NOVA TEM DE 20 ANOS E A MAIS VELHA TEM 61 ANOS

COR



A MAIORIA (6) SE CONSIDERA PARDA E 2 SE CONSIDERAM BRANCAS

AS MARGARIDAS E O PROCASE: PARCERIA QUE DEU CERTO

1200
UNIDADES



As Margaridas comercializam, hoje, para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), além de fazerem refeições por encomenda e, por vezes, venderem na Feira Agroecológica os pastéis assados, sem glúten e lactose. Para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são entregues, em média, novecentas unidades, sendo trezentas unidades por semana, e 1.200 a cada quinze dias, de tapiocas de coco e de manteiga, e mais cem quilos de bolos de leite, mandioca, milho, maracujá, batata-doce, cenoura e goiaba, toda semana.

Para as vendas por encomenda, tanto para pessoa física como para jurídica, normalmente são produzidas refeições e, além disso, pastéis sem glúten, tapioca de forno, mugunzá, pamonha, canjica, beiju de forno e bolo de confeitaria.

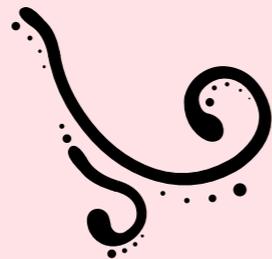
Nos últimos cinco meses, desde que o grupo fez o último contrato com o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), no valor de R\$ 19.500,00, e mais R\$ 6 mil em encomendas em geral, é possível considerar uma receita bruta mensal maior que R\$ 5 mil, para todo o grupo. Segundo informaram as mulheres, há uma média de despesas e gastos, por mês, de R\$ 2 mil, sobrando R\$ 3.100,00. Deste valor, R\$ 1.500,00 fica como reserva de capital e o restante é dividido entre elas. Portanto, cada uma recebe em torno de R\$ 250,00 por mês.

GERAÇÃO
DE RENDA
R\$ 170 MIL

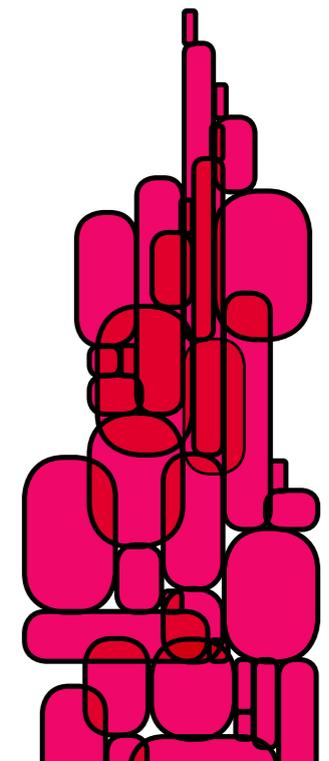
AO TODO, É O VALOR INVESTIDO, SENDO QUE, ATÉ SETEMBRO DE 2018, JÁ HAVIA SIDO INVESTIDO 35% DO VALOR PREVISTO, O QUE EQUIVALE AO MONTANTE DE R\$ 60.300,00.

Além dessas parcerias, o grupo recebe apoio do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú, conhecido como Procase, desde 2015, e tem como objetivo apoiar a estruturação da experiência da cozinha comunitária, visando a geração de renda, promoção de estratégias de desenvolvimento local de apoio à agricultura familiar, com foco em segurança alimentar e nutricional, fornecendo produtos de baixo custo que valorizem os hábitos alimentares já existentes no assentamento Oziel Pereira – tudo isso com sustentabilidade.

Como ferramentas para alcançar esses objetivos, está prevista a construção de uma cozinha comunitária e a aquisição de equipamentos e utensílios como: fogão industrial, forno, freezer horizontal, moinho industrial, liquidificador industrial, processador de alimentos, batedeira industrial, mesa em inox, armários, balança digital, bebedouro e refresqueira, além de capacitações em produção de alimentos, gestão e comercialização.



PROCESSO PRODUTIVO PARA ENTREGA NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR (PNAE)



NA ECONOMIA, COM AS VENDAS DA PRODUÇÃO AO PNAE E AS ENCOMENDAS PARA JANTARES E ALMOÇOS, ALÉM DOS SALGADOS VENDIDOS NA FEIRA AGROECOLÓGICA, FORAM SENTIDOS OS REFLEXOS DA GERAÇÃO DE RENDA COM A POSSIBILIDADE DE COMPRAR APARELHOS DOMÉSTICOS PARA AS SUAS CASAS; MOTOS E BICICLETAS, PARA GARANTIR A MOBILIDADE; E ANIMAIS PARA AMPLIAR SUAS CRIAÇÕES



COM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO, ELAS CONSIDERAM QUE HÁ MAIOR DIVISÃO DOS TRABALHOS REPRODUTIVOS E MENOS VIOLÊNCIA NOS LARES, E ISSO SE DÁ ESPECIALMENTE PELA PROMOÇÃO DO DEBATE E SENSIBILIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE ASSUNTOS RELACIONADOS À DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO, ASSIM COMO SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS



PARTICIPARAM DE CAPACITAÇÃO EM CONFEITARIA E RECEBERAM MULHERES DE OUTRAS LOCALIDADES PARA UM INTERCÂMBIO DE MULHERES RURAIS, PROMOVIDO PELO PROCASE, EM 2017. E, NOS DOIS ANOS ANTERIORES, DUAS REPRESENTANTES DO GRUPO PARTICIPARAM DO MESMO INTERCÂMBIO, EM OUTROS MUNICÍPIOS



AINDA EM 2017, O PROCASE REALIZOU UMA CAPACITAÇÃO DESTINADA A TRÊS MULHERES DO GRUPO, PARTICIPANTES DA COMISSÃO DE LICITAÇÃO, FORMADA COM A FUNÇÃO DE REALIZAR AS COMPRAS PREVISTAS NO PROJETO, COMO FORMA DE CONTRIBUIR PARA A AUTONOMIA E SUSTENTABILIDADE DESSA EXPERIÊNCIA



AS TRANSFORMAÇÕES NA VIDA DAS MARGARIDAS



A CONCLUSÃO DOS INVESTIMENTOS DO PROCASE TEM CAUSADO UMA PERSPECTIVA DE FORTALECIMENTO E PROJEÇÃO DO GRUPO AS MARGARIDAS. O ESPAÇO DA COZINHA TEM UMA ÁREA MAIS ABRANGENTE, DESTINADA À PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO. AS MULHERES PLANEJAM UTILIZAR ESSE ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO COMO UM "BISTRÔ RURAL", PARA SEREM VENDIDOS PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL, ALÉM DE SERVIR REFEIÇÕES



PARA FAVORECER ESSE PLANEJAMENTO, ESTÁ SENDO PROGRAMADO UM INTERCÂMBIO, EM 2019, SOBRE ESSA TEMÁTICA, PARA QUE POSSAM PROMOVER O TURISMO RURAL, TENDO EM VISTA QUE ESSA REGIÃO FAZ PARTE DE ROTAS TURÍSTICAS, COMO CAMINHOS DO FRIO E A ROTA GASTRONÔMICA DO BREJO. ESTÃO PREVISTAS TAMBÉM CAPACITAÇÕES EM PRODUÇÃO DE COMPOTAS E VIABILIDADE ECONÔMICA



O TURISMO RURAL SE APRESENTA COMO UMA POSSIBILIDADE DE GERAÇÃO DE RENDA, POR AMPLIAR O MERCADO LOCAL PARA O CONSUMO DE PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR, GERALMENTE ORGÂNICOS, E PROMOVER O RECONHECIMENTO DA CULTURA E DA DIVERSIDADE RURAL. É TAMBÉM UMA FORMA DE SENSIBILIZAÇÃO DO PÚBLICO EM GERAL PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E NATURAL DA AGRICULTURA FAMILIAR E DO CAMPESINATO



O GRUPO AS MARGARIDAS REPRESENTA UM EXEMPLO DE BOAS PRÁTICAS DE MULHERES MORADORAS DA ZONA RURAL, CONSIDERANDO QUE SUA HISTÓRIA SE DESTACA PELA PERSISTÊNCIA E CRIATIVIDADE NO PROJETO PRODUTIVO E COMERCIAL QUE VÊM DESENVOLVENDO, MESMO DIANTE DE TODOS OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR ELAS

“

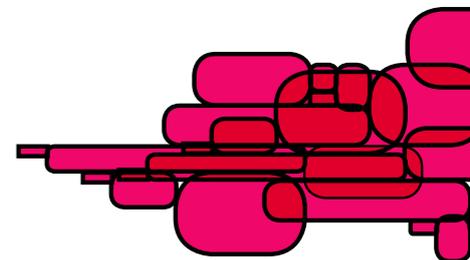
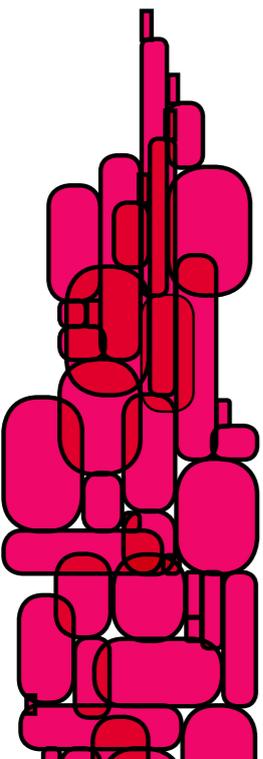
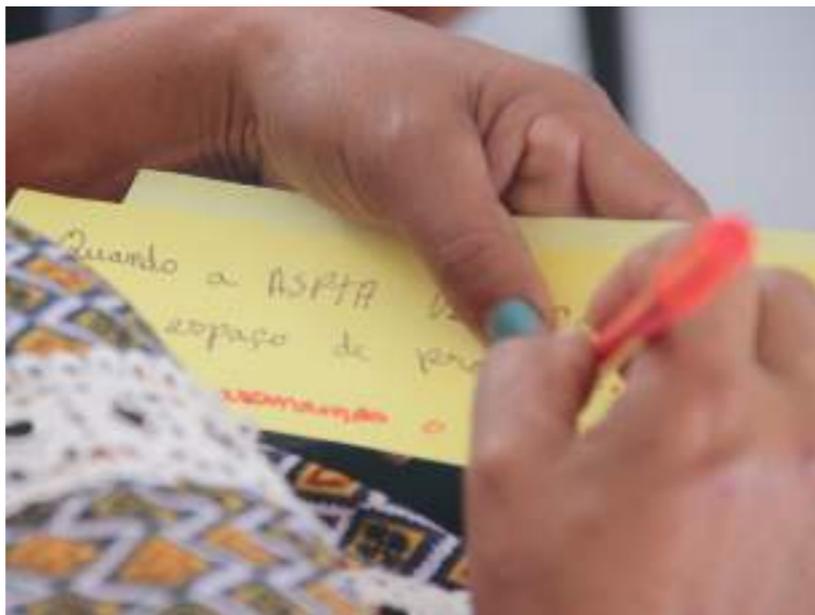
Pra nós, o que a gente acha que foi fundamental, foi a questão da participação enquanto mulher, pois muitas eram oprimidas, pra conseguir essa autonomia. Algumas de nós, era da casa pro roçado [...] hoje não, a Cozinha foi o momento de força e de libertação para muitas de nós”

ADILMA, 47 ANOS



AGRADECIMENTOS

Maria d'Oliveira (assessora de Gênero do Procace); Maria Aparecida Henriques (gerente de Desenvolvimento Humano do Procace); Samantha Pimentel (assessora em Comunicação do Procace); Kilma Silva (coordenadora da URGP de Curimataú); Andreane da Silva (técnica Coptera); e a todas as margaridas que fazem parte dessa experiência inspiradora.

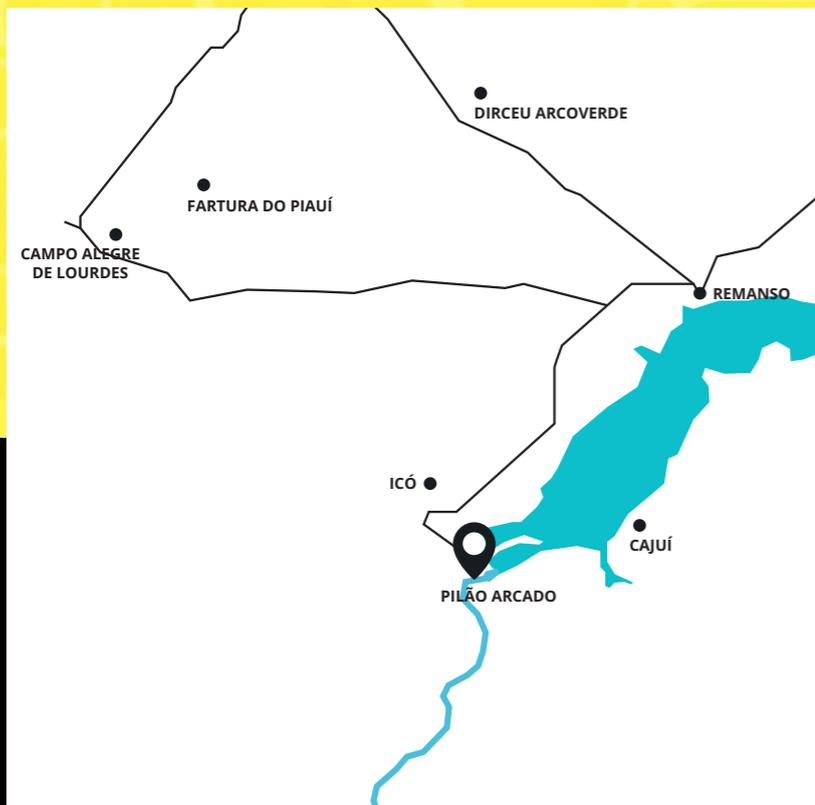




8.

O compartilhamento de saberes na Rede de Mulheres do Sertão de São Francisco

REGIÃO BENEFICIADA
PELAS AÇÕES DO
PROJETO PRÓ-
SEMIÁRIDO (PSA)



PILÃO ARCADO, LOCALIZADO
EM UMA DAS MARGENS DO
RIO SÃO FRANCISCO, NO
ESTADO DA BAHIA



REDE DE MULHERES DO TERRITÓRIO DO SERTÃO DE SÃO FRANCISCO E O PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO: UMA PARCERIA PELO EMPODERAMENTO DA MULHER

O Projeto Pró-Semiárido atua em 32 municípios do sertão baiano e é parte integrante de um conjunto de compromissos do Estado para avançar na erradicação da pobreza, levando serviços e investimento no valor de R\$ 300 milhões, por meio do cofinanciamento do Fida.

Orientado pelos princípios da agroecologia, estoque de água e de alimentos nas unidades produtivas e nas comunidades, associativismo e cooperativismo, inclusão de povos e comunidades tradicionais e agregação de valor aos produtos destinados aos mercados, tem a participação das mulheres e dos jovens como foco.

O projeto abrange 59 comunidades quilombolas, 56 comunidades de fundo e fecho de pasto, 53 assentamentos rurais, 288 comunidades de agricultores familiares e quatro comunidades indígenas.

O recurso destinado ao Componente Social e Humano representa 45,5% dos custos totais do projeto (R\$ 300 milhões). E, deste montante, 4,4% destina-se a gênero. O recurso específico para este domínio tem permitido ações destinadas à formação específica do tema, para técnicos e técnicas do

projeto e de instituições parceiras.

Têm sido realizados encontros de mulheres nos municípios da área de abrangência do projeto, para além da Rede de Mulheres.

Outras atividades da Assessoria de Gênero do Pró-Semiárido são a formação de jovens cirandeiros e cirandeiros, oficinas de jovens comunicadores e comunicadoras sociais, apoio a feiras, formação de jovens agentes comunitários rurais e produção de material de sensibilização a respeito das questões de gênero.

Ao todo, já passaram pelas oficinas sobre violência contra a mulher aproximadamente 380 mulheres, duas ou três representantes de cada comunidade rural dos municípios envolvidos. Essas assumiram o compromisso de serem multiplicadoras do conhecimento adquirido para, pelo menos, outra mulher. Muitas delas socializaram o conteúdo das oficinas em grupo de mulheres, reuniões em instituição de ensino e no contexto religioso, conforme apontaram durante a assembleia, em Pilão Arcado.

Esses temas das formações das mulheres que fazem parte da Rede são de extrema importância na região, tendo em vista os altos índices de violência contra as mulheres, já registrados. E, o que é importante nesse aspecto, é como as formações encorajam o grupo e impactam suas vidas, desde a dimensão afetiva à dimensão produtiva. E, nesse aspecto, é possível identificar, dentro da experiência da Rede, diversas iniciativas que têm gerado renda e autonomia econômica dessas mulheres.

“

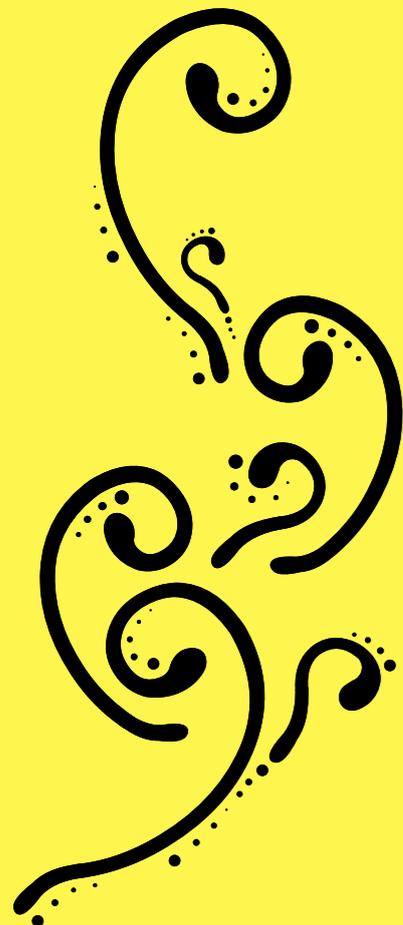
A formação foi para entender quem é a mulher. O que importa é descobrir qual é o seu lugar na sociedade, e depois você faz o que você quiser.”

MARGARIDA, REPRESENTANTE DO MUNICÍPIO DE REMANSO NA REDE DE MULHERES

“

Com a Lei Maria da Penha deu visibilidade. É pra comemorar o aniversário da Lei, pois antes existia violência do mesmo jeito que existe hoje, mas ninguém sabia. Hoje já não, nós temos as mulheres indo pra delegacia, procurando, denunciando.”

SOCORRO, REPRESENTANTE DA REDE DE MULHERES



PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO

O PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO ATUA JUNTO À REDE CONFORME AS DEMANDAS LEVANTADAS PELAS PRÓPRIAS MULHERES. AS FORMAÇÕES REALIZADAS PELA REDE DE MULHERES SÃO VIABILIZADAS COM ESSE APOIO E DE OUTRAS INSTITUIÇÕES, ALÉM DE RECURSOS PRÓPRIOS, LEVANTADOS A PARTIR DA VENDA DE RIFAS.

R\$ 67.750,00

FOI O RECURSO QUE VIABILIZOU A ORGANIZAÇÃO E EXECUÇÃO DAS FORMAÇÕES. O INVESTIMENTO DO PRÓ-SEMIÁRIDO ATÉ O INÍCIO DE 2019 FOI DE R\$ 32 MIL EM TRANSPORTE, R\$ 21 MIL EM ALIMENTAÇÃO, R\$ 10 MIL EM HOSPEDAGEM, E ALUGUEL DE TOLDOS PARA A REALIZAÇÃO DE FEIRAS NO VALOR DE R\$ 4.750,00.

2017 / 2018

A PARCERIA DO PROJETO COM A REDE FOI ESTABELECIDADA MAIS FORTEMENTE A PARTIR DE 2017, COM A ASSEMBLEIA DA REDE DE MULHERES, QUANDO DEFINIRAM A TEMÁTICA QUE TRABALHARIAM NO ANO DE 2018: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. FORAM REALIZADOS SETE ENCONTROS NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO, SENDO: JUAZEIRO, COM PARTICIPAÇÃO DE 76 MULHERES; REMANSO, COM 50 MULHERES; EM CAMPO ALEGRE DE LOURDES PARTICIPARAM 40 MULHERES; SENTO SÉ FORAM 40 MULHERES; CANUDOS E UAUÁ (FORAM REALIZADOS CONJUNTAMENTE) TIVERAM A PARTICIPAÇÃO DE 50 MULHERES; EM CASA NOVA FORAM 40 MULHERES; E, NO MUNICÍPIO DE PILÃO ARCADE, FORAM 84 MULHERES.



AS OFICINAS ACONTECEM EM DOIS DIAS, COM PROGRAMAÇÕES VOLTADAS PARA A DISCUSSÃO SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, EM QUE SÃO INFORMADOS ÀS PARTICIPANTES OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA PREVISTOS NA LEI MARIA DA PENHA: VIOLÊNCIAS FÍSICA E PSICOLÓGICA, SEXUAL, PATRIMONIAL E VIOLÊNCIA MORAL. ALÉM DISSO, AS OFICINAS PREVEEM UM PERÍODO COM UMA MESA DEBATEDORA, COMPOSTA POR AUTORIDADES LOCAIS, UMA PESSOA DA REDE DE MULHERES E REPRESENTANTE DE ENTIDADES/ONGS DE APOIO LOCAL. AINDA, NOS ENCONTROS SÃO REALIZADAS FEIRAS COM A PRODUÇÃO DAS MULHERES PARTICIPANTES.

“Companheira me ajuda/ Que eu não posso andar só/ Eu sozinha ando bem/ Mas com você ando melhor”. Essa é a ciranda entoada pelas mulheres da Rede que, de mãos dadas e em círculo, evocam a sabedoria do coletivo, a riqueza da solidariedade e da sororidade, a beleza e, em alguns casos, o amargor de ser mulher.

Assim foi iniciada a Assembleia da Rede de Mulheres do Território de Identidade do Sertão do São Francisco, no município de Pilão Arcado, estado da Bahia, em agosto de 2018 – ocasião em que foram coletadas as histórias para esta publicação.

Participaram 86 mulheres que, desde o primeiro momento desse encontro, estabeleceram o compromisso de apoio e encorajamento mútuo, e usaram o anel de tucum para simbolizar isso.

A história da Rede de Mulheres converge histórias de violência contra a mulher e da luta vivida em suas relações familiares desiguais. Ela se inicia em 1988, quando as mulheres do município vizinho, em Remanso, se uniram a partir da ONG Centro Luiz Nunes, ligada ao movimento eclesial da Igreja Católica.

Nessa época, com o apoio da igreja, começaram a fazer encontros para aproximar essas mulheres do município, para que pudessem se alfabetizar, tirar os documentos pessoais, pois a maioria delas não possuía carteira de identidade, ou mesmo para falar sobre saúde e higiene pessoal, por exemplo.

Diante de um contexto em que não eram ouvidas,

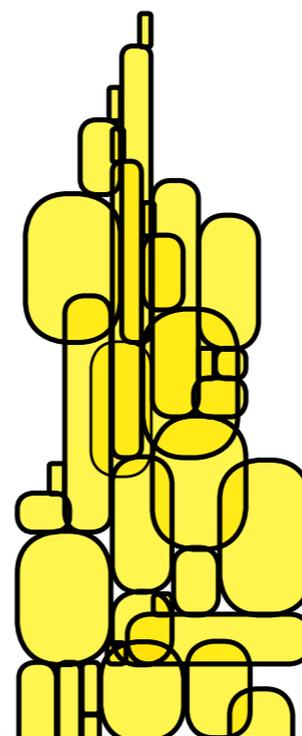
“

Aqui em Remanso, os homens matavam as mulheres como se matava bicho e largava pra lá, passava por cima e ninguém fazia nada. Às vezes a família pegava e enterrava, e ninguém fazia nada. O homem não saía daqui, continuava do mesmo jeito, não ia preso, não acontecia nada.”

FALA SOBRE A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA QUE AS MULHERES VIVENCIAVAM NESSA ÉPOCA

“
COM
VOCÊS
ANDO
MELHOR”

CIRANDA ENTOADA
PELAS MULHERES
DA REDE



elas decidiram organizar, no ano de 1997, uma marcha de protesto, um dos marcos da história da Rede. A manifestação teve o objetivo de chamar a atenção das autoridades para ações preventivas e punitivas a respeito da violência contra a mulher. Até o ano 2000, as mulheres estavam organizadas como um movimento, chamado Água Viva. Foi a partir de então, com apoio do Conselho Pastoral da Pesca (CPP) e da diocese local, que formaram a Rede de Mulheres a qual conectou mulheres dos dez municípios que fazem parte do Território Sertão

do São Francisco: Uauá, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho.

A Rede é uma organização política e social formada por mulheres artesãs, pescadoras, remanescentes quilombolas e agricultoras familiares. É composta de uma coordenadora geral, uma secretária e uma tesoureira, além de representantes de cada município, eleitas a cada dois anos.



CASA PRODUÇÃO DE MEL DO GRUPO.

“
PARA MUDAR
A SOCIEDADE
DO JEITO
QUE A GENTE
QUER,
PARTICIPANDO
SEM MEDO DE
SER MULHER.”

CIRANDA ENTOADA
PELAS MULHERES
DA REDE



GRUPO MÃOS
DE FADA

Nesses trinta anos de existência, a Rede teve como foco principal a formação social dessas mulheres, pensadas a partir de uma assembleia anual na qual reúnem-se todas as representantes dos municípios, lideranças e instituições parceiras da Rede, que atualmente são: a Igreja Católica; o Projeto governamental Pró-Semiárido; a entidade Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA); a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR); Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop), Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade (Sajuc) e a Central de Comercialização da Cooperativa da Caatinga.

Cada assembleia é realizada no município escolhido de acordo com as vulnerabilidades locais, com o objetivo de fortalecer o grupo de mulheres daquela localidade.

Cada representante relata as ações feitas durante o ano, promove-se uma formação política, além de construírem o planejamento das ações futuras, definindo conjuntamente o principal tema a ser abordado. Com o tema definido são organizadas oficinas nos municípios da região que, atualmente, são nove.

Os temas trabalhados pelo grupo são relacionados a assuntos de interesse das mulheres, como autoestima, cidadania, regularização da documentação e violência doméstica. Esse último foi escolhido em outubro de 2017 para ser trabalhado no ano de 2018. E é nesse contexto que o Projeto Pró-Semiárido, fruto da parceria entre o governo do estado e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida), tem apoiado fortemente a iniciativa de mulheres.

BALAIÓ DA CAATINGA: GRUPO PARA BENEFICIAMENTO DA MANDIOCA

Dez agricultoras familiares do município de Sento Sé, que trabalhavam na produção de mandioca para transformar em tapioca – matéria-prima para diversos quitutes na região – organizaram-se em um grupo conhecido como Balaio da Caatinga. Em 2008, por meio da Rede de Mulheres, realizaram uma capacitação para trabalhar esse beneficiamento de forma aprimorada.

Com esse apoio, puderam acessar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), com a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), fornecida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, após comprovação de vínculo a uma propriedade rural. Obtiveram, então, financiamento para construir uma cozinha equipada para o processamento da tapioca em produtos como sequilhos e biscoito de polvilho. Margarida nos conta, como representante do grupo, que “a intenção era que elas tivessem a própria renda e conseguissem se libertar um pouquinho”.

E, para comercializar esses produtos, estrategicamente, as dez mulheres se vincularam à Associação de Apicultores de Sento Sé, e puderam acessar o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Venderam os produtos por dois anos. Em seguida, já por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), via prefeitura, passaram a entregar os produtos nas escolas municipais, para serem consumidos pelas crianças.

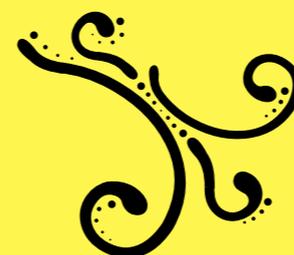
Além desse fornecimento mensal dos lanches nas escolas, o Balaio da Caatinga passou a fazer vender no comércio local, na vizinhança e nas feiras os sequilhos, biscoitos de polvilho e polpas de fruta.

E isso se deu depois que estabeleceram a estratégia de fortalecimento da rede curta de comercialização, juntando grupos de diferentes comunidades.

CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE COOPERATIVAS DA CAATINGA

Tudo começou quando a Central de Comercialização ainda se chamava Rede Sabor Natural do Sertão. O nome Central de Comercialização de Cooperativas da Caatinga surgiu em 2017, mas a semente dessa história foi plantada há quinze anos. Agricultores e agricultoras do Território Sertão do São Francisco, que faziam o beneficiamento de frutas, se organizaram para buscar conhecimento e negociar a venda de forma coletiva, e criaram a Rede Natural do Sertão. Hoje, o grupo tem diversas atividades produtivas, além do beneficiamento da fruta, há o beneficiamento da mandioca, de peixe, artesanato, e conta com uma loja de produtos da agricultura familiar, no centro do município de Juazeiro. O processo de formalização da Central e a construção do espaço de comercialização receberam apoio do Pró-Semiárido.

Diversos grupos produtivos da Rede de Mulheres foram fortalecidos com o apoio da Central de Comercialização de Cooperativas da Caatinga, o que abriu portas para firmarem novos contatos e parcerias.



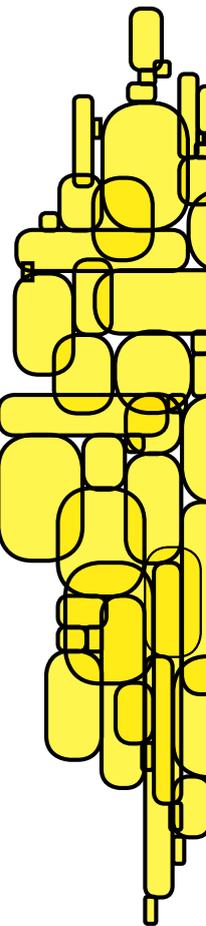
Continuando a história, Margarida diz: “a gente está vinculada a essa associação não só pra vender, mas pra articular com outros grupos, outras pessoas pra pautar algumas coisas no município. Alguém dizia assim: ‘mas vocês continuam fazendo isso por quê? Não rende, o dinheiro é pouco’. E eu respondo: porque nosso interesse não é apenas no dinheiro, mas na organização, na participação política, principalmente. É fazer com que você venha até nós, mas você não precisa ficar aqui conosco. Você tem que sair daqui e ir lá na sua comunidade e fazer multiplicar”.

Uilma é outra mulher que faz parte do Balaio da Caatinga. Também beneficia mandioca, mas em uma comunidade diferente de Margarida: “O beneficiamento financeiro é muito bom, mas o benefício do conhecimento é muito melhor. Com o ensino, a gente vai mais rápido”.

MULHERES DO GRUPO BALAIIO DA CAATINGA



VENDAS ANUAIS



GRUPO DE APICULTORAS MÃOS DE FADA SE ORGANIZA EM REMANSO, NA BAHIA

O grupo Mãos de Fada, do município de Remanso, foi formado por dezoito mulheres, mas numa atividade produtiva em um domínio bastante diferente do atual – elas faziam produtos de limpeza. Mas, devido à dificuldade de aquisição de matéria-prima e de acesso a pontos de comercialização, elas pararam a produção.

O grupo permaneceu organizado e, por meio da Rede de Mulheres, fizeram capacitações para produção apícola e, em 2009, foram beneficiadas do projeto da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e da Articulação Sindical, que forneceu em torno de cinco caixas de abelha para cada mulher. Foi aí que elas começaram a criar abelhas para produção de mel, própolis, cera e sabonete. Hoje já possuem oito caixas de abelha cada uma.

Em paralelo à atividade de apicultura, as mulheres trabalham fazendo bolo, geleia, mousse, doces, polpa, compota, licor e artesanato, e fornecem toda a produção para o PNAE, para a vizinhança, em feiras livres e para revendedores.

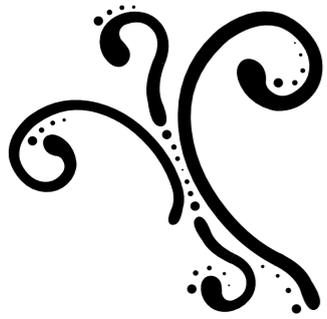
A produção coletiva é feita em um espaço equipado, conquistado por elas, em 2017, a partir do dinheiro arrecadado em um jogo de bingo. Mas a Casa do Mel deverá ser construída por meio de um convênio com a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), como parte de uma ação do Pró-Semiárido, o que trará maior qualidade e rapidez na lida com a produção das abelhas.

Somando-se ao cuidado com o meio ambiente, o grupo de mulheres, preocupado com o processo de desertificação, teve uma experiência com o recaatingamento, apoiada pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), bastante importante para a atividade produtiva que elas realizam.

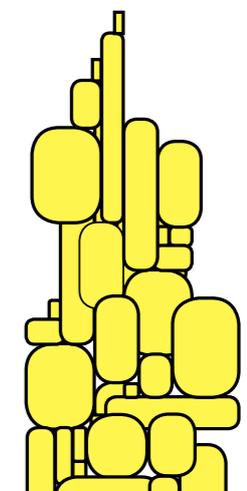
Essa atividade teve grande reconhecimento na comunidade e foi apontada como um importante fator de reconhecimento do valor das agricultoras familiares, o que refletiu seu empoderamento. Marly, uma das representantes do Balaio da Caatinga, falou demonstrando a força do grupo: “antes eu tinha vergonha de dizer que eu era agricultora, eu dizia que era doméstica. Hoje não. Hoje eu bato no peito e digo com orgulho: ‘eu sou agricultora’” (Marly, 47 anos).

AUTONOMIA

Há, na Rede de Mulheres, diversas outras experiências organizativas que têm gerado autonomia econômica para as mulheres, além das histórias dos grupos citados. Com as formações, tem aumentado a autoconfiança das mulheres. Hoje, elas buscam alternativas para conquistar não só sua autonomia financeira, mas também a autonomia do tempo, que possibilita que elas organizem seus próprios horários e, também, a autonomia para reivindicar a divisão justa do trabalho doméstico com a família.



ACIMA, MULHERES DIVIDIDAS EM GRUPOS POR MUNICÍPIOS PARA CRIAR ESTRATÉGIAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER - ASSEMBLEIA PILÃO ARCADEO.



O apoio do projeto Pró-Semiárido, fruto da parceria entre o Governo da Bahia e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (Fida), por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), e executado pela CAR, tem contribuído para que essa experiência se fortaleça e se multiplique. Todo esse investimento se traduz em renda, mas, principalmente, na transformação da vida dessas mulheres. Elas têm construído suas próprias histórias, comprometidas não somente com si mesmas, mas com a coletividade das respectivas comunidades e contextos de vida.

de boas práticas de mulheres, pois permeia todas as dimensões da vida, não somente econômica, como também sociopolítica, ambiental e cultural. E, reafirmando o compromisso da Rede de Mulheres – de enfrentar o padrão de identidade construído socialmente, em que se atribuem papéis aos homens e às mulheres somente por seu sexo.

Ivete, participante do grupo, de 67 anos, desabafa: “As mulheres, aqui, descobriram o que é desigualdade. A gente saiu da cozinha, porque, antes, era da cozinha pra roça. Hoje a gente descobriu que a mulher tem seu espaço, e não é mais só na cozinha, não”.

Esse exemplo da Rede de Mulheres é um típico caso



FEIRA FEMINISTA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA REALIZADA DURANTE A ASSEMBLEIA DA REDE DE MULHERES NO MUNICÍPIO DE PILÃO ARCADO.

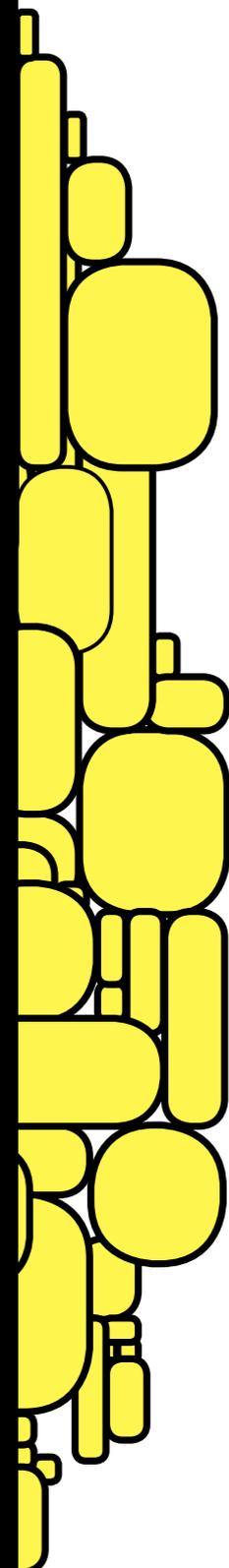


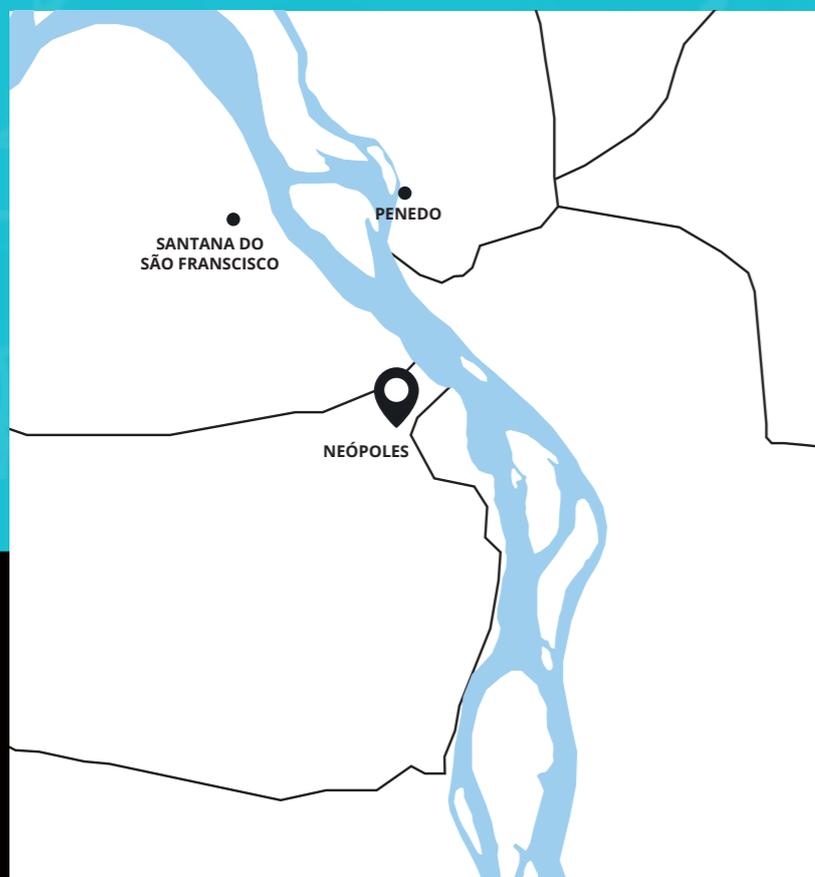
ASSEMBLEIAS DE MULHERES NO MUNICÍPIO DE PILÃO ARCADO.



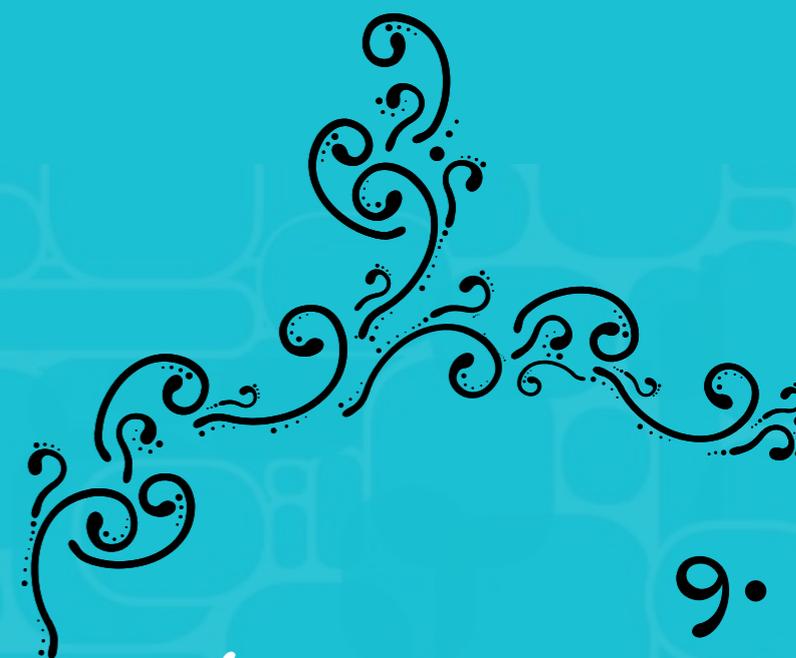
AGRADECIMENTOS

A Ana Elizabeth Souza Silveira de Siqueira (assessora de Gênero do Pró-Semiárido); Audarian Menezes (técnica Sasop); Gisele Maria de Oliveira de Santos (técnica Sasop); Maria do Socorro Santos (coordenadora da Rede de Mulheres); Sheyla Dantas (responsável pelo financeiro do escritório de Juazeiro, Pró-Semiárido); Jaqueline Soares (assessora na Formação das Mulheres da Rede); Domingos Ramos (técnico local do IRPAA, em Sento Sé); todas as mulheres que fazem parte dessa bela experiência da Rede, especialmente Margarida, do Grupo de Sento Sé, e Marli, do grupo Mãos de Fada.





A ASSOCIAÇÃO FICA NA
COMUNIDADE PASSAGEM
- UMA VILA DE OPERÁRIOS
DA FÁBRICA DE TECIDOS
GONÇALVES, NO MUNICÍPIO
DE NEÓPOLIS/SE.



9.

A força da busca das formiguinhas

MULHERES DO BAIXO SÃO
FRANCISCO SUPERAM A
POBREZA PRODUZINDO
ARTESANATO, COM O
APOIO DO PROJETO
DOM TÁVORA





O principal produto da Associação Artesanal Formiguinhas em Ação é o artesanato produzido com a folha da palmeira do ouricuri. Dois elementos tornam essa experiência no Semiárido sergipano exitosa: a busca por parcerias que ajudam na transformação de uma simples atividade produtiva manual em um verdadeiro empreendimento. Para além, geraram renda sem impacto ambiental negativo.

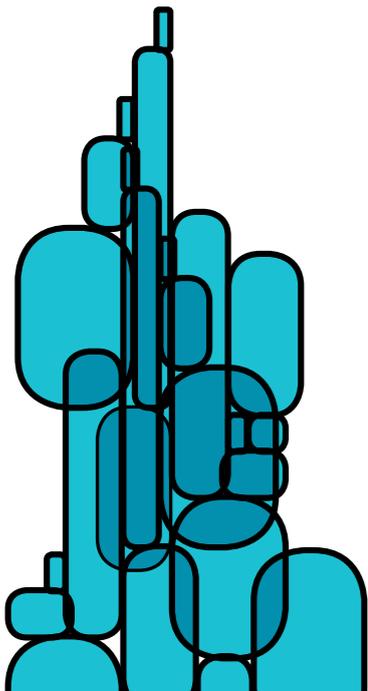
O trajeto das mulheres apresenta três fases: a primeira, entre 2002 e 2005, com produção informal; entre 2005 e 2016 aprenderam noções de mercado, aperfeiçoaram seus produtos e formalizaram a Associação com apoio do Sebrae. Com a intervenção do Projeto Dom Távora – financiado a partir de 2017 pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e pelo Governo do Estado de Sergipe – foi finalmente possível agregar máquinas e equipamentos para aumentar a produção, ampliar o número de participantes no grupo produtivo para 22 artesãs e ampliar a diversificação dos produtos.

A associação fica na comunidade Passagem – uma vila de operários da Fábrica de Tecidos Gonçalves, no município de Neópolis/SE.

TRANÇANDO NAS LACUNAS

O Plano de Investimento Produtivo para a associação visava cobrir lacunas que não puderam ser cobertas por outros parceiros, em particular, a expansão da coletividade e o reconhecimento pela divulgação.

Liberou, para tal, recursos financeiros para aquisição de máquinas de costura industrial, motores, serras e suprimentos para produção dos artesanatos, como tinta, tecidos, lixas, agulhas, pincéis, massa etc. Promoveu também eventos de capacitação e assistência técnica. Abaixo, suas quatro linhas de ação:



MATÉRIA-PRIMA

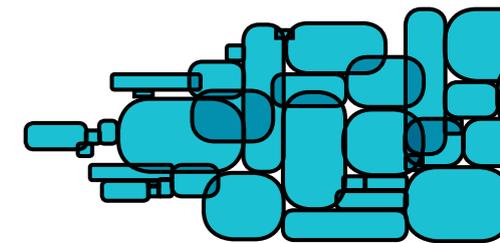
Rubencie Pereira de Santana gosta de narrar a história da Associação. O grupo surgiu há quinze anos, quando quatro moradoras da Vila Operária da Passagem bordavam tiras de sandálias de borracha com miçangas para revenda. Para isso recebiam R\$ 0,50/sandália. Depois passaram elas mesmas a bordar e vender as sandálias, que eram comercializadas na feira livre do município.

Cansadas dessa rotina, decidiram que era chegada a hora de dar novo rumo à sua vida. Aprenderam a produzir profissionalmente o artesanato com a palha do ouricuri, planta abundante na região.

No início foram buscar empréstimo no Banco do Nordeste e qualificação no trançado da palha de ouricuri com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Sabiam, então, fazer cestos, calcular seu preço, comercializar – porém, seus produtos começaram a mofar no inverno. Com alunos do curso de Química da Universidade Federal de Sergipe, aprenderam a preparar a palha para ficar resistente a fungos, valorizando a qualidade dos seus produtos.

O grupo foi crescendo e, em 2007, formaram a Associação Artesanal Formiguinhas em Ação.

Sem deixar de reconhecer a contribuição dos parceiros em todas as fases, este relato trata da intervenção do Projeto Dom Távora (PDT) a partir de 2017, criado para apoiar Planos de Investimentos Produtivos com recursos do Fida.



“

Enquanto nossos maridos estavam na fábrica de tecelagem, nós ficávamos em casa sem perspectiva pessoal nenhuma.”

FALA DE RUBENICE PEREIRA

A primeira visita técnica às instalações da Associação causou boa impressão ao técnico do PDT, dada a qualidade do artesanato e o alto nível de organização do grupo. Por outro lado, o grupo carecia de equipamentos, de reserva de matéria-prima e de acessórios para manter regularidade na produção. Uma ampliação do número de membros exigiria nivelar as habilidades entre antigos e novos participantes. Pouco se fazia para divulgação.

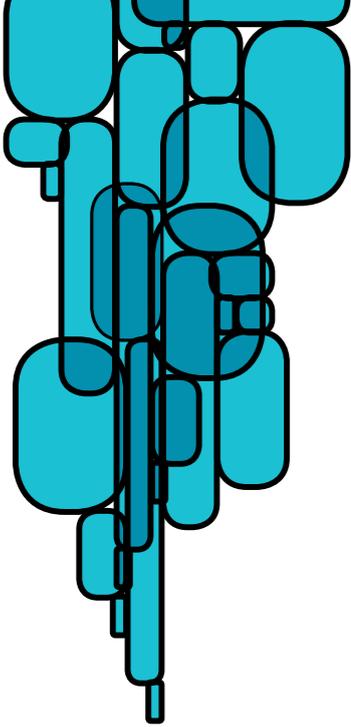
Em reunião com todos os membros, o Projeto Dom Távora se propôs a fazer investimentos financeiros para potencializar essa iniciativa produtiva. Para tanto, seria necessário ampliar o grupo. No entanto, os recursos se aplicam apenas para indivíduos favorecidos por programas sociais ou Declaração de Aptidão (DAP) – um dos critérios adotados pelo Dom Távora para seleção de beneficiários.

Para a elaboração do Plano de Investimento, a coordenação estadual do PDT contratou a consultora Erika Leão de Oliveira, do Programa Nacional das Nações Unidas para o Desenvolvimento. “Foi rico o envolvimento das mulheres no processo de elaboração do projeto. Elas fizeram um resgate da trajetória do grupo, e enxergaram nessa trajetória suas possibilidades e potencial”, explica.

A consultora técnica reconhece que o fato de não ser especialista no negócio de artesanato limitou o plano de intervenção, o que compensou elaborando o projeto de modo participativo. Outro fator negativo foi o Plano não ter contemplado o aluguel ou compra de loja fora da Vila Operária – uma demanda antiga das artesãs – “porque iria elevar o custo do projeto”, segundo o testemunho delas.



Ainda em andamento em novembro de 2018, a fase de implementação já concretizou a formação de uma equipe de licitações para compra de materiais. Esta adquiriu os primeiros equipamentos, como máquinas industriais de costura e bordado, além de diversos suprimentos, totalizando 88 itens. A equipe promoveu ainda capacitação para uso dos novos equipamentos e para gestão social e financeira do projeto, por meio do Instituto de Assessoria ao Desenvolvimento Humano (IADH), em contrato com o PNUD.



A intervenção atraiu novas artesãs, com habilidades diferentes. Para manter o nível de qualidade, as estreates seguem cursos de formação e trabalham com maior regularidade. Agora existem subgrupos especializados na produção de luminárias, croché, panos de prato, biscuit, ponto cruz e pintados. “Não ficamos dependendo apenas do produto da palha,” diz a tesoureira Jaqueline Santos.

As próprias mulheres artesãs identificam resultados qualitativos a nível coletivo: ampliação e diversificação dos produtos – com melhor acabamento; acréscimo da palha de ouricuri em produtos que já faziam; melhoria na apresentação do produto e da embalagem; melhor controle da produção e do estoque. São evidências do amadurecimento da gestão do negócio, que inclui calcular o preço do produto e a divisão de tarefas.

Para essa sistematização, não foi possível acessar o diagnóstico anterior ao PDT feito pela Empresa de Desenvolvimento Agropecuário do Estado de Sergipe (Emdagro), responsável pela monitoria – impedindo comparar o efeito das ações. Pois, também para o acompanhamento do projeto, a presença mais constante do técnico prova ser um desafio.

A associação Formiguinhas não dispõe de planilhas de controle da produção e estoque; o controle é feito por meio de livro caixa comum. Estão aguardando os equipamentos de informática, previstos no projeto, para um controle mais organizado.

AJUSTES

Uma das singularidades do grupo é a busca e



Para o nome, nos inspiramos na fábula das formigas que trabalham cooperando umas com as outras no verão, para terem reserva de alimentos no inverno. Também tem a ver com a colheita: no inverno não tem como fazer a secagem da palha. Por isso temos que fazer um estoque no verão, igual às formiguinhas”.

A ORIGEM DA METÁFORA, CONFORME A PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO, ALEXSANDRA DA SILVA.



“

Ganhamos muito tendo um grupo de licitação próprio. Está sendo difícil, porque nunca tínhamos feito isso, mas, com a ajuda do Projeto Dom Távora, vamos chegar ao final de todas as compras com mais esse aprendizado.”

TESTEMUNHO DE LIGIA OLIVEIRA,
DA COMISSÃO DE LICITAÇÃO.

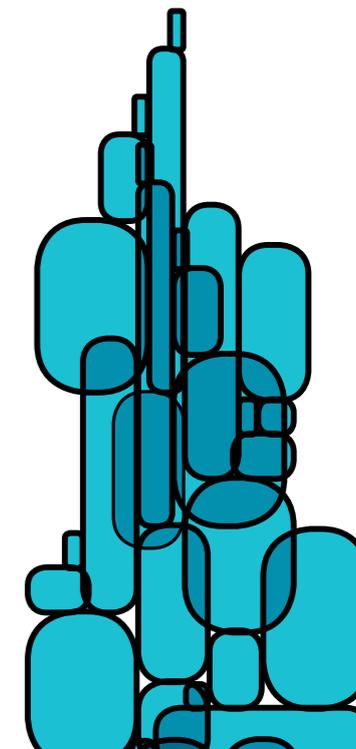


implementação de medidas de organização e controle da instituição e da produção. O Componente Desenvolvimento de Capacidade do PDT realizou assessoramento para construção de planilhas de controle de estoque. A assessoria do Projeto Dom Távora introduziu planilhas de controle de estoque. Ensinou ainda controle da produção (quantidade, tipo do produto e nome da artesã) – ambas adições ao já existente livro de caixa – controlado mensalmente. O próximo passo será criar uma planilha com o controle de estoque dos insumos.

Outro ponto forte do grupo é a divisão de tarefas tanto gerenciais quanto produtivas – com equipes de direção, conselho fiscal, comitê de controle do Projeto Dom Távora, equipe de licitação e equipe de limpeza. Formiguinhas.

Dos 24 associados, dois são homens e cuidam da coleta das palhas, e 22 são mulheres organizadas conforme a expertise de cada uma. Quinze delas produzem artesanato de palha – com capacidade de quarenta peças por mês, enquanto duas pintam cem peças em tecido. No mesmo período, quatro mulheres trabalham com biscuit, originando cinquenta peças, mas bastam duas crocheteiras para cinquenta artigos e somente uma para cinquenta luminárias artesanais.

A maioria das participantes, entre 29 a 45 anos, consideram-se em plena vida ativa. Não reconhecem como fator limitante apenas três delas serem mais jovens. Limitante, sim, consideram o próprio baixo nível educacional, assim como não terem com quem deixar os filhos para participar das atividades coletivas.



AUMENTO DA RENDA

Do ponto de vista individual, é evidente a melhoria da autoestima das mulheres: hoje, contribuem para a renda familiar e têm uma especialização profissional. Rubenice Pereira, vice-presidente, relata:

“Eu acordo cedo, cuido da casa, preparo as crianças para a escola e vou trabalhar no artesanato. Trabalho de oito a dez horas por dia, feliz com os resultados. Grande parte do material de construção de minha casa própria foi adquirida com a venda de artesanato e dos cursos de artesanato que dei. Fui contratada pela Secretaria de Estado da Ação Social para ensinar o trançado em palha em outros municípios. Eu não esperava esse convite do governo para ser instrutora de artesanato em palha de ouricuri. Foi uma experiência muito feliz.”

Já é a segunda associada que conseguiu deixar a vila operária e compraram a casa própria. As outras já adquiriram eletrodomésticos, motocicletas e contribuem na renda familiar.



O grupo avalia como fatores contributivos para o fortalecimento da organização a iniciativa de terem buscado parcerias a cada dificuldade que encontraram. Para além, as mulheres têm consciência da igual importância da união do grupo, sua expertise artesanal, assim como da atuação da coordenação e do grupo.

Com seis tipologias de artesanato, produzem peças cujo custo varia entre R\$ 7,00 um pano de prato a R\$ 100,00 uma mandala grande. Pelo controle do livro caixa da associação, as artesãs novatas têm renda entre R\$ 150 a R\$ 200. Já as mais antigas, com maior habilidade na produção, conseguem produzir mais e alcançar uma renda mensal entre R\$ 300 a R\$ 500. Recebem do que conseguem produzir e repassam uma parte para o fundo rotativo da associação.

Segundo o regulamento interno do grupo – que elas seguem fielmente – toda associada contribui mensalmente com R\$ 20,00, sendo R\$ 5,00 em espécie e R\$ 15,00 em peças, resultando em R\$ 440,00 de renda para o caixa da associação. Além disso, devolvem para o fundo rotativo o valor da matéria-prima utilizada.



Pelo regulamento, ainda, cada artesã tem o compromisso de entregar no mínimo cinco peças para venda por mês, totalizando cento e dez peças. Tomando o preço médio estimado por elas de R\$ 30,00 a peça, atinge-se o valor de R\$ 3.300,00 em peças/mês.

Em novembro de 2018, período de elaboração deste artigo, a associação estava com um estoque de 153 peças artesanais à venda na sede, o que soma R\$ 3.810,00.

A comercialização é um gargalo. A loja física fica na vila operária, difícil de localizar. Para incrementar os negócios, esperam pela criação de uma loja virtual – prevista no projeto, mas ainda não implementada.

A associação é cadastrada no Programa do Artesanato Brasileiro do Governo Federal, que dá direito de participação em feiras em Aracaju, Belo Horizonte, São Paulo – além das feiras regionais e locais. Nessas ocasiões conseguem triplicar o rendimento normal do mês, pois a qualidade do seu artesanato virou referência.

Cogitam um plano de sustentabilidade para o grupo, ou a criação de um fundo de autonomia financeira, como evolução do atual fundo rotativo, já pensando na continuidade após o Projeto.



OURICURI

A principal matéria-prima deste artesanato vem da natureza: a folha da palmeira ouricuri. Mas isso não é motivo de preocupação ambiental, porque o grupo adotou como princípio o extrativismo sustentável da palha, para não causar morte prematura da planta e a extinção da espécie. Consequentemente, retiram apenas uma folha nova por planta, com uma coleta por ano na mesma planta, além da alternância das áreas geográficas de coleta. Com essas medidas, preservam cerca de 600 plantas por ano, visto retirarem 100 palhas – o equivalente ao número de plantas para as seis coletas anuais.

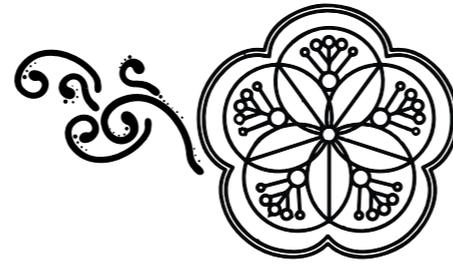
Outro fator contribuinte para a sustentabilidade foi a diversificação do artesanato. Assim, um número cada vez maior de plantas pode ser preservado. Entretanto, a coleta predatória para artefato de vassouras, ainda praticada na região, leva à morte plantas jovens.



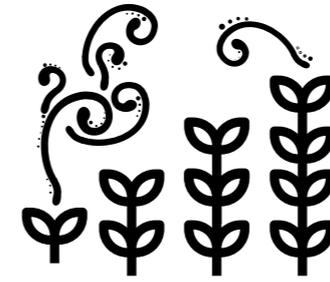
PARA COMBATER OS FUNGOS DA PALHA NATURAL JÁ SECA, APLICAR UM TRATAMENTO COM ALHO E AMACIANTE, DEPOIS DAR CHOQUE TÉRMICO EM ÁGUA COM ÁLCOOL



SEGUIR UM CURSO PARA APRIMORAR O ACABAMENTO, POIS AGREGA VALOR ÀS PEÇAS



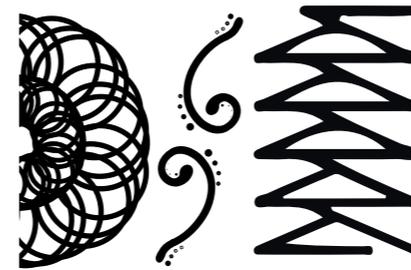
MANTER A QUALIDADE DOS PRODUTOS, MESMO QUANDO O GRUPO SE EXPANDE



LIÇÕES TÉCNICAS



DIVERSIFICAR OS PRODUTOS, EM ALINHAMENTO CONSTANTE COM O MERCADO



COMBINAR A PALHA COM OUTROS MATERIAIS, PARA POUPAR AS PALMEIRAS.

REMATE

Tratamos aqui de um grupo de mulheres artesãs de baixa renda familiar que formou uma associação em uma vila operária, no município de Neópolis/SE, onde indicadores sociais são baixos. Com mais de 80% da população vivendo do programa Bolsa Família, quase 30% dos jovens não trabalham nem estudam, contribuindo para o índice de analfabetismo de 22,7% da população.

Foram em busca de parcerias para realizar aquilo que acreditavam. Conquistaram o local para produção, cedido em comodato pela Fábrica de Tecidos Peixoto; conseguiram empréstimos no Banco do Nordeste, obtiveram recursos financeiros pelo Projeto Dom Távora. Quando foi preciso combater os fungos da palha seca, o grupo procurou a Universidade Federal de Sergipe.

Para suprir a necessidade de organizar o grupo de produção e realizar a institucionalização da associação, encontraram ajuda no Sebrae e na Emdagro. Todas as dificuldades foram superadas ao longo do tempo graças a essa “força da busca”.



LIÇÕES DE GESTÃO



FORMALIDADE
NA INFORMALIDADE, O GRUPO NÃO AVANÇA. SÓ QUANDO CRIADA A ASSOCIAÇÃO, FOI POSSÍVEL FAZER PARCERIAS INSTITUCIONAIS



VENDAS
O GRUPO AINDA SENTE FALTA DE UM REPRESENTANTE COMERCIAL PARA IMPULSIONAR AS VENDAS, MAS ESSA DEMANDA NÃO FOI PERCEBIDA NA ELABORAÇÃO DO PROJETO



PRECIFICAÇÃO
PREÇO JUSTO É A SOMA DO VALOR DOS INSUMOS UTILIZADOS COM O NÚMERO DE HORAS TRABALHADAS.

10 • Agradecimentos

A gratidão é um sentimento especial. Desde que iniciamos a busca por histórias de mulheres que fazem a diferença na vida de outras mulheres ou na comunidade em que vivem, que este sentimento de gratidão está conosco.

Chegando ao final desta publicação, queremos agradecer a muitas pessoas especiais que fizeram dessa ideia, uma linda publicação que está em suas mãos. Gratidão às duas consultoras, Sarah e Ana Paula, que colocaram o pé na estrada visitando todas as cidades com tantas histórias enriquecedoras, e registraram mais que os fatos e fotos, elas entenderam os sentimentos das mulheres em cada conversa feita e conseguiram transcrever cada emoção.

Agradecer também a todos os Projetos apoiados pelo FIDA, no nome de todas as coordenações e das assessoras de gênero, que facilitaram as viagens, as visitas e as conversas em busca dos registros desses lindos e fortes relatos, são elas, Elizabeth Siqueira (Projeto Pró Semiárido, na Bahia), Maria d'Oliveira e Maria Aparecida e Samantha Pimentel (Projeto PROCASE, na Paraíba), Julia Aires e Lucia Araujo (Projeto Viva o Semiárido, no Piauí), Graciete Gonçalves e Geraldo Firmino (Projeto Dom Helder Câmara, em Pernambuco) e Francisca Sena, Rocicleide Silva (Projeto Paulo Freire, no Ceará) e Amarize Soares e Ednilson Barbosa (Projeto Dom Távora, em Sergipe).

De forma muito especial, nossa gratidão ficará registrada aqui a cada uma das mulheres citadas nessas histórias inspiradoras que este livro carrega, pois foi por meio das dores e das alegrias delas que hoje podemos mostrar para outras mulheres e homens exemplos reais de que sempre vale a

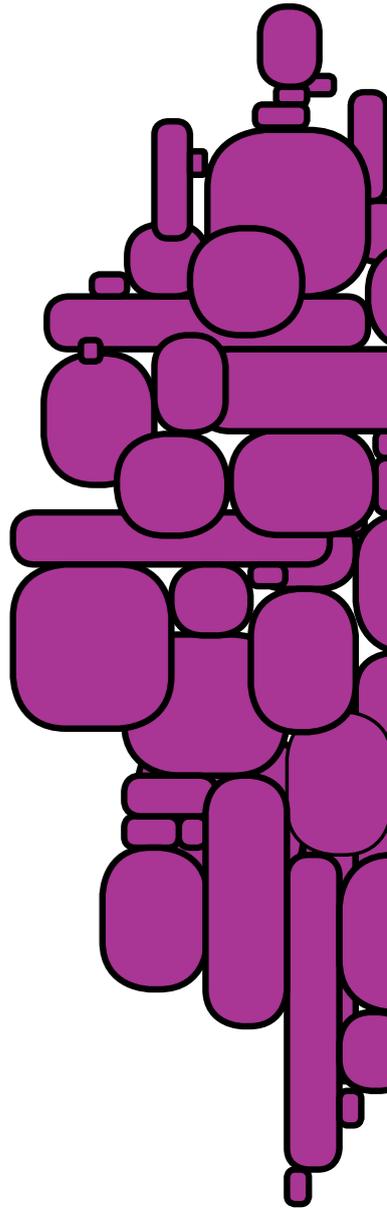
pena resistir, acreditar e lutar pelo seu ideal. Que vale a pena sonhar em grupo e unir-se por um mundo com mais justiça, respeito e igualdade perante mulheres e homens.

São exemplos que juntas podemos transformar sonhos em realizações. As histórias aqui registradas tem uma função política e social para as mulheres, que servem de inspiração para seguir em frente, unidas, em uma sociedade que necessita cada vez mais de boas causas e bons ensinamentos.

O Programa Semear Internacional tem um papel estratégico, que visa à troca de experiências entre pessoas e países, e pensou que ao divulgar histórias de mulheres lutadoras e vencedoras, conseguiria muito mais que intercambiar bons exemplos, passando a ressignificar vidas por meio de lições de grandes mulheres.

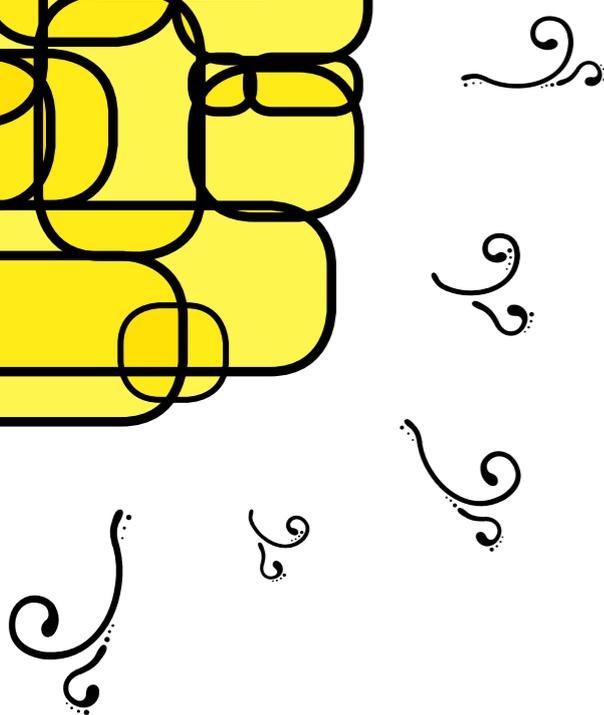
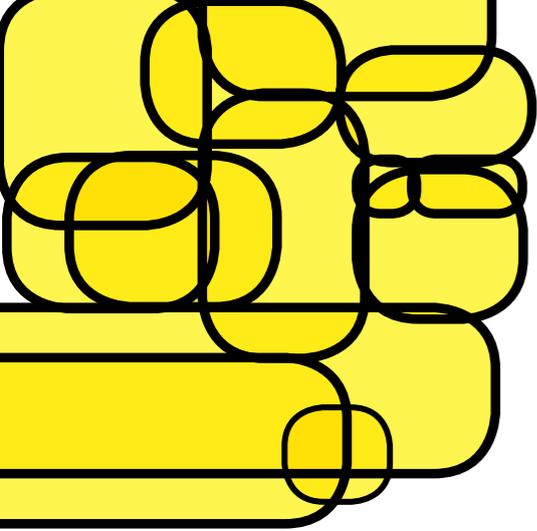
O FIDA, muito se alegra em poder colaborar com a disseminação desses casos. Saber que os projetos que o FIDA apoia vem modificando a realidade de mulheres, meninas e comunidades rurais, é sem dúvida nossa maior meta alcançada. E ressaltamos aqui, que os avanços sociais, políticos, financeiros e tecnológicos alcançados por estas mulheres, mudam diretamente a qualidade de vida dos seus familiares, com mais saúde, segurança, lazer e reforça o empoderamento das mulheres na sociedade.

Nosso muito obrigada a cada uma das pessoas envolvidas nestas boas práticas aqui contadas, sem vocês não conseguiríamos que estas histórias estivessem em tantas mãos nesse momento.



ESSA
CIRANDA
NÃO É MINHA
SÓ, ELA É DE
TODAS NÓS!





REALIZAÇÃO

